3

O genio e o talento na pathologia

147/3 F47

Antonio Augusto Esteves Mendes Corrêa

O genio e o talento na pathologia

(ESBOÇO CRITICO)

Dissertação inaugural á Faculdade de Medicina do Porto

A medicina e a critica. — Conceitos do genio e do talento. — A historia da questão da morbidez do genio e do talento. — As doutrinas de Moreau (de Tours) e de Max Nordau. — A doutrina de Lombroso. — O genio e o talento nos alienados. — Conclusões.

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

1911

147|3 FMT

C'est une bien triste mission que d'avoir à déchirer et à déchiqueter l'un après l'autre, avec les ciseaux de l'analyse, tous ces voiles multicolores dont l'homme se pare et s'illusionne dans son orgueilleuse petitesse; et assister, le sourire du cynique aus lèvres, à l'écroulement des idoles aimées, à l'évanouissement des rêves les plus doux! Mais la religion du vrai est elle-même si fatale!

LOMBROSO — Edição francesa do seu lfvro sobre o *homem de genio*, pag. 1.

Para servir de dissertação final do meu curso medico, redigi em poucos dias, durante o afanoso periodo dos meus actos de 5.º anno, este desvalioso trabalho, que é um modesto esboço critico das doutrinas que estabelecem a natureza pathologica do genio e do talento.

A pressa com que elaborei esta derradeira prova escolar é a melhor desculpa que posso dar para os seus evidentes defeitos. Recáia a responsabilidade destes sobre quem não quiz ouvir as justas reclamações academicas para a abolição das theses, ao menos neste periodo transitorio em que a distribuição dos trabalhos escolares não dá tempo bastante para a confecção tranquilla e vagarosa destas dissertações.

Figura no presente livro um capitulo especial sobre o genio nos alienados, devido ao meu esforço pessoal, amparado pela boa vontade dos srs. drs. Caetano Beirão, Magalhães Lemos e Julio de Mattos. Dir-me-hão que é incompleto e não contem observações detalhadas e rigorosas de casos clinicos. A minha resposta consistirá em chamar a attenção para o subtitulo deste livro. Trata-se dum mero esboço critico e não dum trabalho especial de observação clinica. Aproveitei desta pouco mais do que me era estrictamente necessario para os meus commentarios, e puz de parte o resto. Era o que me competia fazer. Do contrario, precisaria para a elaboração

desta obra dum tempo que não tive e alonga-la-hia com explanações inuteis para o seu ponto de vista e por demais enfadonhas para o paciente leitor.

Apparecerá quem diga tambem que é de pequena utilidade este meu trabalho. A esses responderei que a sciencia não é essencialmente utilitaria, mas procura acima de tudo a verdade. E — como diz Taine, e Lombroso repete — não é sempre necessario que a verdade seja util.

I

Introducção: A medicina e a critica. — Os homens superiores julgados pelos seus creados de quarto; opinião do mundo erudito; um silencio significativo; a theoria atavica do crime e a da psychose genial de Lombroso; um julgamento summario e parcial. — O medico e a critica; o medico e a sociologia; o medico e a psychologia; a historia da psychologia e da psychiatria; da antiguidade a Pinel; uma superstição; o padre e as actividades do espirito; Ambroise Paré e a origem sobrenatural da loucura; os progressos operados modernamente na psychologia e na psychiatria. — A medicina na litteratura e na arte; D. Quixote doente de espirito; os protogonistas do theatro grego julgados pela sciencia; exemplares pathologicos na litteratura latina; na edade media; na Renascença, com Raphael, Rubens, Andrea del Sarto, etc.; em Shakespeare — o rei Lear, a lady Macbeth, a melancholia de Hamlet; na litteratura classica — o impersonalismo das figuras de romance e de theatro; os personagens satyricos de Molière; o naturalismo de Balzac — a loucura de Grandet, o sexualismo repugnante do barão Hulot, a mania de Pons, uma vidente, a nevropathia do heroe do *Lys dans la vallée;* o romantismo e a descripção pathologica; o naturalismo e o realismo; a litteratura franceza moderna e a pathologia; Karr, Flaubert, Claretie, Goncourt, Paul Bourget, Hector Malot; as doenças na obra de Zola; a pavorosa degenerescencia hereditaria nos Rougon Macquart; na litteratura russa; Dostoiewsky; nos escriptores scandinavos; Bjornson; Ibsen; Sarcey criticando o *Pato Bravo;* na moderna litteratura portuguêsa; parnasianos, romanticos e poetas lyricos; na obra de Guerra Junqueiro; em Camillo; os personagens de Eça de Queiroz; casos pathologicos e typos sociaes; os sexuaes em Abel Botelho; o Manoel dos *Gatos,* de Fialho; em João Grave, Antonio Nobre, Antonio Patricio, etc.; no drama de Marcellino de Mesquita e Julio Dantas; na estatuaria, *Caim* e a *Ophelia* de Teixeira Lopes. — A critica scientifica; opiniões de Maurice de Fleury e do dr. Toulouse.

São velhos e banaes os conceitos de que «não ha grandes homens para os seus creados de quarto» e de que as creaturas de mentalidade superior «não teem o juizo todo». A não ser que uma idolatria

apaixonada, motivada as mais das vezes por uma conformidade de opiniões, venha suspender um tal criterio depreciativo, a cada passo se apontam, a meia voz e entre risinhos ironicos, excentricidades, manias bizarras, singularidades intimas, extravagancias ridiculas de creaturas notaveis, o que se leva tudo á conta de perturbações de saude mental.

Estes juizos populares, que veem de remota data e se teem applicado a successivas gerações de homens illustres, encontraram modernamente uma expressão, mais respeitavel, dentro do campo scientifico. As individualidades superiores, analysadas pelos sabios, começaram a soffrer investidas mais graves do que até alli, porque a sciencia, perscrutando todos os detalhes das suas existencias e das suas obras, entrou de lançar tambem sobre a sua hygidez mental suspeitas muito sérias. Ultimamente, alguns medicos e psychologos não hesitaram em considerar essas suspeitas como convertidas numa inabalavel certeza, e por toda a parte se espalhou, como indestructivel, a theoria da natureza pathologica do genio e do talento. Os creados de quarto dos grandes homens tinham vindo assim a ser precursores duma verdade scientifica e os philistinos, ufanos na hygidez da sua mediocridade, começaram a dar uso illimitado ao novo dogma. Tinham achado um pretexto, com flammantes roupagens scientificas, para saciarem a sua inveja, zombando victoriosamente dos grandes homens.

Perante a formidavel theoria, o mundo erudito

calara-se, numa quasi unanimidade. Poucos escriptores desceram á liça para terçarem armas com desassombro, pelo genio vilipendiado. É que o philistino comprara com os seus favores a cumplicidade de muitos a quem na verdade a ideia não seduzira, e outros julgaram desforçar-se, na sua mediania, da superioridade dos genios e dos talentos, reconhecendo nesta sem preambulos mil caracteristicas morbidas.

Este silencio favoravel, esta benignidade, que acolheram no mundo scientifico as doutrinas referidas, tornam-se mais extranhos e salientes, notando-se o que se passou com as outras obras de Lombroso, o mais encarniçado adversario do genio.

Assim, quando este celebre psychiatra italiano pretendeu, com o *Uomo Delinquente,* encerrar o crime dentro da sua bella concepção atavistica, de todos os lados, e especialmente da França, surgiram vozes autorisadas de medicos e criminalogistas protestando contra o demasiado exclusivismo com que tão seductora theoria fôra formulada e que não deixava logar amplo para certas cathegorias de delinquentes— como muitos loucos moraes, com tanta precisão descriptos por Krafft-Ebing, delinquentes occasionaes, em cujo numero se podem incluir aquelles cujos crimes Ferri brilhantemente mostrou terem o seu determinismo em condições mesologicas de ordem social, e emfim delinquentes passionaes, alcoolicos e alienados, cuja genese não teria tambem frequen-

temente explicação num phenomeno de regressão atavica.

Não se tratava bem duma opposição irreductivel de doutrinas. O que então se pretendia era reivindicar para cada classe de agentes do crime os seus legitimos fóros. O atavismo não deveria açambarcar toda a etiologia dos delinquentes. Era preciso dar o logar devido á loucura moral, á miseria, ao alcoolismo, á tyrannia politica, á alienação mental, emfim ás outras causas sociaes e individuaes da criminalidade humana.

Comprehende-se o alto interesse que este debate apresentava, sobretudo para os juristas, que, sob o influxo das novas doutrinas scientificas do crime, começavam a realisar uma reforma racional, larga e fecunda no campo do direito penal, encarcerado até essa data no estreito ambito de fórmulas vetustas, d'intoleravel sabor metaphysico. Se o exclusivismo lombrosiano prevalecesse, o novo systema penal fundar-se-hia sómente na *eliminação* dos criminosos, provada a impossibilidade de corrigir o seu atavismo. Quando muito, procurar-se-hia em alguns casos desviar os seus instinctos delictuosos, os instinctos sanguinarios, por exemplo, para uma funcção de utilidade social, como a cirurgia. Felizmente a discussão suscitada alargou o ambito das conquistas da moderna criminalogia. Estabeleceu-se em materia penal o principio da *reparação* do crime, formularam-se os *substitutivos penaes,* suggeridos pelas doutrinas de Ferri, alvitraram-se systemas de *correcção* de crimi-

nosos, de menores especialmente, emfim proclamaram-se notaveis principios, fundados no criterio a que o obstinado exclusivismo de Lombroso quasi se oppunha, da susceptibilidade da adaptação de muitos criminosos á vida em sociedade.

Houve evidentemente a provocar um tão fecundo debate, a par de uma louvavel precisão erudita e dum cuidado rigor scientifico, um alto intuito de justiça social. Porque foi, pois, incomparavelmente menor a intensidade da discussão que a theoria do mesmo psychiatra sobre o genio suscitou? Bases muito menos solidas sustentavam essa doutrina, cujo merito está longe de emparelhar com o da concepção atavica do crime, do mesmo autor. Como se comprehende, portanto, que a controversia por ella provocada fôsse mais reduzida? Não era uma exigencia scientifica apontar-lhe os defeitos? E não havia uma egual necessidade de justiça, para a defeza dos homens superiores, tão cruelmente depreciados pelo psychiatra italiano?

O erro passou em claro. Tinha de ser assim. A mediocridade intellectual agarrara-se á tabua de salvação que lhe haviam offerecido, e dispuzera-se a maltratar quem lh'a tirasse. A credulidade universal fizera o resto. A theoria de Lombroso, como todas as mais que estabeleciam a natureza morbida das manifestações dos espiritos privilegiados, lançou raizes num ambiente prediposto a acceita-la. E no emtanto como ella era fluctuante, instavel, superficial! Como um sopro de logica a desmoronaria!

O genio não alcançara o rigoroso estudo, que sobre o crime incidira. Fez-se-lhe um julgamento summario, sem as mais rudimentares garantias de defeza e de discussão, emquanto que a criminalogia se conservava durante largos annos aberta a todas as criticas e a todos os debates.

No emtanto, o valor social dos genios é enorme, é inapreciavel. Elles teem sido as guardas-avançadas da civilisação, os verdadeiros agentes do progresso social. E a humanidade moderna relega-os quasi sem defeza, summariamente, para o campo da pathologia mental! Se não é uma injustiça de facto, como suppomos, é ao menos uma ingratidão pelos processos.

*

Não se julgue que levamos a nossa revolta contra essa ingratidão ao ponto de pretendermos recusar ao medico o direito de intervir na analyse do valor mental e das obras dos grandes homens. Muito pelo contrario. Não deixamos mesmo de reivindicar, em principio, para o medico o primeiro logar entre aquelles que podem realisar com competencia uma tal analyse.

O medico moderno abandonou o papel restricto dos seus antecessores e, firmado na somma enorme de conhecimentos que a sciencia lhe fornece, entrou de alargar legitimamente o seu campo de acção. A me-

dicina hoje tem, por exemplo, um importante aspecto social e ao medico exige-se em muitos casos que seja *doublé* de sociologo. Na hygiene, em medicina legal, etc., o medico não é o physico antigo, o remoto cirurgião, o humillimo curandeiro archaico, mas um verdadeiro sociologo, que põe em jogo factos sociaes e intervem poderosamente na vida collectiva das sociedades humanas.

Um campo novo se lhe abriu tambem na psychologia. O fôro da consciencia era antigamente quasi do exclusivo dominio do ministro da religião. A actividade do espirito não era devassada habitualmente pelo medico; nas proprias perturbações mentaes, nos casos de loucura, chamava-se o padre para com bençãos e exorcismos expulsar o espirito maligno do desventurado *possesso,* ou, com um pittoresco optimismo e uma crendice suprema, cuidava-se — noutras épocas — de adorar as victimas de taes perturbações como se uma inspiração divina sobre ellas tivesse baixado.

Hyppocrates, Asclepiades, Celso, Areteu, Celio Aureliano, Galeno, e outros sabios da antiguidade, considerando a loucura como uma doença do espirito e o espirito como tendo por séde o cerebro, não tinham conseguido preparar a humanidade, de maneira a desviar-se mais tarde de taes preconceitos. Foram tão longe estes e tão fundo se arreigaram na consciencia universal que uma intelligencia como a de Ambroise Paré não hesitava em affirmar a sua fé na origem sobrenatural da loucura!

No fim do seculo XVIII a sciencia apresentava-se a reivindicar os seus direitos. Pinel fez estudos notaveis da loucura, e pouco a pouco, com novos trabalhos, a medicina foi demonstrando aos philosophos e aos theologos que o espirito era para ella um objecto de estudo como qualquer outro. Quando se iniciou essa brilhante série de descobertas das localisações cerebraes, que constituem um dos mais valiosos capitulos da sciencia medica, esta definia com uma clareza formal a extensão do seu papel. A psychologia morbida já pertencia á medicina; agora a psychologia hygida apresentava-se interessando o medico tanto como o interessava já antes a physiologia. O conhecimento da cellula nervosa e das suas connexões, o estudo clinico das emoções, da preguiça, da fadiga, das paixões, da dôr, etc., de que na *Introduction à la médecine de l'esprit* Maurice de Fleury faz uma tão bella exposição, foram obra de medicos e provaram que estes em menos dum seculo tinham imprimido á psychologia um avanço que em nada se podia assemelhar aos progressos por ella experimentados em muitos centenares de annos nas mãos dos theologos e dos metaphysicos.

Como a sociologia e como a psychologia, outros campos de acção se foram abrindo á investigação medica. Na litteratura e na arte, o medico apoderou-se de ha annos a esta data de factos e personalidades cuja observação e analyse de direito lhe pertencem. Ás obras litterarias e artisticas se teem ido buscar verdadeiros casos clinicos, cujo estudo

evidentemente exige uma competencia que, na divisão do trabalho social, o medico possue.

É a quasi tradicional figura do heroe de Cervantes um dos objectos mais interessantes de estudo na sciencia medica. Morejon, Guardia, Louveau, Cabanés, Villechauvaix, Batllés e muitos outros se consagraram á analyse da mentalidade de D. Quixote. Trata-se dum louco ou dum são de espirito? É o que se tem pretendido saber. Grasset encontrou para isso uma fórmula intermediaria: «D. Quixote de la Mancha, esse «cavalleiro da Illusão louca, que será um dia a Sabedoria», é o typo completo dos semi-loucos — escreve o autor francês, referindo-se especialmente ao D. Quixote, de Richepin, — que quero estudar nesta obra e que, desde a creação do mundo, ou pelo menos desde a origem da litteratura, enxameiam no livro e no theatro» [1].

O antigo theatro grego está cheio de personagens morbidos. Regis ainda recentemente estudou, sob esse ponto de vista, a época hellenica, com Eschylo, Sophocles e Euripides. Em 1872, Gasquet fizera um estudo identico. O *Orestes*, de Eschylo, depois de ter morto sua mãe, cahe num delirio toxico de fórma hallucinatoria terrifica (Regis). Gasquet considerava erroneamente este estado pathologico uma mania aguda. O Ajax, de Sophocles, tem um accesso de delirio epileptico ou somnambulico, du-

[1] Grasset, — *Demifous et demiresponsables*, 2.ª ed., 1908, pag. 12.

rante o qual se occupa em massacrar os rebanhos do exercito grego. Voltando a si, não se lembra do que fez. As Bacchantes, segundo Regis, são attingidas por uma suggestão gregaria que as conduz ao crime.

Diz Cullerre que os poetas de Athenas civilisada complicaram os personagens dos tempos heroicos, dando-lhes caracteres, certamente colhidos da realidade na sua propria época.

Na litteratura latina não abundam tão interessantes documentos clinicos. Apenas sobresahem algumas figuras de imperadores romanos, curiosas sob o ponto de vista psychiatrico. Nero, Tiberio e Caligula são admiraveis exemplares pathologicos, encarados á face das suas biographias.

A litteratura e a arte medievas abundam em demonstrações do espirito supersticioso da época e dão-nos alguns desses phenomenos de *possessão* demoniaca que a sciencia moderna enquadra nas manifestações psychopathicas.

Na Renascença, com Raphael, Rubens, Andrea del Sarto, etc., essas descripções apparecem mais exactas, embora por vezes alguns detalhes se afastem sensivelmente da realidade, como os que Raphael nota em algumas manifestações convulsivas.

Poucos autores, porém, tantas descripções de casos de pathologia mental terão traçado nas suas obras, como o immortal Shakespeare. Convem accentuar, segundo Cullerre, Regis e muitos outros medicos inglezes e francezes, que o grande drama-

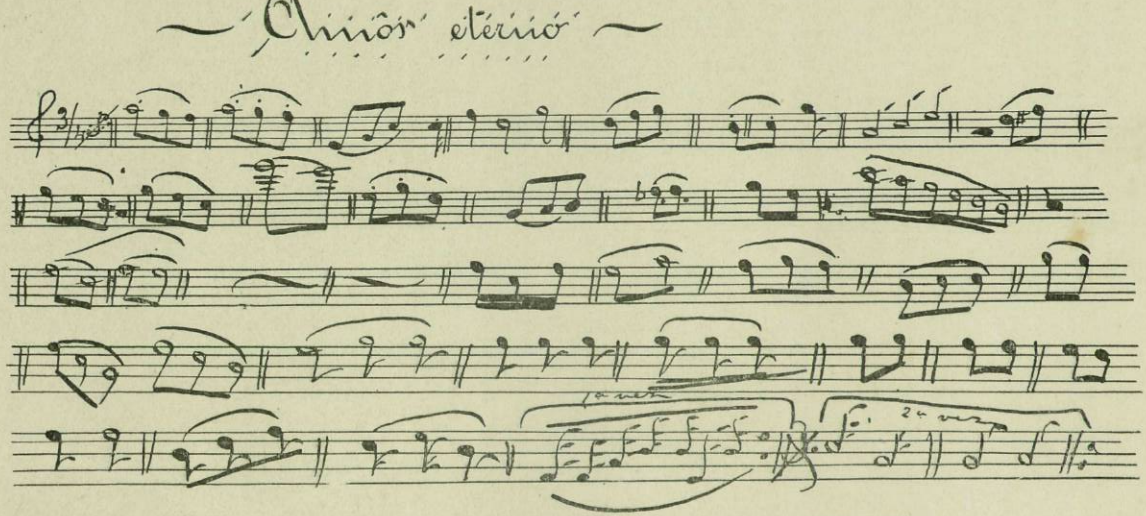

Fig. 1 — Composição musical dum doente do Hospital do Conde Ferreira (delírio erotico)

turgo mostrou um conhecimento profundo das doenças mentaes, excedendo talvez a sciencia do seu tempo nesse ponto. O rei Lear, a quem as desegualdades de affecto das filhas transtornam o entendimento, começa a sua loucura pelos prodromos habituaes — perversão da affectividade — e conclue pela mania furiosa. Lady Macbeth é um «typo classico de obsessão hysterica com somnambulismo nocturno». Finalmente Hamlet, reflectindo a desorientação e a perturbação duma época singular da historia, é—escreve Cullerre—o grande desequilibrado melancolico, atormentado pela ideia do suicidio e pelo desgosto da existencia, que a sua imaginação sonhadora, auxiliada pelas crenças supersticiosas da época, encaminha para a allucinação; que não tem vontade, nem decisão, nem energia; que, simulando a loucura furiosa para o publico, desillude os seus amigos e lhes faz uma admiravel descripção do enfado que o acabrunha [1].

Na litteratura classica dos paizes latinos não são frequentes os exemplares de pathologia mental. O classicismo, encaixado nas suas fórmulas rigidas e monotonas, não tinha em grande apreço as descripções naturalistas. Debalde procurariamos nos classicos portuguêses um typo acabado de psychopathia, narrado com detalhes symptomaticos bastantes para o estabelecimento duma diagnose precisa. O mesmo se dá na litteratura francêsa, por exem-

[1] Cullerre, *Les frontières de la folie*, pag. 348.

plo. Cullerre confessa quanto ha de ideal, de impessoal nos personagens satyricos de Molière. Debove considera Argan, o *Malade imaginaire,* não um doente imaginario mas um verdadeiro doente, um nevropatha, um neurasthenico, e Guieysse fez o diagnostico mais preciso de neurasthenia de fórma gastro-intestinal.

Em Balzac, a despeito do seu naturalismo, a pathologia tem um logar restricto. A época não era propicia a taes tendencias litterarias. O modernismo foi a causa dum desenvolvimento intenso das manifestações psychopathicas. Comprehende-se porisso como ellas haviam de cahir então difficilmente sob a alçada do litterato observador. No emtanto em Balzac apparecem alguns doentes como — Grandet, um avarento louco; o barão Hulot, a quem um autor chama «sexual porcalhão»; Pons, talento artistico que se esterilisa numa vulgarissima mania de colleccionador; Ursula Mirouet, uma vidente; e emfim o protogonista do *Lys dans la vallée,* o conde de Mortsauf, um nevropatha desequilibrado, cujos estigmas e symptomas o dr. Lucien Nass ainda recentemente descreveu com minucia.

O romantismo, que, embora reagindo contra o classicismo greco-romano, foi arco-iris de bonança lançado entre o passado e o futuro, entre a tradição e o progresso, entrega-se mais a evocações lyricas da legenda medieva, a cantos de amor, a hymnos de emancipação, do que a traçar serenamente quadros extrahidos da realidade. Mas, com o realismo e com

o naturalismo moderno, a psychiatria começa a encontrar novos casos clinicos nas obras litterarias e dramaticas, mórmente nas de these philosophica de alcance social.

Na litteratura francêsa, encontramos uma galeria infindavel de doentes do espirito nas obras de Alphonse Karr, de Flaubert, que na *Madame Bovary* desenhou o typo das nevropathas e histericas do romance moderno, de Daudet, de Paul Bourget, de Claretie, de Goncourt, de Hector Malot, e de outros. Seria demasiado percorrer essa extensa galeria em que avultam mysticos, libertinos, onomatomanos, oniomanos, kleptomanos, alcoolicos, em summa loucos, semi-loucos, degenerados de toda a especie.

A obra de Zola, do glorioso chefe do realismo litterario, merece uma especial menção. No *Germinal*, descreve-se um caso brutal de semi-loucura gregaria sadica (Grasset); a multidão depois de ter assassinado uma creatura odiada, profana bestialmente o seu cadaver. No *Assommoir*, faz-se narração dum delirio alcoolico allucinatorio (Regis). Na *Curée*, ha um typo, a Renée, identico á Madame Bovary. Na *Bête humaine*, descreve-se uma obsessão homicida, indo até á realisação do acto (Lastic).

Onde em summa a pathologia encontra sob a sua alçada maior numero de casos é em toda a terrificante *Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le second empire*, em que a familia dos Rougon Macquart, attingida por uma pavorosa degenerescencia, se elimina emfim pela esterilidade dos seus

derradeiros representantes. A arvore genealogica dessa raça, traçada pelo proprio Zola, é impressiva.

Confessemos quanto ha de exaggerado neste realismo. Bem diz Cullerre: «O sr. Zola parece não ter encontrado no seu caminho senão deformidades, casos pathologicos ou judiciarios; pareceria ao lermo-lo, que a humanidade, sem excepção, patinha num immenso atoleiro, de que nunca emerge nada puro e são. Entretanto a sciencia nunca pretendeu que uma tara, accidentalmente constatada numa familia, pudesse condemna-la para sempre a não produzir em todos os seus ramos senão degenerados, criminosos e grotescos» [1].

A litteratura da Russia do nosso tempo offerece, entretanto, mais do que nenhuma outra, como o evidenciou Ossip Lourié, uma enorme quantidade de casos de pathologia mental. Tourguenief, Garchine, Maximo Gorki, Tchekkof, Tolstoi, Leonide Andreieff, e sobretudo Dostoiewsky descrevem nas suas obras um sem numero de casos morbidos, por vezes com uma fidelidade assombrosa. O ultimo destes autores, segundo o professor Tschisch, apresenta, só elle, na sua obra, mais de quarenta casos clinicos! E note-se que o faz, quasi sempre por intuição, sem estudar, como Zola, a pathologia. Cincoenta annos antes da anthropologia criminal, traçava elle fidedignamente casos typicos de criminosos e, algum

[1] Cullerre, Liv. cit. pag. 358.

tempo antes de Morel fazer o estudo dessa loucura com consciencia, que Trelat chamava «loucura lucida», publicava o grande romancista russo o *Crime e Castigo,* cujo heroe, Raskolnikoff, é um typo perfeitissimo dessa fórma psychopathica.

Passemos sobre as litteraturas inglêsa, italiana, allemã, etc., em que não faltam narrativas de doença e notemos quanto na Scandinavia contemporanea essas narrativas são numerosas no romance e no theatro.

Björnson escreveu algumas obras sobre as lições de Charcot a respeito do systema nervoso e do dr. Richer sobre a hystero-epilepsia.

Ibsen, inferior em precisão a Shakespeare, fez por sua vez algumas descripções de casos clinicos, de que no *Pato Bravo* e nos *Espectros* se dá a amostra. Geyer formulou sobre os heroes dos dramas d'Ibsen os diagnosticos seguintes [1]:

Degenerescencia mental com obsessões — Brand, Gregorio, Werlé, Rebecca West, Hedwiges, Eyolf; degenerescencia mental com hysteria — Nora, Hilda, Ellida Wangel, Rita; degenerescencia mental com debilidade intellectual — Ignez, Maria Rubek, M.me Solness, Hialmar, Ekdal, Tesman; excitação maniaca — Gerd, Eynar; melancolia (duvida) — Rosmer, Rubek; melancolia (syndroma de Coutard) — Irene; neurasthenia symptomatica — Solness, Oswaldo; alcoolismo — Oswaldo, Laoborg, Peer Gynt, Ulric

[1] Cabanés, *Chronique medicale*, 1902, pag. 181.

Brondel, Relling, Molvig; demencia senil—o velho Ekdal; delirio chronico (3.º periodo)—John Gabriel Borckmann.

Como se vê, é uma lista extensa de casos psychopathicos. Bem justas parecem, pois, as palavras de Sarcey sobre o *Pato Bravo:* «Quando se assiste a uma peça destas, imagina-se andar-se passeando num pateo de Charenton».

Não são a arte e a litteratura do nosso paiz ferteis em exhibições de casos pathologicos, feitas segundo um criterio scientifico. Já nos não referimos ao que existe no nosso archivo litterario e artistico dos seculos anteriores ao passado. Quinhentistas, gongoricos e arcadicos nunca repararam para a verdade morbida com olhos despidos do prisma, deturpador, dum lyrismo arrebatado ou duma phantasia irreal. Mas no começo do seculo XIX não se operou, sob o ponto de vista por que encaramos a questão, uma grande mudança de themas de litteratura e arte. Quer aquelles raros que ainda utilisavam as regras classicas num parnasianismo esfalfado, quer os muitos que se deixavam absorver pelas tendencias romanticas da época, quer emfim alguns pouquissimos dissidentes que iniciavam já a demolição das escolas no nosso meio, nenhuns se entregavam á descripção de quadros fieis de doença. Debalde se iriam pedir narrativas dessa ordem aos romanticos de 34, aos cantores do amor ideal do epico pela legendaria Natercia, ou aos narradores admiraveis da paixão do presbytero de Carteia—em que já se preten-

deu descobrir uma paranoia persecutoria—por Hermengarda.

No dominio dos parnasianos e dos romanticos, essa attitude de reserva seguiu até hoje. Os poucos que ainda agora cultivam as lettras ou a arte sob essa etiqueta de escola, manteem integralmente a referida reserva. Corrêa d'Oliveira, por exemplo, um distincto poeta do nosso tempo, que a um vago romantismo philosophico accresce o bucolismo dos nossos quinhentistas e uma certa sympathia pela fórma classica, não esboça o menor traço morbido interessante nos seus personagens. Estes, por exemplo, no seu livro recente, *Quatro Estações*, são individualisações sonhadas da tradição e do modernismo, que o amor liga, e que atravessam o poema á beira da natureza rustica evolucionando, nua ou florida, nas suas divisões annuaes. Tudo ideal, tudo amor, tudo pantheismo, tudo fórma. Nada de realidade morbida!

Fóra dessas escolas, escalonam-se, sobretudo dos meados do seculo em deante, muitos autores. Mas, ainda assim, não abundam descripções de pathologia. Não admira. O conto, o romance, e o drama são os typos litterarios que melhor se prestam a taes descripções, e elles teem entre nós um desenvolvimento restricto.

Os nossos poetas são, no geral, dum lyrismo que não se compadece com a menor tentativa de observação rigorosa. João de Deus, João de Lemos, Cesario Verde, etc. são dum subjectivismo legitimo,

em que nada poderiamos encontrar de valioso para o nosso ponto de vista. Quando muito, nota-se, como neste ultimo, um vivo colorido na descripção de paysagens ou de figuras sãs. Esses versos, impregnados duma tristeza tão suave, de Antonio Nobre fallam de rachiticos, tysicos, loucos, mas sem precisão; tudo divagações lyricas, golpes de vista do poeta doente. Os poetas novos seguem um trilho identico, por mais diversa que seja a sua orientação philosophica. No seu ultimo livro, por exemplo, em que canta a sua Montanha e o rio que beija, serpeando, as faldas sinuosas da serra — no livro *Marános,* o já illustre poeta, Teixeira de Pascoaes, não apresenta uma unica figura real, mas transcendentes personagens duma immaterialidade suprema, que se absorvem em vagas philosophias.

Guerra Junqueiro, o nosso admiravel poeta, tem, por exemplo, o doido na *Patria* e o seu *D. João.* Mas a poesia dilue quasi sempre alli o rigor dos traços symptomaticos e as figuras são meramente symbolicas.

Vamos porém a outras fórmas litterarias procurar o que na poesia nos é impossivel encontrar.

No romance, destaca-se logo vigorosamente, sob o nosso ponto de vista, a vasta obra de Camillo. Esta é cheia de criminosos, loucos, degenerados. Em cada um dos seus numerosos romances, percorrem a acção um ou muitos exemplares de pathologia.

Um novo de talento, o sr. Jorge de Faria, fez

recentemente um estudo sobre os criminosos e degenerados nos livros de Camillo. Nesse estudo fomos encontrar uma larga analyse dos personagens camillianos, mais interessantes sobre esse aspecto. Entre os criminosos natos, temos o Luiz da Cunha, da *Neta do Arcediago,* o Eliot, da *Caveira do Martyr,* o Alvaro d'Abreu, dos *Gracejos que matam,* o Abbade de Espinho, do *Retrato de Ricardina,* e a Narcisa Brava, do *Cego de Landim.* Entre os loucos delinquentes, ha: Balthazar Pereira, do *Santo da Montanha,* talvez hysteroide, com um irmão que é um dipsomano brutal e incendiario, e um tio, Lopo de Sequeira, megalomano, avaro, obsecado pelo ouro, insensivel a tudo o mais; o Santo de Midões, das *Quatro horas innocentes,* que é um satyro mythomano, que, entre muitas do genero, dá a uma confessada, depois de a violentar, dez beijos — tres em honra da Santissima Trindade e sete pelos dons do Espirito Santo; o imbecil Frei Miguel dos Santos, das *Virtudes antigas;* a doida, louca impulsiva, das *20 horas de liteira;* a viuva do *Cavar em ruinas,* nymphomana perversa, que mata o amante, num delirio sexual. Dos criminosos habituaes, temos nas *Novellas do Minho* o cego de Landim, e no *Degredado* o Serafim Gonçalves. Ha varios criminosos occasionaes, entre os quaes o passional Simão Botelho, do *Amor de Perdição,* e o Domingos Leite, do *Regicida,* que é um passional amoroso e tem a loucura da honra. Apparecem ainda nos romances de Camillo prostitutas natas, adulteras passionaes e occasionaes, pares

criminosos, crimes gregarios, como a revolta do *Onde está a felicidade,* em que o mulherio intervem ardentemente, a morte do fidalgo da Bandeirinha, varios episodios da *Maria da Fonte,* dos *Gracejos que matam,* etc. *Os Macarios* constituem uma familia de degenerados e doentes.

Como se vê, a obra de Camillo é fecunda em casos de pathologia, bem descriptos, muito nitidos. E no emtanto elle não é bem um realista, um amigo da realidade, como Eça tanto se jactava de ser.

A obra de Eça de Queiroz, o grande romancista que na observação pôz tanta verdade quanto brilho e ironia imprimiu á factura litteraria e artistica, tem um limitado numero de figuras caracteristicamente pathologicas. O Libaninho, dengoso e melifluo, do *Crime do Padre Amaro,* passa atravez de quasi todas as mais obras, saracoteando, entre fallinhas affaveis, a sua pederastia affeiçoada aos sargentos do exercito. O Julião, do *Primo Basilio* tem symptomas neurasthenicos. O Agostinho Pinheiro, do *Crime,* é um degenerado em que o alcoolismo cria novas predisposições morbidas e intensifica a immoralidade. A Tótó do mesmo romance é uma paralytica, em que o Eça dogmaticamente implanta signaes hystericos. Ainda ahi figura a entrevada de casa da São Joanneira.

Ainda temos o direito de collocar no campo da pathologia esse Amaro, por exemplo, em quem a batina e a educação religiosa não conseguem abafar uma legitima sensualidade mas que no consentimento

da morte do filho e na indifferença pela desgraça de Amelia exhibe symptomas de loucura moral. Póde isso fazer-se tambem ao Primo Bazilio e ao visconde Reynaldo, que são degenerados, banaes na sociedade mundana, e cuja affectividade embotada e tendencias immoraes a phrase do primeiro define, quando em Lisboa sabe da morte tragica da sua amante e victima, a Luiza:

—Que ferro! Podia ter trazido de Paris a Alphonsine!

Já o Principe da Gran Ventura, o Jacintinho do 202, de *A Cidade e as Serras* não é de fórma alguma um doente. O seu enfado acaba com a passagem de Paris para a serra, do artificio para a verdade natural. É bem um são. Tambem o Raposão da *Reliquia* se não póde dizer um doente, a despeito da sua especial educação. O fanatismo da sua tia é tambem vulgar, como vulgares e relativamente equilibrados são quasi todos os outros personagens. Em summa, nas obras de Eça são frequentes os typos sociaes, não os typos pathologicos individuaes. Abundam as syntheses, os personagens caracteristicos do nosso meio, o Conselheiro Accacio, a creada Juliana, o Conde de Ribamar, o conego Dias, o Gonçalo Ramires, e tantos outros. Mas este naturalismo, esta observação realista, differem muito da de Zola, a que tanto se tem comparado o grande romancista português.

Ainda no romance dá-nos o contemporaneo Abel Botelho, interessantes casos de pathologia e

apresenta-se mesmo com intuitos litterarios dessa ordem. Um critico violento da sua obra escreveu um dia: «*O Barão de Lavos* é, por exemplo, uma procissão de ephebos. Um homem — o barão — parece morrer no fim com uma especie de *tabes* de almanack; a mulher prostitue-se; uma duzia de mariolões passam» [1]. Abstrahindo do que possa o mesmo critico dizer com intento de ferir Abel Botelho, elle exprime no trecho que reproduzo muito da verdade. A figura do Barão de Lavos apparece realmente como um repugnante sexual. E atravez do romance surgem analogos personagens. No *Livro d'Alda,* do mesmo autor, a heroina é uma prostituta. Nos mais livros, quasi o mesmo: adulteras, prostitutas, invertidos, degenerados da peor especie.

O romance pouco mais nos fornece de curioso sob o nosso ponto de vista. João Grave, nos *Famintos;* apresenta-nos, mas sem pretensões, um commendador lubrico e uma beata alcoviteira. Mas dahi até a uma distincta caracterisação pathologica, que distancia! No mais, são todos os personagens equilibrados e sãos, como quasi todas as figuras dos romances de Malheiro Dias e outros novos.

Ultimamente, já fóra do romance, surgiu em toda a sua plenitude nietszcheana, na penna incontestavelmente elegante de Antonio Patricio o amoralismo esthetico, a ancia de bellesa sem restricções moraes.

[1] *Revista Nova,* anno de 1895, pag. 11. Artigo de Nunes Claro.

Natural é que elle fornecesse e venha ainda a fornecer algo de interessante para estudos da natureza do que rapidamente esboçamos. A *Suze* do *Serão inquieto*, essa deliciosa e transparente amante, cuja immoralidade leve e encantadora se reflecte na sua historia tão distinctamente esquissada, é uma immoral lombrosiana, em que a arte do autor diluiu a nitidez dos traços biographicos. O Veiga da monographia do mesmo *Serão*, esse Veiga a que adeante nos referiremos, estaria bem na obra de Grasset, enfileirado a par de tantos que repartiram o seu ser, a meias, pela saude e pela doença. Mas essa monographia não é perfeitamente rigorosa, sob o ponto de vista clinico. O estheta supplanta o medico. Dá-nos ainda Antonio Patricio a rainha louca do *Fim*, que numa complexa illusão rega as flôres do tapete; mas de diagnose bem difficil é essa loucura versejada.

Não esqueçamos nesta série de citações, a do Manoel, dos *Gatos*, de Fialho d'Almeida, complexo personagem, que o autor assegura duma realidade autentica e que, semeando phrases de talento e formulando concepções singulares, succumbe pouco a pouco ao alcoolismo.

No drama, pouco temos. A doença d'*O que morreu d'amor*, de Julio Dantas, é, como diz na peça a Urraca, um simples *mal de eteguidade*. O delirio allucinatorio de Pero Ruiz, no ultimo acto d'esta peça, quando elle vê os espectros dos mortos, vem, diz a mesma personagem do drama, da «quentura da febre», ou é um delirio da agonia. Na *Severa*, a protogo-

nista é uma prostituta vulgar. No theatro de Marcellino de Mesquita, de D. João da Camara, de Augusto de Lacerda, e restantes, a mesma deficiencia quasi systematica de casos clinicos, typicos, rigorosamente descriptos.

Na arte pictural, afóra talvez uma pintura de Malhoa, que representa á maravilha beberrões entregues ás suas libações alcoolicas, nada de interessante que nos occorra, para o nosso ponto de vista.

Na estatuaria, o *Caim,* em que a intuição do grande Teixeira Lopes gravou estigmas degenerativos, e a *Ophelia,* do mesmo esculptor, a estatua dessa louca serena do drama de Shakespeare, que se afogou quando ia enfeitar de flôres um salgueiro debruçado sobre a agua mansa dum regato.

*

Levou-nos longe de mais esta divagação, mas uma vez que a iniciámos era nosso dever concluil-a.

O que pretendemos mostrar com ella foi que, sobretudo em alguns meios extrangeiros, se veem esboçando tendencias sérias para transportar para a litteratura e para a arte factos pathologicos. Comprehende-se quanto esse facto avisinha do campo de acção do medico as obras litterarias e artisticas, e lhe permittirá intervir valiosamente na sua critica.

Mas as portas da critica abrem-se ao medico especialmente, no que respeita ás personalidades dos

autores, á sua organisação psychologica, ás suas vocações, ás suas tendencias, ás suas aptidões, emfim ás caracteristicas dominantes, á hygidez ou á morbidez dos seus espiritos.

Max Nordau, o dr. Toulouse, Maurice de Fleury e outros perfilham vivamente esta maneira de vêr e lançaram as bases duma critica scientifica, duma critica feita pelo medico-psychologo, que analyse, com a obra, o cerebro do autor. O dr. Toulouse chega a dizer que a critica litteraria e a critica de arte pertencem ao homem de sciencia e só a elle. Não vamos tão longe, porque a critica tem varios aspectos, e cumpre respeitar a autoridade possivel de qualquer individualidade sem pretensões scientificas, que se colloque sob certos desses pontos de vista.

Todavia, duma maneira geral, póde dizer-se que o medico tem incontestavel competencia critica. Já vimos que nas obras litterarias e artisticas surgem por vezes typos pathologicos, que só o clinico póde discernir e apreciar devidamente. Tambem ao medico não são extranhos, dada a sua actual especialisação na psychologia e na sociologia, os caracteres psychologicos dos personagens e o valor e intuitos sociaes das obras. Mas em dois pontos ainda se affirma a jurisdicção do medico no campo da critica: na classificação da obra segundo uma noção perfeita do bello, e na relacionação da obra com o autor, na sua explicação pela organisação physica e mental do autor e pelas condições individuaes em que este a realisou. Estas tarefas são da compe-

tencia exclusiva do psychologo e do physiologista, ou seja, do medico.

Em primeiro logar, todo o trabalho artistico encerra uma concepção esthetica e desperta na sensibilidade de quem o analysa uma emoção da mesma ordem. Ora não conhece o medico melhor do que ninguem o encadeamento desses phenomenos estheticos? Sem duvida. Póde elle portanto classificar, com relativo conhecimento de causa, a obra de arte, segundo uma noção positiva do assumpto.

Mais. A genese da obra de arte exige um jogo de funcções e d'actividades, que estão no dominio da psychologia e da physiologia. Pertence ao medico, pois, o seu estudo e consequentemente o estudo de todas as condições de ordem individual ou mesologica que se exerceram sobre essas funcções e actividades e lhes imprimiram variantes ou fórmas especiaes.

Esta intervenção do medico póde ainda ampliar-se com descobertas futuras. O mecanismo do prazer esthetico ha-de um dia estabelecer-se duma fórma categorica e sem o caracter de imprecisão que hoje tem. Crêmo-lo absolutamente. Só o homem de sciencia terá elementos para a realisação duma tal descoberta, que envolve conhecimentos de delicadas actividades psychicas. Nesse dia, elle poderá arrogar-se o direito de apreciar como ninguem a belleza duma producção artistica porque terá na mão a noção plena do mecanismo da emoção de agrado causada pela Arte, isto é, o magico segredo do Bello.

*

Se o medico tem uma especial autoridade para fazer a critica litteraria e artistica, porque as condições psychologicas e physiologicas da genese das obras dessas categorias estão no seu campo de estudo, não lhe falta essa autoridade tambem para apreciar similares condições em todas as mais manifestações da actividade humana.

Nem só os genios e os talentos da litteratura e da arte pertencem á critica scientifica. Todos os grandes homens estão pelas suas caracteristicas pessoaes e pelas suas funcções elementares sob a alçada da investigação scientifica. Eis porque nos não contraria de qualquer fórma abordar scientificamente a questão que neste livro se debate. Antes pelo contrario. É para o campo da medicina que se devem trazer as apreciações dos genios e dos talentos. Será um debate nesse campo a unica maneira de evitar que o philistino os aggrave sem razão plausivel.

II

Conceitos do genio e do talento. — Uma falta indesculpavel de Lombroso; a prudencia de Moreau; as palavras-rotulos e o seu conteudo. — Definições do genio e do talento; a de Kant; a de Helvecio; contestação de Jean Paul a Kant; Pierre Laffite e o genio na Arte; Carlyle e os *Heroes da humanidade;* a historia feita uma série de biographias; citações de Regnard; a imaginação no talento; definições de Max Nordau; genio emocional, expressão indevida segundo Nordau; os maiores genios, os do juizo e da vontade. — O conceito vulgar do genio e do talento; a originalidade, o espirito critico, a intuição e a imaginação no genio; o valor do termo «inspiração»; distancia entre o genio e o talento; conceito do talento; duvidas; a necessidade de uma classificação, de base psychophysiologica e somatica, dos espiritos superiores. — O acaso e as invenções; a descoberta da polvora por Schwartz; os genios de Newton, Galvani e Archimedes. — O genio na Arte; opinião erronea de Max Nordau; a superioridade das manifestações artisticas; a sensibilidade e as mais faculdades psychicas no homem e na série animal; a Arte, manifestação de uma fórma elevada da psychicidade humana.

Entrar num estudo, embora succinto, sobre o genio e o talento sem procurar traçar os limites dum e doutro, sem lhes estabelecer, dentro do possivel, as respectivas definições, representaria um esquecimento indesculpavel mesmo para quem modestamente, como nós, deseje versar o assumpto. Pois esse esquecimento teve-o o celebre Lombroso no seu livro sobre o homem de genio, e teve-o em todas as edições successivas dessa obra de tão grande nomeada. Fazer incidir uma série de investigações sobre muitos genios, sem esboçar, ainda que rapidamente, as gradações que separam os genios das mentalidades doutras categorias, é indubitavelmente uma

falta de precisão scientifica, e essa falta commetteu-a, não podemos saber porquê, o notavel psychiatra italiano.

Mais prudente foi Moreau (de Tours) que no seu livro *Psychologie morbide,* não usou tanto das etiquetas «genio» e «talento», antes as abrangeu quasi sempre na designação mais vaga, mas menos pretenciosa e irreductivel, de «intelligencias superiores».

Postas em uso, porém, aquellas designações é dever de quem as emprega, explicar o significado que lhes dá, mórmente quando se aspira a um louvavel rigor scientifico. As palavras ás vezes, quando analysado o conteudo a que servem de rotulos, apparecem vasias, despidas de sentido, pobres de de conceito. A sua analyse é, pois, exigida sempre que em torno dellas se pretenda construir um systema, sempre que ellas tenham de servir de fundamentos a um edificio. É, pois, admissivel que se estudem o genio e o talento, sem se saber o que se entende por uma e por outra coisa? Evidentemente que não, e porisso tentemos antes de mais nada esclarecer este ponto.

*

Kant, o fundador da fecunda escola criticista e o precursor do idealismo subjectivo, entendia por genio «o talento de produzir aquillo de que se não

póde dar uma regra determinada, e não a habilidade que se póde mostrar fazendo-se o que se póde

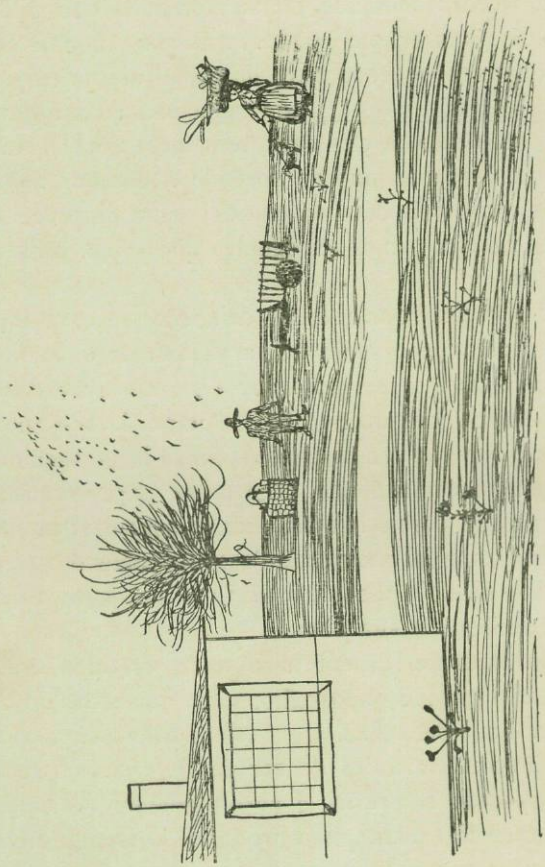

Fig. 2 — Desenho á penna dum doente do Hospital do Conde Ferreira (delirio erotico)

aprender, seguindo uma regra. Toda a gente — escreve o notavel philosopho allemão — é concorde

em reconhecer que o genio é completamente opposto á imitação. Como aprender não é mais do que imitar, a maior faculdade de se aprender não póde, como tal, passar por genio... Assim, tudo o que Newton expoz na sua obra immortal dos principios da philosophia natural, por mais poderosa que tenha sido a cabeça que descobriu taes coisas, póde-se aprender; mas não se aprende a compor bellos versos, por mais detalhados que sejam os preceitos da poesia e por mais excellentes que sejam os seus modelos» [1].

A primeira parte desta definição encerra uma verdade: é que o genio é completamente opposto á imitação. Mas a segunda parte faz-nos recordar a anedocta celebre do ovo de Colombo. Desde que a obra de Newton era susceptivel de se fazer seguindo uma regra determinada, conclue-se porisso que a mentalidade dessa individualidade assombrosa não foi genial, não foi creadora? Tantos homens de sciencia antes delle tinham abordado o assumpto, e nenhum realisou a sua obra.

«Inventar e descobrir alguma coisa, escreve adeante o grande philosopho, «são coisas muito diversas uma da outra. Com effeito, a coisa que se descobre, existe antes de ser descoberta. A que se inventa, pelo contrario, é absolutamente desconhecida antes do artista que a produziu. O talento do in-

[1] Kant. *Critique du jugement*, trad. Barni. Paris, 1846. T. I, pag. 253-255.

ventor chama-se genio».—Assim, accrescenta Regnard a esta citação, a America e a circulação do sangue existiam antes de Colombo e de Harvey, porisso estes não são genios; já Wieland é um genio autentico.

Por esta definição, o genio quasi ficava enclausurado nos dominios da Arte. Era ella a reedição do que antes escrevera Helvecio: «As invenções e as descobertas são de duas especies. Ha umas que são devidas ao acaso; taes são a bussola, a polvora, e geralmente quasi todas as descobertas que fizemos nas artes. Ha outras que nós devemos ao genio: e por esta palavra «descoberta» deve então entender-se uma nova combinação, uma relação nova encontrada entre certos objectos ou certas ideias. Alcança-se o titulo de homem de genio, se as ideias que resultam desta relação formam um grande conjuncto, são fecundas em verdades, e interessantes para a humanidade» [1].

Esta intervenção do acaso, como entidade actuante dum facto, está hoje fóra de campo, á face do determinismo elementar que a lei da causalidade e as leis de conservação da energia e da materia crearam no dominio da sciencia.

Jean Paul responde a Kant: «Certamente podem-se aprender os *Principios* de Newton, como se podem aprender versos; mas não se póde apren-

[1] Helvecio, *De l'Esprit,* Paris, 1759, pag. 356.

der a estabelecer mais facilmente os *Principios* de Newton do que a imaginar poemas» [1].

Seguindo um criterio opposto ao de Kant e ao de Helvecio, Pierre Laffite, um dos mais distinctos sequazes do positivismo, considera genio «aquelle que resolve, para os seus successores, um problema difficil posto pelos seus predecessores». É sem duvida uma definição que não satisfaz ainda. Exclue o genio na arte, sem expôr a razão de tal. Desde o seculo de Perícles e de Phidias, como muito bem diz Regnard, não ha mais problemas a resolver no dominio das artes plasticas, e ninguem recusa entretanto genio a Miguel Angelo.

Dadas estas definições ficam, pois, ainda de pé duvidas que se não podem menosprezar, e a noção do genio, como a do talento, continua fluctuante e imprecisa. Dêmos ainda a palavra a Carlyle, o auctor dos *Heroes da humanidade:* «O genio, escreve elle, é a caracteristica dos grandes homens, dos heroes... A historia do mundo é, no fundo, a historia dos grandes homens que trabalharam cá pela terra. Esses foram os chefes, os typos, e, no sentido amplo da palavra, os creadores de tudo o que a massa dos humanos tem podido realisar ou attingir; tudo o que nós vêmos, tudo o que temos visto succeder no mundo é, a bem dizer, o resultado material e apparente, a realisação positiva e a encarnação dos pensamentos dos grandes homens; a

[1] Jean Paul, *Das Kampaner Thal,* 503.

alma da historia do mundo não é senão a sua propria historia» [1]. Estas palavras que pretendem fazer da historia uma série de biographias, esquecendo ingratamente as multidões anonymas que materialisam as concepções dos grandes espiritos, têm ecco num trecho duma lição de Pierre Laffite: «Se faltassem trinta pessoas (trinta pessoas determinadas, está claro) na historia do mundo, o estado mental da humanidade seria extremamente mediocre» [2].

Depois destas definições, A. Regnard, um dos contradictores de Lombroso, julga-se satisfeito de citações desse genero e entra numa larga exposição em que estabelece a natureza intuitiva do genio, mostra o papel da imaginação na actividade genial, e termina differençando o genio do talento com estas palavras: «Emquanto que o talento, diz Jean Paul, é identico ao cravo, não dando um som senão quando um dedo nelle toca, o genio é como a harpa eolia, fazendo resoar todas as harmonias ao sopro de todas as brisas.— O homem de talento, escreve com mais precisão Shopenhauer, possue mais justeza, mais rapidez nos pensamentos do que os outros; o genio, pelo contrario, contempla um mundo diverso do que é contemplado pelo resto dos homens: não faz todavia mais do que penetrar mais profundamente

[1] Carlyle, *On Heroes*, 1840, pag. 1, People's édition.

[2] Curso de sociologia na sala Gerson, Fevereiro de 1883. — Citação de Regnard.

neste mundo offerecido tambem á vista dos outros, porque a sua representação é mais objectiva, mais pura e mais precisa no seu cerebro.—Emfim, acrescentarei eu, se o poder da intuição é indispensavel para caracterizar o genio, o poder «inferior» da imaginação basta para constituir o talento. Sem duvida entre o mais pequeno dos «genios» e o maior dos «talentos», o abysmo não é insondavel, pois segundo se diz, a Natureza não dá saltos. Mas é preciso um salto famoso para vencer a distancia que separa um Gounod dum Wagner, um Tirso de Molina dum Molière ou dum Shakespeare» [1].

Porém, inquiramos de passagem, é a imaginação que caracteriza o talento? Parece-nos bem que não.

Era na obra do notavel psychologo contemporaneo Max Nordau que se iriam encontrar fios conductores para fugir desta teia de Peneloppe em que tanta palavra fatalmente lançaria quem buscasse definições exactas do genio e do talento. «A resposta a estas questões, escreve elle, consiste habitualmente num vago palanfrorio em que dominam os substantivos admirativos e os adjectivos laudativos. Isso não póde bastar. São precisas, não flôres de rhetorica cumprimentadoras, mas sobrias explicações».

Max Nordau apresenta em seguida estas definições: «*um talento é um ser que realisa actividades geralmente ou frequentemente praticadas, melhor do que*

[1] Regnard, *Génie et folie*, pag. 24 e 25.

a maioria daquelles que procuraram adquirir a mesma aptidão; um genio é um homem que imagina actividades novas ainda não praticadas até ahi, ou pratica actividades conhecidas segundo um methodo inteiramente proprio e pessoal» [1].

Como exemplo de talento dá Nordau um Urbino Baldi, da época da Renascença, que era ao mesmo tempo philologo, pintor, mathematico, medico, poeta, sabia dezeseis linguas, ensinou medicina na Universidade de Padua, e em tudo isso foi eximio.

O talento, segundo o mesmo psychologo, não é exclusivo da especie humana. As *habilidades* de alguns animaes adextrados constituem para elle manifestações de talentos.

A designação de genio reserva-a Nordau para os sêres em que é anormalmente desenvolvido não qualquer centro infra-humano ou extra-humano, mas um centro pura e exclusivamente humano, um destes centros supremos que só o homem possue com uma organisação completa. Só os centros que teem por funcções o juizo e a vontade pertencem, em sua opinião, a uma tal categoria. As actividades sensoriaes e sensitivas exclue-as o psychologo allemão do numero das que só na especie humana teem uma organisação completa e, por esse motivo, para elle genio emocional, genio affectivo, genio ar-

1 Max Nordau. *Psycho-physiologie du genie et du talent.* 4.ª edição francêsa, 1906, pag. 51.

tistico, passam em principio a ser expressões inexactas.

«Os maiores genios são — escreve Nordau — os que reunem a genialidade do juizo á da vontade. São os homens de acção que fazem a historia do mundo, que formam intellectual e materialmente os povos e lhes dictam por largo tempo os seus destinos» [1]...

Todas estas considerações de Nordau têm sobre as dos autores antes citados a vantagem dum maior rigor e adaptam-se melhor ao conceito geralmente formado do genio e do talento.

*

É claro que todas as definições que se deem do genio e do talento são apenas, como acabamos de dizer, a concretisação do que vulgarmente se entende por esses vocabulos. Teem estes um fundo um tanto arbitrario pois significam o que a humanidade quer que signifiquem. Mas ha qualquer coisa de especial no genio e no talento que permitte individualisa-los e que fez com que a humanidade lhes outorgasse exclusivamente essas designações.

O genio, todos o dizem, é acima de tudo, *original*. A creação, a novidade, são caracteristicas das obras geniaes. Estas apparecem realmente perante uma civilisação como passos para uma civili-

[1] Max Nordau, Liv. cit., pag. 161.

sação nova, são para uma cultura como que novos elementos para a desenvolverem ou caracterisarem, constituem para uma geração como uma vantagem ganha sobre as gerações decorridas e um legado novo a deixar ás vindouras.

Mas a esta originalidade, a esta novidade, a esta actividade creadora junta-se, no genio, um outro caracter essencial: o *espirito critico*, a actividade systematisadora. A creação genial tem sempre muito de logica, de systematisada, de coherente, na sua textura. É o proprio Richet—o autor do prefacio do livro de Lombroso—quem faz esta affirmativa. Na verdade, ninguem usa chamar genio a um desvairado, a um alienado que delira, a um mattoide que escreve um livro, por mais originalidade que existam nessas divagações e nesse livro. O discernimento critico, uma forte dose de bom senso—permitta-se-me a expressão—são absolutamente exigidas para se attribuir a uma obra cheia de novidade a classificação de genial.

Ainda mais. Um homem que passasse toda a vida a estudar o mesmo assumpto para descobrir uma pequena novidade, não seria, mesmo que a descobrisse, um genio. O genio elabora com relativa rapidez as suas concepções, tem um poder intuitivo, uma imaginação ou, mais rigorosamente, um dynamismo mental incomparavelmente superior ao do homem vulgar e incomparavelmente mais rapido do que elle. Foi o conhecimento da rapidez com que esse dynamismo se desenvolve no genio, que origi-

nou o uso da palavra «inspiração» para designar a sua plena actividade creadora. Esta palavra não tem, no emtanto, um significado scientifico. A concentração do genio nessa actividade e as suas manifestações finaes, tão brilhantes, fizeram crer aos antigos que qualquer coisa de celestial, talvez o Espirito Santo, descia sobre os genios, em dados momentos de rendidos extasis, a segredar-lhes as verdades novas, as concepções novas, a atear nas suas almas o fogo duma espiritualidade sobrenatural, angelica, divina. Dahi o emprego do termo referido, que no campo scientifico não encontra logar.

Creador—logico, poderoso e rapido nas suas creações—o genio tem ainda os caracteres que para elle resultam do facto de ser uma valiosa e admiravel excepção dentro da humanidade. O homem vulgar reconhece no genio um valor social, moral, intellectual ou artistico muito superior ao que elle representa e ao que representa cada um dos eguaes seus contemporaneos. O genio ergue-se muito acima do nivel da geração a que pertence e vale mais para a historia, causa uma admiração muito maior, do que um punhado numeroso de philistinos do seu tempo, que se fundissem numa individualidade desejosa de rivalisar com elle.

Este é o conceito que usualmente se fórma do genio, claro está sem se ter contra elle qualquer animosidade preconcebida.

O talento não se distingue do genio por uma delimitação formal. Ha graus intermedios entre um

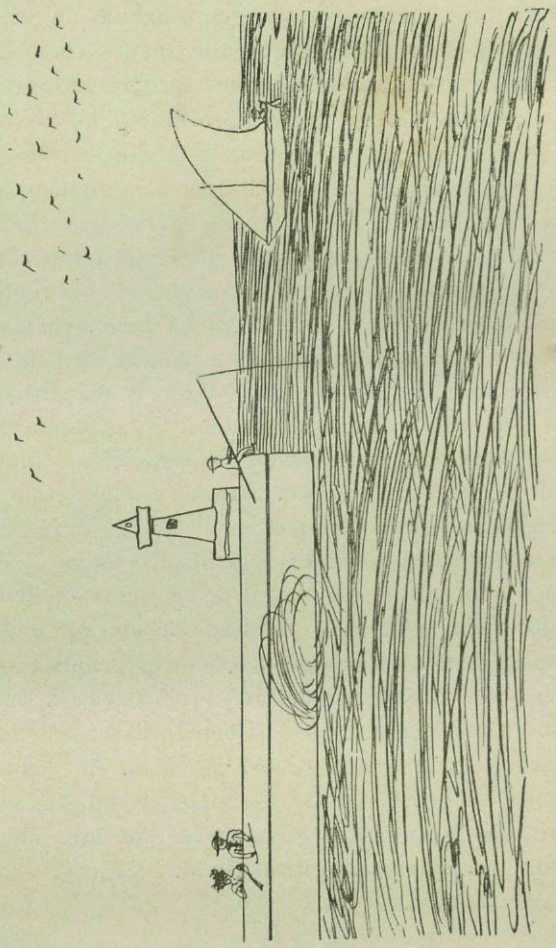

Fig. 3 — Desenho á penna dum doente do Hospital do Conde Ferreira (delirio erotico)

e outro, mas nós, por conveniencia descriptiva, escolheremos para typos os extremos da escala.

O talento differença-se do genio apenas no facto de ser menos original do que elle, menos cheio de novidade nas suas obras. O genio é sobretudo creador, o talento não. O genio abre horisontes novos ao progresso e á cultura humana, o talento exerce-se dentro dos horisontes da civilisação sua contemporanea, caminha por sendas já descobertas, envereda por atalhos já conhecidos. Em que está a superioridade do talento sobre o homem vulgar? Em realizar, como diz Nordau na definição já dada, actividades geralmente ou frequentemente praticadas, melhor do que a maioria dos homens vulgares, que procuraram adquirir a mesma aptidão. O exemplo de talento, fornecido pelo mesmo Nordau e que tambem atraz referimos, é bem frizante. Poder-se-hiam citar dezenas delles, identicos.

Estando assim definidos o genio e o talento, segundo o conceito vulgar, ficam de pé algumas duvidas, que nem sempre se poderão elucidar. E póde a sciencia contentar-se em classificar os genios e os talentos, sem analysar, dentro do possivel, a sua psychophysiologia e a base somatica das suas manifestações funccionaes? Claro que não. As definições que veem de ser apresentadas terão de ser esclarecidas e corrigidas pelos dados que essa analyse fôr successivamente fornecendo.

*

Entre as duvidas que ainda podem surgir, após esta explanação, figura a que existirá na classificação dalguns inventores e descobridores, como genios, talentos, ou espiritos vulgares.

A descoberta da polvora foi feita, dizem alguns, por acaso e a Schwartz não cabem quaesquer honras, porque elle não fez mais do que verificar que a mistura de salitre, enxofre e carvão era explosiva.

Não é exactamente assim. Schwartz foi bem um inventor, um descobridor de merito. Se a mistura referida explodisse deante dum homem vulgar, este, dadas as superstições da época e a novidade do facto, attribuiria este a artes diabolicas e fugiria de junto do almofariz, sem pensar em repetir a experiencia. Se a explosão se désse em presença dum talento médio, elle, guiado pelas tendencias do seu tempo, mas servido pela sua mentalidade, explicaria mais detalhadamente a intervenção do diabo e usaria para combater o satanico personagem de exorcismos mais complexos, do que o faria o referido homem vulgar. Schwartz, porém, não se deixou dominar pela noção da etiologia diabolica, notou a singularidade do facto, teve uma suspeita — verdadeiro vislumbre de genialidade — e repetiu a experiencia, tantas vezes quantas as necessarias para se capacitar de que presenteara a humanidade com um invento util, com um explosivo.

Diz-se que Newton deu a explicação da queda

dos graves quando, estando junto duma arvore, um fructo desta lhe cahiu sobre a cabeça, maguando-o. Quantas vezes factos identicos tinham succedido a outros no mundo, sem que alguem os tivesse interpretado! Não foi genial Newton, explicando-o?

Não foi genial Galvani, quando interpretou a sua celebre experiencia, por alguns apontada como um producto do acaso, e elaborou assim o primeiro capitulo da electricidade?

Quantas gerações se tinham banhado antes de Archimedes? A descoberta da sua famosa lei de physica durante um banho não é, pois, uma manifestação do genio?

Hoefer conta na sua *Histoire des sciences physiques* um caso que demonstra perfeitamente a parte que cabe ao autor duma descoberta, ainda quando esta pareça ter derivado do acaso. Um jardineiro de Florença, tendo construido uma bomba mais comprida do que as bombas ordinarias, notou com surpreza que a agua não se elevava nunca acima de trinta e dois pés, por maior que fosse o esforço empregado para a fazer subir mais. Explicou o homem o facto, que o acaso puzera sob o dominio da sua investigação? Qual!? O seu espirito indicou-lhe—o que já é muito—que communicasse a Galileu o que succedera, para elle lhe dizer a sua causa. É que, a par duma cultura elementar nos ramos da physica, que se referem ao pezo e á pressão do ar atmospherico, se exigia para interpretar naquella época esse facto uma mentalidade superior á normal.

O acaso representa em summa uma convergencia de circumstancias favorecendo a ecclosão duma descoberta. Mas não póde ser divinisado em detrimento de muitas individualidades incontestavelmente superiores.

*

Contra Kant, Helvecio e outros, que quasi se limitavam a reconhecer como campo exclusivo do genio a Arte, Pierre Laffite e recentemente Max Nordau põem, como atraz vimos, objecções ao rigor da noção do genio emocional ou artistico.

É uma questão digna duma analyse demorada, porque a sua solução reflectir-se-ha no debate que neste livro se estabelece sobre a natureza pathologica do genio e do talento.

Nordau considera, como dissémos, genios autenticos apenas aquelles que o fôrem no dominio do juizo ou da vontade. Estas funcções teem, affirma elle, por séde centros que só no homem possuem uma organisação completa, emquanto que a sensibilidade existe nos animaes em grau de perfeição não inferior ao do homem. Dahi, fechar em principio a sensibilidade ao qualificativo «genial».

Seria acceitavel este criterio se a sensibilidade humana fôsse realmente egual ou inferior á sensibilidade animal. Convem entretanto perguntar a Max Nordau se a emoção esthetica produzida num homem normal por uma estatua de Miguel Angelo, um

quadro de Murillo ou uma paysagem formosa é egual ou menos intensa do que a dum cão, dum gato ou dum elephante perante esses mesmos espectaculos.

Houve, sem duvida, de parte do illustre psychologo, uma confusão da sensibilidade grosseira, existente nos animaes e a cujo dominio pertencem indubitavelmente tambem as emoções banaes do homem, com a sensibilidade elevada, complexa, subtil que faculta a este a emoção do bello e que é a base de todas as manifestações da Arte.

O cão de caça deita-se a dormitar aborrecido aos pés do caçador que se detem na sua excursão venatoria para contemplar extasiado um panorama cheio de belleza. O porco passa a existencia refocilando o adubado solo que pisa, sem nunca erguer os olhos para o azul do ceu, victorioso e resplendente, dum dia de primavera. Que noção de belleza teem elles?

A Arte é bem humana, ou pelo menos tão humana como o pensamento e a vontade!

Da mesma fórma que a sensibilidade, estes não são monopolios do homem e vão na série phylogenetica deixando rasto até attingirem uma perfeição maxima na nossa especie.

A Arte tem, em summa, tanto direito a reclamar para os seus melhores consagrados o qualificativo de «geniaes», como todas as outras manifestações das fórmas mais elevadas da psychicidade humana.

III

A historia da questão da morbidez do genio e do talento.—A antiguidade da doutrina; opinião de Aristoteles sobre o homem superior; opiniões de Platão e Democrito; a humanidade julgando o genio pelas caracteristicas deste e segundo as superstições do tempo; opiniões de Diderot, Pascal, jesuita Bettinelli, Boerhaave, Molière e outros; Lelut e o *demonio* de Socrates e o *amuleto* de Pascal; trabalhos de Verga e Lombroso sobre Tasso e Cardan; o livro de Moreau de Tours; o genio é uma nevrose, segundo Moreau; estudos de Schilling, Hagen, Meyer, etc.; o livro de Lombroso; um exito formidavel; monographias modernas de homens celebres; os contradictores de Lombroso; Brunetière e a critica; Henry Joly e a psychologia dos grandes homens; o dr. Toulouse, Maurice de Fleury e A. Regnard, combatendo Lombroso; Seailles e o genio na arte; Grasset contra Moreau e Lombroso; o violento opusculo de Etienne Rabaud; Nordau contra Lombroso; a degenerescencia no genio artistico, segundo Nordau; a credulidade universal perante a obra de Lombroso.

A noção da natureza pathologica do genio e do talento não é uma novidade. Ella tem, pelo contrario, uma antiguidade já respeitavel, embora só numa data relativamente recente houvesse entrado no campo scientifico.

Aristoteles teve esta phrase famosa: *Nullum magnum ingenium sine mixtura dementiae.* Lombroso cita ainda os seguintes trechos do velho philosopho: [1] «que por occasião de ataques de congestões cerebraes muitas pessoas se tornavam poetas, prophetas

[1] A. Regnard contesta a authenticidade da origem destas citações, feitas por Lombroso como sendo de Aristoteles.

e sybillas; e que Marco de Syracusa versejava muito bem quando a razão lhe fugia, emquanto que era incapaz de tal depois de curado». *(De Pronost.*, 1 pag. 7). «Muitas vezes», accrescenta ainda Aristoteles, «viu-se que os homens celebres na poesia, na politica e nas artes eram quer melancolicos e loucos como Ajax, quer misanthropos como Bellerophonte. Ultimamente ainda reconhecemos esse facto em Socrates, Empedocles, Platão e muitos outros, mas mais especialmente nos poetas». (*Problemata,* sect. XXX).

Platão é menos categorico: «Uma outra especie de delirio», diz elle, «o que é inspirado pelas Musas, serve para a instrucção das gerações vindouras, quando excita uma alma simples e pura a embellezar os altos feitos dos heroes com os encantos da poesia». (Phedro, pag. 224).

Democrito avança que não ha verdadeiro poeta que não tenha «a mioleira desarranjada».

A humanidade, entretanto, durante largos seculos de superstição e ignorancia, encarava os genios e os talentos differentemente. Chamava loucos áquelles cuja acção, por ser demasiado revolucionaria ou extranhamente innovadora, lhe parecia insensata. Divinisava outros, que assimilaram engenhosamente as suas tendencias ou a quem reconheceu uma assombrosa superioridade mental. Uns passaram por enviados do ceu, ou por inspirados pela graça divina, outros talvez como possuidos pelas artes demoniacas. Mas que valor podem ter hoje estas

concepções tão estreitas de uma tão complexa questão?

Lombroso faz citações de Felix Plater, F. Gazoni, Diderot e outros autores, em que se consideram morbidas as manifestações superiores do espirito. O ultimo escreve: «Ah! como o genio e a loucura se tocam de tão perto! Aquelles que o ceu marcou quer para o bem, quer para o mal, estão sujeitos a taes symptomas; elles experimentam-n'os mais ou menos frequentemente, mais ou menos violentamente. Encarceram-n'os, prendem-n'os, ou então erguem-lhes estatuas...»

Tambem o mesmo psychiatra italiano se refere a identicos juisos de Pascal, Hécart, Delapierre, Forgues, jesuita Bettinelli e outros.

Boerhaave escreveu: *Est aliquii delirii in omni magno ingenio.*

Molière poz na bocca dos seus personagens: «É uma coisa admiravel todos os grandes homens possuirem sempre um tanto de loucura juntamente com a sua sciencia».

Em 1836 Lelut publicava um curioso estudo sobro o *demonio* de Socrates e em 1846 outro sobre o *amuleto* de Pascal. Neste e naquelle se mostravam as tendencias morbidas dos dois espiritos.

Em 1850 Verga escrevia um trabalho do mesmo genero a respeito de Tasso e seis annos mais tarde Lombroso apresentava-se já com um livro em que pretendia estabelecer a loucura de Cardan.

Apparece em 1859 o celebre livro de Moreau

(de Tours), intitulado *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire* ou *de l'influence des nevropathies sur le dynamisme intellectuel.* Nesta obra sensacional procurava-se demonstrar a seguinte these formulada pelo proprio Moreau: «As disposições de espirito que fazem com que um homem se distinga dos outros homens pela originalidade dos seus pensamentos e das suas concepções, pela sua excentricidade ou pela energia das suas faculdades affectivas, pela transcendencia das suas faculdades intellectuaes, teem a sua origem nas mesmas condições organicas que as diversas perturbações moraes de que a loucura e a idiotia são a expressão mais completa».

A demonstração era tentada em longas considerações em que se abordavam os problemas mais complexos da psychiatria e se procuravam encontrar no estudo das condições e dos caracteres das nevropathias, interessantes parentescos destas com as manifestações dos espiritos superiores. Moreau a certa altura do seu trabalho synthetisava as considerações feitas, nestes termos: «Como o estado mixto intellectual, como o estado mixto affectivo, as capacidades ou aptidões intellectuaes transcendentes teem a sua origem num estado extraphysiologico dos orgãos do pensamento.

«O genio, quer dizer, a mais alta expressão, o *nec plus ultra* da actividade intellectual, é uma *nevrose?* Porque não? Póde-se muito bem, parecenos, acceitar esta definição, não ligando á palavra

nevrose um sentido tão absoluto como quando se trata de modalidades differentes dos orgãos nervosos, fazendo della simplesmente um synonymo de exaltação (não dizemos perturbação) das faculdades intellectuaes.

«A palavra nevrose indicaria então uma disposição particular dessas faculdades, disposição participando sempre do estado physiologico, mas excedendo já os seus limites e tocando no estado opposto, o que aliás se explica muito bem pela natureza morbida da sua origem» [1].

O livro de Moreau conclue com a enumeração de factos em appoio da sua these, e com um estudo biographico dos grandes homens no que respeita ás suas caracteristicas nevropathicas. Adeante nos referiremos mais devagar a esta obra.

Essa theoria estimulou a cruzada contra a hygidez dos grandes homens. Em 1863, Schilling confirmava a mesma these, seguindo-se-lhe, em identica ordem de ideias, em 1877 Hagem, em 1884 Radestok, em 1885 Ramos Mejica, em 1887 Maxime Du Camp, em 1891 Nisbet, e emfim em 1894 o psychiatra italiano Cesar Lombroso a que tantas vezes já nos referimos e teremos de nos referir, e cuja obra sobre o genio teve innegavelmente um successo formidavel, contribuindo para arreigar na consciencia universal sobre uma bem fallivel base scientifica a convicção da sua natureza pathologica.

[1] Moreau (de Tours, liv. cit. 1859. Pag. 464.

Depois da divulgação do trabalho de Lombroso, que elle tinha entretanto já antecedido de pequenas brochuras menos profundas sobre o mesmo assumpto e problemas correlativos, multiplicaram-se os estudos de identica natureza, e sobretudo as monographias psychiatricas de homens celebres. Dumas, Seillière, Dumesnil, Moebius, Pascal, Albrecht, Lauvrière, Lagriffe, Herslouine e outros analysam, com preoccupações clinicas, individualidades como Pöe, Maupassant, Schummann, Comte, Stendhal, etc. mas entre todos estes trabalhos avultam o do dr. Toulouse, adversario de Lombroso, sobre Emilio Zola e o do dr. Halevy sobre o grande philosopho Frederico Nietzsche. Em Portugal mesmo, a theoria lombrosiana suggere a certos escriptores a critica de alguns homens illustres, sob o ponto de vista psychiatrico.

No entretanto, a ideia parecera vingar no mundo culto, porque as restricções que lhe foram feitas eram em numero limitado e apresentadas na sua maior parte com uma debil energia.

Nem tudo, porém, foi louvor ou benignidade. Á frente dos contradictores que Lombroso encontrou logo para as suas theorias surgiu F. Brunetière, com alguns artigos na *Revue des Deux Mondes,* em que se pretendia provar que a apreciação dos grandes escriptores pertence á critica e que esta é de todo independente da sciencia.

Com um criterio mais justo, Henri Joly na sua *Psychologie des grands hommes* vinha reivindicar para

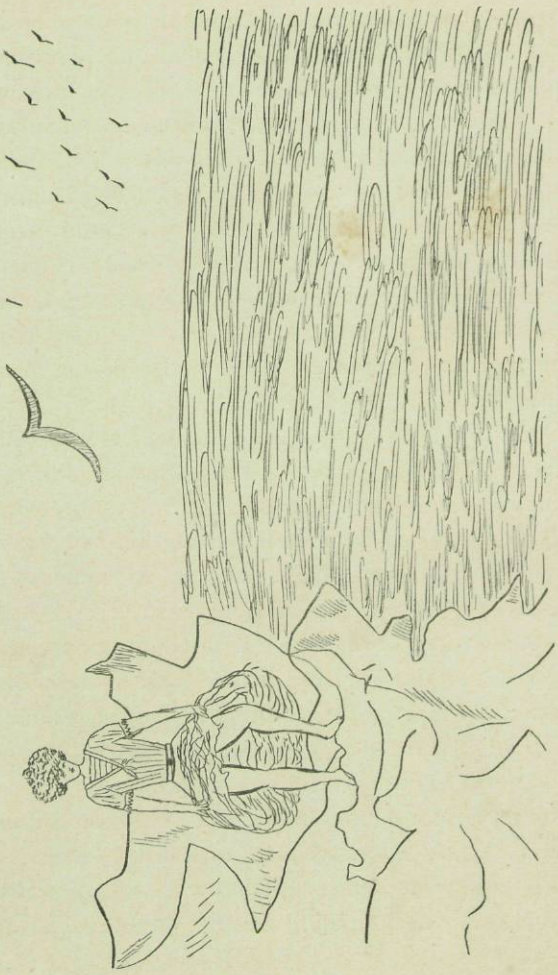

Fig. 4 — Desenho á penna dum doente do Hospital do Conde Ferreira (delirio erotico)

a psychologia a melhor critica dos espiritos superiores, e recebia com a mais accentuada hostilidade

as theorias de Lombroso, mantendo o parecer sobre a integridade mental do genio, que já no seu curso de philosophia na Sorbonne expuzera em 1882. No prefacio da 2.ª edição do seu valioso trabalho Henri Joly depois de ter mostrado a inanidade de algumas affirmativas daquelle psychiatra sobre o genio, refere-se da seguinte fórma á acceitação que a sua obra alcançou: « O que isso prova é a cegueira incrivel do espirito de seita e é a leviandade de certas pessoas que julgando de um livro pelo seu titulo e por algumas proposições ostentosas preferem celebra-lo a lê-lo ».

O dr. Toulouse, a que já nos temos referido, surgia tambem a contradizer a theoria da natureza morbida da actividade genial.

O dr. Maurice de Fleury, numa obra magistral, considera « confusa e mal elucidada » a doutrina de Moreau e a respeito da de Lombroso diz: « Na ultima pagina da obra, todo o homem imparcial e dotado de algum espirito critico nada poderá concluir », [1] O methodo usado pelo autor italiano, classifica-o Fleury de « methodo impreciso, em que ha ao mesmo tempo sciencia e phantasia ».

Numa brochura, publicada em 1899, sob o titulo *Genie et Folie*, A. Regnard reune uma solida argumentação para « demonstrar definitivamente », escreve elle mesmo, « a inanidade destas theorias que ha

[1] Maurice de Fleury, *Introduction á la medecine de l'esprit*, 6.e edition, pag. 142.

muito já denunciara e que tendem, nada menos, a arruinar a propria noção da Humanidade, estabelecendo entre a loucura e o genio — entre o que ha de mais baixo, de um lado, e que ha de mais sublime, do outro — uma monstruosa affinidade, cuja prova apparente não assenta senão numa superabundancia de sophismas» [1].

O eminente publicista Seailles entregara muito antes á publicidade o seu *Genie dans l'art,* em que se pretendia encontrar em todas as almas sãs um grande fundo artistico o que contradiria a noção da morbidez dos artistas. Grasset, o illustre professor de clinica medica de Montpellier, nos seus *Demifous et demiresponsables* escrevia muito mais recentemente que a theoria de Lombroso «não póde já hoje ser scientificamente sustentada», e não contente com esta simples affirmação, reunia com todo o rigor scientifico valiosos argumentos contrariando essa theoria.

Em 1908, Etienne Rabaud publicava ainda uma brochura com o titulo *Le Génie et les théories de M. Lombroso,* em que aprecia a obra do autor italiano nestes termos: «É simplesmente curioso que um systema tão pouco consistente tenha podido ser tomado a sério um só instante... Pôde vêr-se a que processos elle recorreu para appoiar e ampliar, para fazer sua a ideia de outrem. Porque nem mesmo lhe pertence o merecimento da invenção. O que

[1] A. Regnard — Liv. cit. pag. 4.

de direito lhe pertence é o amontoamento de ignorancias e de erros, alliados e tomando corpo sob o esforço de uma vontade poderosa: mas ao menor choque, a combinação despedaça-se» [1].

O proprio Nordau se declarou adversario da doutrina de Lombroso: «Quiz-se identificar estes dois termos (genio e loucura). Para um grande numero de alienistas, *o genio é uma nevrose*. O meu illustre mestre Lombroso precisa: o genio é uma fórma de epilepsia, por isso sempre pathologico, sempre degenerativo. Eu creio que ha nisso um erro» [2]. Mas o autor da *Degenerescencia* nem por isso se rende a uma incondicional admiração por todos os que a humanidade appellida de genios. Como já dissemos, elle não admitte o genio emocional, o genio artistico. São para elle applicações, tradicionaes mas inexactas, da palavra genio. «Dá-se este nome», escreve Nordau, «com uma facilidade deploravel, a um imbecil extatico qualquer que faça de propheta ou de artista, e deslumbre pela sua extravagancia absurda a mais enjoada porção do exercito dos philistinos: os *snobs* esthetisantes. Nos povos barbaros consideram-se os loucos e os idiotas personagens sobrenaturaes e cercam-se duma especie de respeito religioso. É por um resto desta superstição primitiva que se applica a espiritos

[1] Etienne Rabaud, liv. cit., pag. 78 e 79.

[2] Max Nordau, *Psychophysiologie du génie et du talent*, 4.ª edição francêsa, 1906, pag. 89.

doentes, cuja condição pathologica se manifesta por uma actividade pseudo-artistica, esta designação de genio que deve servir sobretudo para qualificar os inventores de verdades novas e os iniciadores que fazem avançar o pensamento humano. Os pseudo-genios *artisticos* abandono-os aos alienistas. São com effeito geralmente pathologicos e degenerados. Mas os genios que o são no verdade, que se não chamam assim abusivamente, não são decerto nem doentes, nem degenerados». [1]

No livro referido, *Degenerescencia,* Max Nordau desenvolve amplamente esta maneira de vêr, e trata de mostrar quanto ha de monstruoso e disforme, quanto ha de symptomatico duma agonia fatal, na arte contemporanea, e especialmente na arte da França. Aos olhos deste psychologo, que se entretem por vezes a fazer paradoxos sensacionaes com uma boa disposição de espirito, digna de admiração, e com um conhecimento pleno da opportunidade das suas obras, a grande maioria dos artistas do nosso tempo apparece com a marca duma doença, em cuja diagnose elle não hesita um instante, menosprezando sempre de bom humor os estorvos que a outro clinico naturalmente surgiriam.

No emtanto Nordau poupa nas suas investidas os homens de juizo e vontade superiores. Esses são, na sua opinião, duma saude incontroversa, o que se oppõe decididamente á doutrina de Lombroso.

[1] Max Nordau, Liv. cit. pag. 90.

*

Como acabamos de vêr, esta não obteve unanime consenso, mas as objecções que lhe foram erguidas, algumas dellas com verdadeira sciencia dos factos e um lucido criterio, não bastaram para evitar que na opinião mundial se accentuasse sem difficuldades uma corrente nitidamente favoravel a tal theoria. Lombroso encontrou um publico credulo, e no proprio campo scientifico houve muitos que acceitaram como boas, mesmo como dogmaticas, as suas conclusões.

Note-se que entre os defensores das doutrinas da natureza morbida do genio e do talento, temos posto em relevo Lombroso. É certo que elle não fez mais do que ampliar a doutrina de Moreau e procurar imprimir-lhe um cunho de maior realidade. Mas essa ampliação e essa tentativa mostram uma tal opinião antecipada no psychiatra italiano contra as individualidades superiores e alcançaram um tão estrondoso successo, que lhes pertence a preferencia na contestação que a doutrina nos suggere. Lombroso é de todos os que partilham a hypothese da psychonevrose genial, o mais radical e o mais encarniçado. Desmoronar a sua obra é demolir a escola que se formou para defeza duma hypothese lamentavelmente infundada.

IV

Doutrinas de Moreau (de Tours) e de Max Nordau.— A obra de Moreau; os seus merecimentos; os seus defeitos; pobreza de conceito; affirmações vagas; desenvolvimento consideravel dado a pontos sem interesse; idiotas e homens superiores; loucura, nevroses, excentricidades e lesões dos centros nervosos nos homens superiores; santos e mysticos na galeria de Nordau; fanatismo religioso e debilidade mental; Joanna d'Arc; diagnosticos precipitados; a loucura de Lucullo, d'Haendel, d'Huet, e do imperador Juliano; uma percentagem reduzida; objecções rasoaveis de Grasset; exaggero de funcção e peturbação de funcção.—A obra de Nordau; a degenerescencia nos genios artisticos e emocionaes; a esthetica, manifestação morbida: commentario justo de Maurice de Fleury; arte e artistas doentes; symbolistas, preraephaelistas, bysantinos, mysticos e decadentes; Paul Verlaine e a arte decadente; não vêr sempre na obra o autor; contradicções possiveis; os artistas doentes em Portugal; Anthero de Quental e Antonio Nobre; Camillo, um degenerado; obras sãs; a theoria de Nordau não é scientifica.

Já dissémos que Moreau analysando os homens de espirito superior e comparando os resultados dessa analyse com os colhidos no estudo de autenticos nevropathas, descobrira semelhanças impressionantes e se inclinara porisso a affirmar que o genio e o talento tinham um fundo nevropathico e se approximavam, pelos seus caracteres e pela sua origem, da exaltação psychica dos portadores de doenças nervosas e mentaes.

Não se póde recusar ao livro de Moreau um alto merecimento. A sua aspiração de serena imparcialidade, cuja noção se colhe na leitura do seu trabalho,

e o vagar cautelloso com que vae desfiando a sua argumentação, são dignos de elogioso registo. O illustre alienista esforçou-se, ao que se deduz da referida leitura, por fazer uma obra séria e sincera.

Mas não é ella isenta de defeitos e a menção destes impõe-se para esclarecimento do escabroso assumpto, que no presente livro se debate.

Em primeiro logar, em grande parte da obra o autor paira prudentemente no vago. As palavras teem alli um significado por demais generico e relativo, e não se encerram em conceitos restrictos e precisos como o rigor scientifico exige. «É preciso vêr na loucura uma especie de erethismo ou de orgasmo nervoso, qualquer coisa de egual a uma accumulação de nevrosidade no cerebro, de que a mais pequena faisca (causa occasional) póde a cada instante tirar todos os phenomenos constitutivos da alienação mental» [1]. Eis, por exemplo, o que em 24 paginas compactas Moreau procura demonstrar com larga copia de «provas physiologicas» e «psychicas»! Erethismo, orgasmo, accumulação de nevrosidade, faiscas, etc.—não ha em tudo isto mais palavras do que conceitos scientificos? Quando os summarios dos capitulos são assim, imagine-se o que não serão os proprios textos!

Tambem se torna notavel no livro de Moreau o desenvolvimento consideravel dado a certos assumptos, em que no fim de contas o autor difficilmente

[1] Moreau (de Tours)—Liv. cit., pag. 571.

encontra relações com o entrecho essencial da sua obra. As largas considerações por exemplo, sobre hereditariedade, [1] que antecedem a applicação dos principios geraes da influencia hereditaria, teem evidentemente um valor minimo para elucidação do assumpto, antes representam uma divagação erudita, que por imprecisa e longa mais do que por dispensavel, merece ser recriminada.

Entre os argumentos deduzidos por Moreau em defeza da sua these, figuram alguns mais importantes, que exigem uma especial contradição.

É o primeiro o que se refere á constituição physica dos idiotas e dos homens de mentalidade superior, que elle reputa semelhante nuns e noutros, pois é, em ambas as categorias de individuos, do typo escrofulo-rachitico. Apresenta Moreau 26 homens superiores, com caracteristicas, mais ou menos suspeitas, dessa constituição ou de idiotia (!) Pequena é a lista, se a compararmos com o grande numero de individualidades legitimamente destacantes em que o referido alienista não cita signaes de rachitismo ou de idiotia. Mas admittamos que muitissimos homens superiores são victimas duma debilidade physica accentuada. Que significa isso, naquelles que á actividade psychica se consagram toda a vida com um predominio um tanto exclusivista? Que, se o desenvolvimento do espirito se fez por um exercicio das suas faculdades, a sua constituição phy-

[1] Moreau (de Tours) — Liv. cit., pag. 101 e seguintes.

sica soffreu fortemente, devido ao desleixo a que foi votada e á ausencia de um exercicio para ella fortificante. Nada mais.

Outro argumento usado por Moreau tira a sua origem na existencia, em homens de genio e de talento, de loucura, nevroses, excentricidade, e lesões dos centros nervosos. Socrates, Pausanias, Bruto, o imperador Juliano, Catão de Utica, Aristoteles, Adriano, Lucrecio, Lucullo, Carlos Magno, Carlos V, Pedro o Grande, Frederico o Grande, Cromwell, Carlos o Temerario, o Cardeal de Richelieu, Catharina de Medicis, Sixto V, o Doutor Francia, Daniel O' Connell, Bernardotte, lord Castelreagh, Malebranche, Descartes, o Doutor Johnson, Gœthe, Rousseau, Saint Simon, Fourier, Saint Martin, Swedenborg, Van Helmont, Cardan, Huet, Swammerdau, Zimmermann, Lavater, Haller, Charles Bonnet, Theodoro de Bèze, Hégel, Harrington, Fabre de Olivet, Augusto Comte, Mickiewiez, Owen, Barthez, S. Domingos, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Assis, S. Francisco de Salles, Santo Ignacio de Loyola, Luthero, Savonarola, Pedro Jurieu, Joanna d'Arc, Kepler, Salomão de Caux, Watt, Tasso, Bernardino de Saint-Pierre, Swift, Edward, lord Herbert, Cherburg, Shelly, Percy Bisshee, Simão Brown, Burns, Chatterton, Gilbert, Chateaubriand, Raphael, George Sand, Walter Scott, Sylvio Pellico, Beethowen, Haendel, Donizetti e Benvenuto Cellini, estão, segundo Moreau, nitidamente ligados á loucura. Deixemos os nevrosados, os excentricos e os

lesados nos centros nervosos, para os quaes o commentario é analogo ao que segue, e vejamos qual o valor desta longa lista.

Primeiramente ella, apezar de extensa, é desproporcionada ainda assim com a enorme quantidade de individualidades de espirito superior, que se teem notabilisado e deixado nome na historia. No indice alphabetico da obra de Lombroso, no qual se conteem os nomes dos grandes homens citados no livro, contam-se mais de 1:100 desses nomes! Ora a lista de homens superiores, com tendencias ou caracteristicas de loucura, que Moreau apresenta, tem menos de 90 nomes, o que é talvez pouco para admittir sem mais preambulos a hypothese da nevropathia genial. A proporção de perturbações mentaes nas nevropathias, e especialmente nas que attingem o cerebro—como se supporá no genio—é maior, muito maior do que essa.

Mas a uma tal cifra ha ainda a fazer descontos consideraveis. Pejam a galeria de Moreau nomes de santos e de mysticos, alguns dos quaes nella não devem fazer pêso. Porque o fanatismo religioso, sendo a expressão mais nitida de debilidade mental, recebida por herança ou adquirida por educação ou num ambiente devoto, abafa numa razão directa da sua intensidade as actividades psychicas sãs. Grande numero dos santos foram apenas *superiores* no grau da sua santidade, na intensidade do seu fanatismo, o que mais os caracterisa como psychopathas nitidos do que como personagens legitimamente superiores,

Joanna d'Arc é o typo dessas creaturas, que a humanidade, illudida, segue e elogia, sem que as suas manifestações psychicas passem de exhibições claras duma morbidez intima.

Figuram, ainda, na lista em discussão individualidades, que as notas biographicas dadas pelo autor não auctorisam a inscrever alli tão peremptoria e pressurosamente. Uma demencia senil não é uma terminação banal da vida humana? Lucullo parece ter morrido nesse estado: tanto basta para que apparecesse o seu nome na lista a affirmar a naturesa nevropathica do seu valor intellectual. Haendel morreu cego e «teve as suas faculdades intellectuaes *um momento* compromettidas». Como isto é vago e fluctuante! Huet apparece condemnado por ter tido uma irmã que enlouqueceu! O imperador Juliano teve uma allucinação na vespera da sua morte: é apresentado como se toda a vida tivesse estado louco. Como estas, outras notas biographicas de egual valia apparecem na obra de Moreau com pretensões a documentarem só por si a loucura nos homens superiores e as suas tendencias psychopathicas.

Fazendo na lista a exclusão das individualidades celebres, que nella não devem ser tão leviana e summariamente introduzidas, a loucura e as referidas tendencias apparecerão nitidas numa proporção minima de homens de genio. A. Regnard no seu opusculo assegura com dados exhuberantemente demonstrativos que só foram loucos autenticos 11 homens de genio, ou sejam 2,68 por 100, dedu-

zindo da lista de Lombroso todos os que não são genios reaes [1].

Em alguns dos mais homens superiores procurou-se fazer avultar um detalhe psychologico, um incidente biographico, que numa creatura vulgar ninguem indicaria como decisiva caracteristica duma nevropathia constitucional.

Moreau, pretendendo fazer vêr no genio ou no talento uma manifestação de nevrose, esquece-se, como muito bem diz Grasset, de que podem muitos possuir, por exemplo, a nevrose de Pascal sem terem o seu genio, como se póde ter o nariz de Cyrano sem se ter o seu espirito, ou ser-se bexigoso como Mirabeau ou Danton sem se attingir a sua eloquencia [2].

O que parece ter ferido mais vivamente a retina de observador de Moreau foi uma supposta similhança entre a superioridade intellectual e a hyperactividade psychica em certas nevropathias e dahi o ter chamado a essa superioridade uma exaltação nevropathica. Ora isso não póde decidir-se tão simplesmente. A objecção que o mesmo Grasset faz a Moreau neste ponto é muito demonstrativa do erro em que incorreu este alienista: «Ha talvez symptomas morbidos», escreve o autor dos *Demifous et demiresponsables,* «caracterisados pelo exaggero, pelo excesso duma funcção. E ainda creio que

[1] A. Regnard, *Génie et folie,* pag. 103.

[2] Grasset, liv. cit., pag. 187.

ha sempre um pouco de *para* em todas as manifestações *hyper*. Em todo o caso, o exaggero de funcção não é necessariamente morbido. Para que um exaggero de funcção seja pathologico, é preciso que difficulte a funcção normal: assim, movimentos choreicos, perturbação motora por excesso, difficultam a funcção motora normal. Mas a superioridade intellectual não difficulta a funcção intellectual normal. Pelo contrario... Portanto não é morbida» [1].

Mais largo commentario nos merecia a doutrina de Moreau se o não quizessemos reservar sobretudo para a discussão da theoria de Lombroso e se o tom muito hypothetico de que por louvavel prudencia o antigo psychiatra usa, nos não convencesse de que elle é um partidario pouco ardente da opinião que apresenta. Inutil se torna pelos dois motivos alongar a analyse dessa doutrina, que, segundo Maurice de Fleury, já atraz citado, «é, no seu proprio pensamento, confusa e mal elucidada» [2].

*

Max Nordau apresentou-se recentemente affirmando, como já dissemos, a hygidez dos genios do juizo e da vontade e a degenerescencia dos genios artisticos e emocionaes.

[1] Grasset, liv. cit., pag. 186.
[2] Maurice de Fleury, liv. cit., pag. 141.

A Arte, segundo Nordau, seria, assim, uma verdadeira manifestação de doença e todos os artistas de valor genuinos doentes. Comprehende-se quanto este criterio é violento e absurdo, porque conduziria a indicar como typo de hygidez o psychismo cerrado a todas as emoções de belleza. Ora estas pertencem á mais elevada parcella da sensibilidade humana e não representam na maioria dos casos um facto morbido, porque espiritos bem equilibrados e sãos, organismos bem constituidos, as experimentam em toda a sua plenitude.

Max Nordau pretendeu com a sua doutrina estabelecer mais um paradoxo interessante e saciar uma velha má vontade contra alguns artistas, especialmente da França contemporanea.

Maurice de Fleury, commentando a obra do psychologo allemão, escreve: «Neste discipulo de Lombroso, como no seu velho mestre de Turim, quantas opiniões de acaso, quantas classificações estabelecidas com a opinião antecipada mais evidente, quantos julgamentos sem provas, no meio de mais duma nota feliz e de mais duma observação engenhosa! Parece que o sr. Max Nordau se entreteve num jogo com as producções artisticas do nosso tempo, dividindo-as em pequenos recortes sobre cada um dos quaes colloca uma etiqueta com o nome duma das doenças nervosas e as mais das vezes duma daquellas que concluem pela alienação mental... Para elle, o mais legitimo orgulho chama-se delirio de grandezas; a melancolia, delirio de perseguições; a mais

innocente distracção, ausencia epileptica; o lyrismo, divagação; o rythmo torna-se uma mania, a vivacidade loucura furiosa, o abatimento coma. É o cumulo da opinião antecipada, o que é propriamente o contrario da sciencia» [1].

Funda-se Nordau para affirmar a degenerescencia nos genios artisticos, em todas as caracteristicas morbidas, que com a falta de rigor scientifico, acima apontada, nelles pretende existirem sempre, e ainda no facto de vêr na sensibilidade uma funcção restricta da psychicidade humana normal, o que, como já num capitulo anterior escrevemos, é um ponto de vista erroneo.

É certo que os poetas mais exaltados, os litteratos mais devaneadores, os lyricos mais apaixonados, os artistas de mais subtis requintes emotivos e estheticos, teem por vezes uma accentuada morbidez a par do seu talento ou do seu genio. A maior parte dos symbolistas, dos bysantinos, dos preraephaelistas, dos mysticos, e, em geral, todos os artistas e poetas decadentes entram no dominio da pathologia. Ninguem o póde contestar. Lombroso, quando toca nesse ponto, tem uma grande somma de razão. Paul Verlaine é o typo desses decadentes, cujas obras teem tantos requintes de arte como signaes de doença. Ainda assim mesmo convem não ajuizar sempre da morbidez dos decadentes pelas suas obras. Quantas vezes um artista são cultiva um symbolismo ex-

[1] Maurice de Fleury, liv. cit., pag. 142.

cessivo, por exemplo, por mera condescendencia com a escola que segue ou por desejo de dar nas vistas e alcançar fortuna litteraria pela singularidade

Fig. 5 — Medalhão modelado em barro por um doente do Hospital do Conde Ferreira, que pretendia representar o director daquelle manicomio

dos seus trabalhos! Receiemos sempre que a obra não seja um meio seguro de critica da personalidade do autor. Quantos escrevem o que não sentem, quantos são nas suas obras defensores dum ideal

de abnegação e no seu intimo uns egoistas, e vice-versa!

Mas póde bem affirmar-se a existencia de uma Arte doente e de artistas doentes. Isso, porém não basta para permittir que se generalisem a toda a Arte e a todos os artistas as caracteristicas pathologicas, encontradas numa parte apenas daquella e destes.

Em Portugal, por exemplo, Anthero de Quental reflecte no seu nihilismo poetico o pessimismo que o conduz ao suicidio, Antonio Nobre apparece-nos tal qual foi, nos accordes da sua lyra dedilhada pelos seus dedos magros de tysico, com a tristeza profunda do seu mal irremediavel e ás vezes no acceso da febre da sua enfermidade, e Camillo semeia na sua obra signaes duma degenerescencia provada, e é vê-lo a descrever com um vigor e uma vibratilidade que nas outras narrativas se desvanecem um tanto, as grandes scenas de crime e de loucura. Mas a contrapor a estas surgem milhares de obras equilibradas e sadias, em que não ha vestigios de doença dos autores. A não ser que se pretenda que uma visão imaginada por um poeta tenha sido fatalmente uma allucinação, que toda a canção de amor seja reveladora dum delirio erotico, que toda a alegria seja obra dum melancolico... Mas francamente ajuizar de tal fórma da hygidez dos autores pelas suas mais ficticias invenções ou por representações de estados de alma, que todo o homem normal tem um dia, é leviandade indesculpavel ou animosidade preconcebida.

Nordau não foi leviano: foi apenas um combatente que não hesitou na escolha de meios para guerrear os adversarios.

Isso não cabe dentro da sciencia.

V

A doutrina de Lombroso—A possibilidade da sua refutação; a sua originalidade; a paternidade duma theoria; ancia de celebridade.—A documentação da obra de Lombroso; confusões, leviandades, contradicções, inexactidões, affirmativas gratuitas; os defeitos dos grandes homens; biographos tendenciosos; erros de interpretação.—A degenerescencia no genio; os estigmas apontados; percentagem pequena de estigmatisados; a lista de estigmas, segundo Paul Raymond; o valor dos signaes degenerativos apontados por Lombroso; generalisações excessivas; uma documentação feita com historietas de almanak; Camões classificado entre os degenerados por ter sido celibatario; as difficuldades de diagnose da degenerescencia; opiniões de Féré, Paul Raymond, Magnan, Legrain e Mayet; a progenerescencia do genio, na expressão de Richet; a theoria da degenerescencia do genio, batida em toda a linha.—As nevroses e psychoses no genio; estatistica de Regnard; 11 alienados em 409 genios autenticos; os defeitos geraes da obra avultando neste trecho; exaggeros; as relações dos estados psychopathicos com a genialidade; o valor das causas extrinsecas na alienação do genio; as torturas e perseguições aos homens de genio; diagnosticos levianos; a loucura antagonica do genio; provas deste antagonismo: o genio symptoma ou consequencia de psychonevroses; justo commentario de Nordau; explicação da coincidencia de genio com psychopathias; pareceres de Nordau, de Réveillé Parise e outros.—A etiologia do genio: insufficiencia de documentos; Lombroso confessando a pobreza e a incerteza dos dados que apresenta; estatisticas sem significado palpavel; a etiologia das manifestações psychicas em geral, arvorada em etiologia do genio; uma reserva aconselhada pelo proprio Lombroso; these por demonstrar.—Synthese; as caracteristicas dos genios alienados; explicação da hygidez do genio nos homens de genio doentes; as caracteristicas dos genios não alienados; o valor e a significação dessas caracteristicas; o caracter epileptoide da psychose genial de Lombroso; pretendidas analogias da creação genial com a crise epileptica; os genios epilepticos; os caracteres degenerativos do genio que teem analogias com os da epilepsia; inexactidões; resultados da applicação do methodo de Lombroso á humanidade inteira.

A obra de Lombroso sobre o genio apresenta-se, na apparencia, de difficil refutação, não porque fal-

tem promptos argumentos para contrariar as suas asserções menos exactas, mas porque, revelando a grande somma de conhecimentos do seu autor, ella é constituida por um numero subido de parcellas cuja analyse especial, demorada, levaria longe os criticos do celebre psychiatra.

Assim, na primeira parte do seu trabalho, elle estuda a physiologia e a pathologia do genio, abordando a historia do problema, procurando marcar os seus caracteres degenerativos, indicando as fórmas frustes de nevroses e de alienação que nalguns suppõe encontrar, e emfim apontando os que lhe parecem alienados.

Uma segunda parte do livro é consagrada a um longo estudo do que elle chama a etiologia do genio, seguindo-se-lhe uma demorada investigação do genio nos loucos e concluindo a obra por uma synthese, em que o autor procura classificar o genio uma psychose degenerativa epileptoide.

A questão do genio nos loucos, que julgamos particularmente interessante, relega-la-hemos para um capitulo especial. Os restantes pontos da obra, procuraremos abrange-los num commentario tão generico, quanto seja possivel sem detrimento do necessario rigor critico.

O trabalho de Lombroso — digamo-lo desde já — é uma edição correcta e ampliada da obra de Moreau. O autor italiano, encontrando nesta um veio a explorar e enthusiasmado com o exito dos seus anteriores estudos de psychiatria, consagrou-se á tarefa

de a refundir segundo uma orientação moderna, de a recheiar de alguns dados novos e de maior quantia de argumentos, e emfim de a remexer de maneira a tirar-lhe o seu aspecto demasiado vago e archaico. Evidentemente não commetteu um plagio. Longe disso. Serviu-se dos estudos de Moreau como bases para o seu trabalho, parecendo-nos apenas censuravel que o não diga em pagina alguma do livro. Uma unica referencia a Moreau ahi se lê, na narração da historia do problema. Mas nessa referencia, secca e laconica, não ha a menor indicação de que a *Psychologie morbide* do psychiatra francês tenha servido de subsidio ao alienista de Turim. Este facto é deveras para notar e, provando que a Lombroso não desagradava assumir a paternidade da doutrina innovadora, torna admissivel tambem a supposição de que o seu desejo de rasgar horisontes novos á sciencia psychiatrica não foi desacompanhado da forte ancia de augmentar uma celebridade que o não satisfazia ainda.

*

Uma accusação grave que se póde fazer, duma maneira geral, á obra de Lombroso e que só por si basta para abalar rudemente uma doutrina que pretende assentar em factos, é a que se refere ao desleixo que presidiu á escolha da sua documentação.

Em primeiro logar, a todo o instante se citam alli homens de simples talento, para fundamentarem qualquer asserção a respeito do genio. Esta confusão entre o genio e o talento existe, porém, em toda a obra e só assim se explica que nella se affirme que num milhão de homens se pôde encontrar uma proporção de 421 genios, e se colloquem numa mesma linha Catharina II, George Sand e Carlota Corday, ou Tiberio, Bertillon, Holbein, Miguel Angelo e Daniel Wilson, ou ainda Carlota Corday, Dante, Corneille e *mistress* Beecher Stowe [1].

São tambem constantemente chamadas a capitulo, como genios autenticos, individualidades que por serem famosas não são no emtanto genios. Rabaud revolta-se contra a inclusão de Sylvio Pellico na obra de Moreau como um genio que experimentou allucinações; não considera Pellico um genio mas uma mera celebridade, e as suas allucinações seriam mesmo talvez effeitos das torturas enormes a que o submetteram. Pois Lombroso serve-se duas vezes do nome de Sylvio Pellico, para documentar a esterilidade e o exgottamento senil no genio. Tambem como Moreau, elle inclue constantemente no numero dos homens de genio as celebridades religiosas. Ora admitte-se a existencia de genialidade, embora coexistindo com uma certa morbidez, em alguns iniciadores, como Luthero, S. Paulo, etc., mas devem pôr-se de parte como genios esses

[1] A. Regnard, liv. cit., pag. 43.

extaticos, esses prophetas, esses videntes, esses muitos cuja santidade e devoção assumiram todas as proporções dum delirio religioso, duma loucura typica. Santa Thereza de Jesus, S. Francisco d'Assis, Santo Ignacio de Loyola, S. João de Deus não ficam bem ao lado de Ampère, de Aristoteles, de Victor Hugo ou de Kant. O genio tem um senso critico e uma originalidade, que lhe permitte descobrir verdades novas ou bellezas ineditas para a humanidade. Nos devaneios desses mysticos raro ha logica, verdade e... esthetica.

Para se vêr, porém, a que ponto foi a leviandade de Lombroso na escolha de bases para as suas affirmativas basta citar alguns trechos da sua obra. Entre os genios *tardios* elle inclue, por exemplo, Klaproth, o celebre orientalista, que, na sua carreira escolar, a um professor que lhe exprobou a sua ignorancia, respondeu que sabia o chinez, vindo a verificar-se que aprendera, só e ás escondidas, essa lingua tão difficil. É um genio tardio este homem que revela um tal talento ainda nos bancos das escolas?

Num outro ponto escreve Lombroso «que aos *cinco* annos Meyerbeer tocava admiravelmente piano» [1]. Logo na pagina seguinte diz: «Meyerbeer tocava muito bem piano aos *dez* annos».

Logo nas primeiras paginas do livro Voltaire ap-

[1] Lombroso, *L'homme de gênie*, pag. 30. Estas referencias ás paginas da obra de Lombroso, dizem respeito á 4.ª edição francêsa desta.

parece citado no numero dos homens de baixa estatura, e a seguir no dos de elevada estatura!

Um autor francês gasta uns poucos de pontos de admiração por vêr o grande Sardou incluido por Lombroso numa lista de genios, possuindo aspecto de cretinos ou degenerados. «Passe encore pour l'affreux Socrate; mais ce pauvre M. Sardou! l'air d'un crétin dégénéré!»

Augusto Comte foi, segundo Lombroso, tratado durante *dez annos* por Esquirol; curou-se, accrescenta aquelle autor, mas para repudiar sem motivos a mulher que o salvara [1]. Pois Longchamps num artigo na *Revue Occidentale,* em 1889, e Robinet na sua *Vie de Auguste Comte* dão informes muito diversos. O tratamento com Esquirol durou apenas oito mêses, e só muito tempo depois de se ter curado, é que Comte se separou da mulher. Mas nem esta o salvara nem elle a abandonou: foi ella que lhe fugiu!

Regnard refere-se a esta phrase do livro de Lombroso no capitulo respeitante á precocidade do genio: «Ennio Quirino Visconti excitava a admiração aos dezeseis mezes» [2]. E mostra desejos de saber o que provocava esta admiração «á la mamelle».

Lombroso attribue ainda a Comte o ter prophetisado que será um dia possivel á mulher fecundar-se sem a intervenção do homem. Não é verdade. Comte nada disso prophetisou; exprimiu unicamente um

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 108.
[2] Idem, pag. 31.

desejo, um sonho, formulou uma verdadeira utopia [1], assente sobre as noções scientificas que na época existiam sobre o valor do elemento masculino na fecundação do ovulo.

Seneca e Bacon apparecem a Lombroso como criminosos repellentes [2]. Porque? Porque acceitou como boas as opiniões tendenciosas de Suilius e Macaulay sobre cada um desses homens respectivamente, e não preferiu conduzir-se pelas encomiasticas biographias dos mesmos, feitas por Diderot e Montagu.

Dante teve, segundo o que Lombroso diz em certa altura do seu livro [3] indicios de accessos de epilepsia: furor erotico, irascibilidade, etc. Uma pagina atraz, Dante figura entre os homens de genio que acabaram com serenidade a sua carreira intellectual e que a loucura nunca attingiu!

Accrescente-se a todas estas contradicções e inexactidões a série de affirmativas gratuitas de que a obra está recheada. Citam-se alli a cada passo nomes de individualidades antigas, cujas biographias são escassas ou imprecisas em pormenores. E note-se que esses nomes apparecem ligados a factos por vezes de bem difficil constatação, dada a distancia enorme a que de nós se encontra a época em que se passaram.

[1] Auguste Comte, *Philosophie positive*, IV, pag. 68.
[2] Lombroso, liv. cit., pag. 94.
[3] Idem, pag. 554.

E o «diz-se» tem na obra de Lombroso um uso illimitado. Qualquer ligeira suspeita, qualquer informe sob reservas, qualquer vaga referencia elle aproveita decidido, desde que lhe pareçam fundamentar a sua these. Não repara na sua imprecisão, não se arreceia das insinuações de biographos tendenciosos.

Tudo isso claramente attinge o merecimento scientifico d'essa obra.

Não esqueçamos ainda o que já dissemos a respeito da doutrina de Moreau e de Nordau. Os defeitos dos homens celebres avultam mais aos olhos de toda a gente do que os dos homens vulgares; e muitas vezes elles, por desejo de originalidade, escrevem o que não sentem e se dizem séde de factos meramente de phantasia. Lombroso não tomou isso em consideração, apezar de saber, por exemplo, que Sallustio escrevendo tiradas cheias de virtude, passou a vida no deboche, e de reconhecer que os escriptores mais castos na sua vida o eram muito pouco nos seus escriptos, e... reciprocamente[1]. Utilisou tudo o que lhe pareceu servir a sua doutrina, sem fazer uma selecção demorada e rigorosa dos elementos colhidos, sem separar o trigo do joio.

Com uma documentação desta ordem, não póde considerar-se solidamente construida uma theoria scientifica.

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 90 e 39.

É consagrada uma das primeiras partes do livro de Lombroso a uma tentativa de demonstração do caracter degenerativo do genio. Nordau subsequentemente limitou-se, como já vimos, a apontar estigmas de degenerescencia nos genios emocionaes e artisticos. Mas o seu mestre italiano, no intuito de considerar o genio uma psychose degenerativa, estendeu esse criterio a todos os homens de genio e dedicou numerosas paginas da sua obra á menção de signaes de degenerescencia, que lhe pareceu encontrar em muitos d'elles.

A questão é das mais interessantes e offerece especial importancia neste nosso estudo.

Lombroso passa em revista alguns dos estigmas de degenerescencia physica e psychica, e vae indicando — ás vezes sem dados biographicos certos que lhe permittam fazer rigorosamente taes affirmações — os homens celebres que possuiram um ou mais desses estigmas.

Os estigmas apontados pelo notavel psychiatra são os seguintes: pequena estatura; rachitismo; cyphose; pé boto; magreza; anomalias craneanas e cerebraes; anomalias do campo visual e da percepção sensorial; gaguez; mancinismo; esterilidade; dissimilhanças familiares; precocidade; retardamento; misoneismo; vagabundagem; instantaneidade e inconsciencia das creações geniaes; somnambulismo; contraste e intermittencia psychica; dupla personali-

dade; reacção excessiva; melancolia; monoesthesia, paresthesia, anesthesia e hypersthesia; amnesia; tolices; originalidade; perseguição; palavras particulares; escriptas particulares.

A cada uma destas categorias de estigmas distribue, no seu livro, Lombroso um numero variado de genios, ou, mais exactamente, de homens celebres, muitos dos quaes d'uma genialidade duvidosa. Não se julgue, porém, que dos 1.100 que apparecem no indice final da obra vão todos ou quasi todos para essa galeria de degenerados, o que seria a unica fórma, de se poder affirmar com probabilidade a natureza degenerativa do genio. Nada disso. Apenas são apontados 78 como tendo pequena estatura, 45 como sendo magros, sobretudo na sua mocidade, umas quatro duzias como tendo quaesquer estigmas craneanos e cerebraes, 58 como sendo celibatarios ou estereis, etc., etc. Para 1.100, a desproporção é grande e a insufficiencia de citações — que mesmo assim são por vezes erroneas ou infundadas — é mais do que flagrante. Não é risivel que se indique a magreza como um estigma do genio e de 1.100 nomes se apontem só 45 de magros? E que quer isso dizer? Que prova isso? Não são magras innumeras creaturas que não podem só por isso incluir-se na categoria dos degenerados? E a menção de 58 nomes de genios estereis ou celibatarios prova a esterilidade do genio?

Sem duvida, as citações feitas por Lombroso são em numero insufficientissimo para demonstra-

rem a sua these com o caracter generico e absoluto, que elle pretendia dar a tal demonstração.

Mas reparemos para essa lista, apparentemente tão longa, e apreciemos o seu valor no conjuncto e no detalhe.

Comparemo-la com a lista de estigmas de degenerescencia conhecidos, ainda incompleta, que nos é possivel organisar em face do excellente livro de Paul Raymond [1] e vejamos quanto ella é afinal de contas escassa e pobre.

Eis esta ultima lista: *Estigmas physicos ou anatomicos:* — malformações da cabeça, do craneo e da face; asymetrias da face; suspensões do desenvolvimento da face (labio leporino, desvios nasaes, ausencia de septo nasal, aperto das fossas nasaes, etc.); malformações, ausencia, asymetrias, anomalias de posição, de inserção (orelha em ansa), ou de direcção do pavilhão da orelha, anomalias do helix, do tragus, adherencias do lobulo; prognathismo accentuado; anomalias dentarias; anomalias dos maxillares e dos palatinos (asymetria das arcadas, falta de encaixe dos dentes, anomalias da abobada palatina, e sobretudo ogivalidade desta, podendo acompanhar estas malformações a divisão do veu palatino, a asymetria da lingua e dos labios); desvios e malformações do rachis; asymetrias e malformações do thorax (peito em quilha, em gotteira, thorax afuni-

[1] Dr. Paul Raymond, *L'Heredité morbide*, Paris, 1905. Pag. 326 e segt.es.

lado, ausencia do musculo grande peitoral, etc.); monstruosidades e asymetrias dos membros (ectromelia, hemimelia, luxações congenitas da anca, ausencia de certos ossos, pequenez excessiva dos dedos, desproporções, polydactylia, ectrodactylia, syndactylia, pé boto ou pé chato, etc.); anomalias dos orgãos genitaes; perturbações de coloração dos tegumentos, «naevi», anomalias do systema piloso, malformações e ectopias visceraes, infantilismo, feminismo, masculismo, nanismo, gigantismo, esterilidade, etc.

Estygmas physiologicos: — Perturbações de motilidade (estados convulsivos, spasmos, caimbras, tremulos, paralysias passageiras, difficuldade na marcha, mancinismo, estrabismo, motilidade do pavilhão auricular, modificações da escripta, mudez, gaguez, incontinencia de urina, etc.); perturbações de sensibilidade (dysesthesias, hyperesthesias, anesthesias, hemianesthesias, estreitamento do campo visual, daltonismo, astigmatismo inverso, hyperacuidade auditiva ou surdez, surdo-mudez, etc.); perturbações respiratorias, circulatorias, digestivas (aerophagia, merycismo), genitaes (excessos venereos, masturbações, na mulher anomalias obstetricas, etc); urinarias, nervosas («tics», chorea, etc.); infecundidade ou polylethalidade dos descendentes, etc.

Estigmas psychicos: — Idiotia; imbecilidade; debilidade mental; desiquilibrio intellectual (degenerados superiores de Magnan); lacunas de intelligencia, de senso moral, da vontade, da emotividade, etc.;

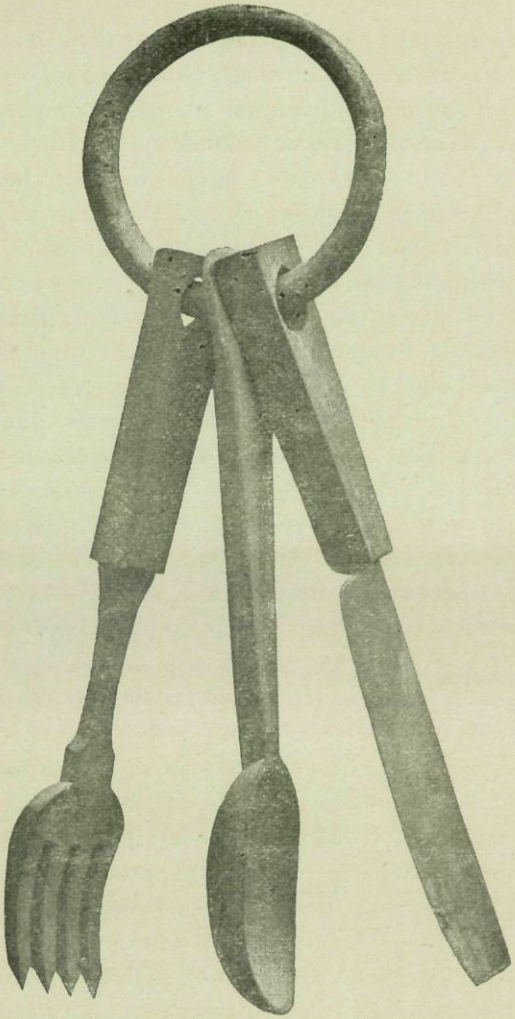

Fig. 6 — Um talher sustentado por uma argola — Trabalho em madeira dum doente do Hospital do Conde Ferreira

obsessões, impulsões, perturbações emotivas (dipsomania, loucura da duvida, delirio do tacto, kleptomania, pyromania, onomatomania, phobias, impulsões ao suicidio ou ao homicidio, perversões sexuaes, etc.); caracter original, excentricidades, e muitos outros estigmas, de que Ballet fez uma ampla exposição, mas que seria inutil reproduzir aqui.

Chegamos ao final desta enorme lista e ficamos surprehendidos, menos com a sua desproporção perante a de Lombroso para o genio do que com as lacunas que na deste ultimo psychiatra se observam, referentemente a certos estigmas que Paul Raymond não esqueceu e que são importantissimos e vulgares nos degenerados. Os *tics*, as anomalias auriculares, dentarias e palatinas, as suspensões de desenvolvimento da face, e muitos outros banalissimos signaes de degenerescencia não os aponta Lombroso no capitulo mencionado em 1.100 homens celebres, o que — digamo-lo de passagem — nos não impede de crêr que em varios tenham, alguns d'elles, existido.

Começa o psychiatra italiano a sua explanação por citar 78 homens famosos, de pequena estatura, mas conscienciosamente lhes contrapõe 23 de grande estatura. Era caso para pedir, como Henri Joly, os nomes dos genios que não foram altos nem baixos, e que serão talvez em maior numero.

Entre 18 homens de genio — só 18! — que Lombroso distribue ao rachitismo, ás malformações do rachis, dos membros, etc., apparece, por exemplo,

o remoto heroe messenio Aristomenes e o disforme Tyrteu, que os athenienses lhe mandaram por irrisão. Não falla a historia no talento ou no genio d'esses illustres personagens! Tambem nessa lista se refere o nome do philosopho Crates, cuja biographia está tão pouco esclarecida que se ignora mesmo a época approximada em que viveu!

Os estudos sobre os craneos, cerebros, campos visuaes, e valor psychometrico dos genios, a que Lombroso se consagrou, abundam em detalhes que provam a erudição d'esse homem de sciencia, mas que se não referem na sua quasi totalidade senão a vagos mathematicos, artistas e biologos, cuja genialidade e talento se não asseguram. De resto, os resultados dalguns desses estudos são contradictorios [1] e os de muitos outros não teem o menor va-

[1] Henri Joly escreve, por exemplo: — Elle (Lombroso) diz-nos que «o volume dos craneos dos homens de genio se se eleva acima da média para a capacidade cerebral». Algumas linhas mais abaixo accrescenta: «Mas encontram-se numerosas excepções que a fazem descer algumas vezes abaixo da média vulgar»; alguns mesmo foram, affirma elle, *submicrocephalos*. Julga concluir de tal que «como o genio é muitas vezes expiado pela inferioridade de certas funcções psychicas, é tambem acompanhado de anomalias nesse mesmo orgão que é a origem da sua gloria». Porque não continuou elle as suas autopsias retrospectivas? Não teria deixado de encontrar craneos celebres que não eram nem submicrocephalos nem macrocephalos, mas que eram craneos ordinarios, sufficientemente desenvolvidos, bem conformados, reproduzindo emfim o typo normal da nossa especie. (Liv. cit. pag. 12).

lor para demonstração da degenerescencia no genio. Supponhamos que neste havia por exemplo, — o que alli apezar dos esforços empregados se não prova — uma diminuição no valor médio da attenção, relativamente ao homem vulgar. Ora não se póde isso explicar, como o proprio Lombroso diz, pela maior affluencia de associações de ideias collateraes que trazem obstaculos á attenção no momento da percepção? [1] Isto póde tomar-se como um signal de degenerescencia?

Sob o ponto de vista da acuidade visual, Lombroso teve o desgosto de encontra-la perfeitamente normal em 10 por 12 dos seus examinados. O contrario mesmo pouco representaria como signal degenerativo categorico. Essas modificações de acuidade são banalissimas naquelles que se consagram a escriptas e leituras demasiadas, em geral a todos os trabalhos subtis que exigem constantes esforços de acommodação visual.

A gaguez é apontada em 18 homens celebres apenas. Entre elles conta-se Moisés. Teria o psychiatra italiano colhido segura noticia d'essa gaguez em leituras biblicas?

O mancinismo encontrou-o Lombroso em 12 genios, no numero dos quaes tomou a liberdade de incluir Tiberio.

No capitulo da esterilidade, a mesma deficiencia de citações. Para mais, confunde-se alli celibato com

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 25.

esterilidade. Como se os celibatarios fossem todos incapazes de procrearem! Note-se que por haver duas duzias de celibatarios em 1:100 genios mais ou menos autenticos, se faz finca pé na esterilidade do genio! E esta serve até a Lombroso, para uma complicada demonstração biologica do desequilibrio no genio.

Repare-se ainda em que essa esterilidade do genio não impede a sua precocidade sexual! Aos 11 annos, escreve Lombroso, Raphael tinha já seduzido raparigas e aos 14 compoz um poema sobre as suas doze primeiras amantes!! [1]

O estigma precocidade, aponta-o o mesmo autor a varios homens superiores—relativamente poucos—com uma incrivel leviandade e por vezes com uma muito provavel phantasia. Veja-se, por exemplo, esta *precocidade:* «Fulton começára aos 28 annos a estudar a navegação a vapor, e obteve aos 42 o seu primeiro triumpho no *Hudson*» [2]. Que menino prodigio, este de 42 annos! Note-se ainda quanto ha de suspeito nestas outras: «Niebuhr era um prodigio aos 7 annos, e aos 12 já conhecia muito bem 18 linguas... Mirabeau aos 3 annos fazia discursos...» etc., etc. Conhecer 18 linguas aos 12 annos—não parece invenção? Discursos aos 3 annos—não seriam duma eloquencia ainda muito tartamudeada?

Nas outras estigmatisações a que adeante pro-

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 29.

[2] Idem, pag. 30.

cede, Lombroso suggere os mesmos reparos que temos feito.

Porque ha alguns homens de genio naturalmente tristes, a melancolia é posta entre os estigmas do genio. Mas essa melancolia não impede Leopardi, por exemplo, de ter um grande apego á vida—affirma-o o proprio Lombroso. Como isso differe da ancia de morrer de alguns melancolicos, que encontramos nos manicomios pedindo que os matem, que ponham termo ao seu soffrimento com um tiro ou com um veneno!

Porque ha alguns genios que tiveram sonhos interessantes cuja descripção publicaram, Lombroso não hesita em annunciar «o somnambulismo dos homens de genio». Balzac é apodado de somnambulo... por escrever sempre de noite! [1].

Porque apparecem entre os genios uns quatro ou cinco irritaveis ou excessivos, a irritabilidade de caracter e a reacção excessiva servem para estigmatisa-los!

O individualismo legitimo de alguns espiritos superiores, o seu rasoavel orgulho, a sua plena consciencia da animadversão que alguns seus contemporaneos votam ás suas innovações, dão a Lombroso pretexto para largas explanações sobre o misoneismo e delirio de perseguições no genio, explanações em que ha aliás a mesma falha de documentação que ha no mais.

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 41.

As inverosimilhanças, as affirmações suspeitas multiplicam-se. A exposição sobre a amnesia nos genios, é de tal quilate, sob esse ponto de vista, que não resistimos a transcrever parte della:

«*Amnesia* — É um outro caracter frequente nos grandes talentos.

«Assim conta-se de Newton, que encheu um dia o cachimbo com um dedo duma das suas sobrinhas, e que quando sahia do seu quarto para procurar um objecto, regressava sempre sem elle (Brewster, *Life of Newton,* 1856).

«Diz-se tambem que Ampère, tendo ido a cavallo a uma casa de campo, preoccupado com um problema, desceu a meio do caminho segurando o cavallo pelas redeas e perdeu-o; mas, o que é muito peor, não deu por isso e foram os seus amigos que á chegada notaram o facto.

«Babinet aluga uma casa de campo, paga o aluguer, e uma vez de regresso á cidade, não se recorda já do logar em que esteve, nem sequer da *gare* de que partiu. (Michiels, *Le monde du comique,* 1886).

«Buffon, um dia, immerso nos seus pensamentos, subiu a uma torre e desceu pelas cordas do sino, sempre distrahido e procedendo como um somnambulo.

«Mozart, cortando carne, cortava tantas vezes os dedos, tão ageis aliás para o piano, que foi emfim obrigado a manda-la cortar por outros.

«O bispo Münster, vendo escripto na porta da

sua ante-camara *O dono da casa está ausente,* parou e pôz-se á espera... do seu proprio regresso (Réveillé Parise).

«Conta-se de Tucherel que uma vez esqueceu o seu proprio nome...

«... Gioia, no enthusiasmo da inspiração escreveu um capitulo inteiro na tabua da sua mêsa.

«O padre Beccaria, muito preoccupado com as suas experiencias, acabou a missa dizendo: *Ite! Experientia facta est...*

«... Diderot alugava carros de que se esquecia e que lhe ficavam á porta dias inteiros, vendo-se elle obrigado a pagar esse tempo todo...» [1].

Não parecem algumas destas referencias simples historietas de almanak? Acaso teem todas o valor duma documentação verosimil, solida, scientifica? De fórma alguma. Pois nos restantes informes dessa natureza que na obra se fornecem, abundam as mesmas inverosimilhanças, identicas faltas de rigor scientifico. Qualquer vaga noticia duma excentricidade dum genio é aproveitada por Lombroso como um signal positivo da sua degenerescencia. As duvidas não existem alli, os exaggeros multiplicam-se, as generalisações excessivas enxameiam.

O nosso grande Camões, o genio da epopeia portuguêsa, apparece, no livro de Lombroso, como muitos outros, com *um só estigma.* É accusado de... celibatario. Excluindo o que os seus legendarios

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 55, 56, e 57.

amores com a Natercia possam adduzir em desabono da sua indifferença sexual, confessemos que é arrojado classifica-lo de degenerado por motivo apenas do seu celibato! Equivaleria a affirmar que todos os celibatarios são degenerados!...

Acceitemos no emtanto como reaes todos os estigmas apontados por Lombroso em alguns homens de genio. Em primeiro logar, não bastam na quasi totalidade de casos citados, um ou dois estigmas ligeiros para firmarem a diagnose de degenerescencia. Féré escreve que o numero de estigmas de degenerescencia augmenta por assim dizer cada dia, á medida que se estuda com maior cuidado a morphologia dos anormaes [1], e Paul Raymond mostra como é diverso o valor dos varios estigmas e como é preciso não pôr a etiqueta de degenerescencia em todos os portadores do mais leve signal que se possa suppôr um estigma degenerativo.

No seu livro, *Les Dégénérés,* Magnan e Legrain mostram quanto é frequente a existencia dalguns estigmas em homens normaes, e como elles faltam por vezes em genuinos degenerados. É facil constatar quanto abundam os estigmatisados no seio da humanidade sã. A perfeição physica e mental não existe, todos o sabem. Se qualquer desvio dum sonhado typo de hygidez absoluta hereditaria constituisse uma demonstração plena de degenerescencia,

[1] Ch. Féré, *La famille nevropathique,* 2.ª edição. Paris, 1898, pag. 254.

não haveria na humanidade senão degenerados. Ora nos homens de genio não apparecem no geral, pelo que podemos avaliar perante a exposição de Lombroso, mais signaes degenerativos do que nos homens vulgares. Porque estabelecer genericamente a sua degenerescencia?

Os estigmas degenerativos no genio são de resto independentes da sua actividade genial. A degenerescencia, segundo Mayet, implica uma decadencia physica e moral accentuada, e Magnan affirma que ella se caracterisa por uma disposição organica congenita e constante que põe obstaculo á realisação regular da funcção correspondente. Ora o genio — concede-o o proprio Moreau [1] — consiste num aperfeiçoamento de todas as faculdades psychicas ou de algumas dellas (genios parciaes de Voisin).

Onde está na sã actividade genial a *decadencia* referida por Mayet e em que é essa funcção perturbada ou entravada, se ella se exerce até melhor do que nos espiritos vulgares? Rasoavelmente procedeu o autor do prefacio da obra de Lombroso, o prof. Charles Richet, etiquetando a pretendida degenerescencia genial, nome que reputa quasi um sacrilegio, com a designação original de *progenerescencia* [2].

[1] Vêr pag. 50 deste livro.

[2] Lombroso, liv. cit. Prefacio de Charles Richet, pag. VIII. —No proprio texto do livro de Lombroso a pag. 28 se lê: «...emquanto que nos homens de genio se trata de traços excepcionalmente nobres, por vezes sobrehumanos (altura da fronte, desenvolvimento do nariz e da cabeça, grande vivacidade do olhar)».

No genio são não ha realmente queda, perturbação, degenerescencia, mas sim uma ascensão, uma hyperactividade, um aperfeiçoamento de funcção. A categoria dos degenerados superiores, additada por Magnan á classificação de Morel, essa mesma, não póde ter a velleidade de abranger no seu dominio as genialidades hygidas. O proprio Magnan encontra *perturbação* nessa classe de degenerados. Onde está a perturbação nas referidas actividades geniaes?

Seja, porém, o que fôr, diga-se o que se disser, descubra-se o que se descobrir, a verdade irrefragavel é que Lombroso não conseguiu provar a sua these. A inconsistencia dos seus argumentos, a incerteza da sua documentação, o numero relativamente restricto das suas citações, o nullo valor de alguns signaes physicos e psychicos que considera verdadeiros estigmas, tudo se allia para permittir que no edificio dessa doutrina ardentemente construida, abra facilmente brecha a critica justa e rigorosa, e se venha a evidenciar a fragilidade dos fundamentos, sobre que aquelle psychiatra pretendeu assentar a demonstração do caracter degenerativo do genio.

*

Temos dito bastante sobre a má selecção que Lombroso fez de provas em appoio da sua these, para julgarmos necessario descer a detalhes ainda

no commentario das que elle consagra em especial á demonstração da frequencia da loucura, das nevroses, das fórmas frustes de nevropathias ou de alienação mental, nos homens de genio. Já mostrámos por exemplo como era inexacta uma das suas referencias mais importantes aos symptomas de loucura em Augusto Comte. Pois essa inexactidão existe em muitos outros trechos da parte da obra, que estuda a loucura e a nevrose no genio. Encontra-se no opusculo de A. Regnard, *Gènie et Folie,* uma cerrada e elucidativa demonstração da inanidade de muitas dessas referencias feitas por Lombroso. Seria demasiado longo reproduzir toda esta brilhante e rigorosa analyse. Por ella se deixa vêr que em 409 genios autenticos, universalmente reconhecidos como taes, apenas 11 accumulam claramente decisivas manifestações de genio com nitidos signaes de loucura e nevrose [1]. São elles Pascal, Augusto Comte, Jean Jacques Rousseau, Tasso, Schumann, Mahomet, Luthero, Socrates, Shopenhauer, Cesar, e — accrescenta ainda Regnard — Joanna d'Arc.

Admittamos, porém, ainda, contra este escriptor, que alguns outros genios apresentaram fórmas frustes de nevroses e de alienação, como chorea, epilepsia, melancolia, megalomania, loucura da duvida, alcoolismo, loucura moral, allucinações, etc.

Cumprir-nos-ha, é certo, reduzir sensivelmente o

[1] A. Regnard, liv. cit., pag. 103.

extenso quadro apresentado por Lombroso, pelos erros e imperfeições de documentação já citados, e ainda pela demasiada violencia com que em muitos casos elle classifica uma simples tendencia para a tristeza — melancolia, um legitimo orgulho — delirio de grandezas, uma embriaguez banal — loucura alcoolica, uma reserva vulgar contra innovações — misoneismo, uma narrativa litteraria duma ficticia visão — allucinação, uma indecisão accidental — loucura da duvida, etc., etc.

Ficam ainda assim alguns genios em que é possivel encontrar em dados instantes da existencia, manifestações de estados nevropathicos mais ou menos accentuados. Mas essas nevropathias são ainda por vezes effeitos mais de condições determinantes de natureza meramente mesologica e accidental do que duma constituição ou predisposição morbida, congenita.

A apparição duma doença infecciosa, por exemplo, em qualquer pessoa não exige sempre a intervenção de factores constitucionaes ou hereditarios. Porque se não admitte que no genio possam apparecer algumas vezes uma nevropathia ou uma psychopathia em identicas circumstancias? Assim um delirio, occasionado por uma febre typhoide, não deve num genio ligar-se systematicamente com a sua genialidade e com a sua anterior constituição nervosa e psychica. A paralysia do lado direito, com enfraquecimento intellectual, que attingiu Haendel um dia, não poderia attribuir-se a uma hemorragia

cerebral do hemispherio esquerdo, causada pelo *surmenage* e por uma forte emoção provocada pela fallencia duma sua grande empreza ao mesmo tempo commercial e artistica? A sua cura completa ao fim de algum tempo não mostra que a causa extrinseca era incomparavelmente mais forte do que qualquer possivel causa hereditaria ou constitucional? Como Haendel, outros genios tiveram talvez manifestações morbidas do systema nervoso, de etiologia sobretudo externa e não intrinseca, o que para fundamentar a theoria da psychose genial tem o mesmo valor que um delirio typhoide, uma nevralgia symptomatica, uma dyspepsia ou uma cyrrhose paludica, por exemplo...

Entre essas condições mesologicas que podem determinar com uma intervenção nulla ou minima dos factores intrinsecos a eclosão de perturbações psychicas ou nervosas em alguns homens de genio, avultam a hostilidade do meio, as torturas, os sacrificios que varios experimentaram com demasiado rigor e que abalariam da mesma maneira, senão mais fortemente, qualquer homem vulgar, são. Já nos referimos á provavel origem das allucinações de Silvio Pellico nas torturas que soffreu na prisão. Muitos factos que Lombroso aponta como demonstrando a existencia de delirios persecutorios no genio não são ficções de delirio, mas absolutamente reaes. Galileu foi uma victima da Inquisição. Bacon foi constantemente perseguido como herege. Guttenberg viu-se muitas vezes em perigo por-

que a sua invenção apparecia aos olhos dos seus contemporaneos como uma obra de magia demoniaca. Palissy foi perseguido como protestante e não escapou emfim á ferocidade catholica de Guise, morrendo na Bastilha. André Vesale, o glorioso anatomico, fazia a principio as suas disecções ás escondidas, com risco de ser massacrado por tocar nos cadaveres; foi muito atacado e injuriado por modificar as theorias de Galeno, chegando alguns a accusa-lo de impericia, arrogancia e impiedade e até a fazerem um jogo de lettras com o seu nome, *Vesale,* chamando-lhe *Vesanus* (louco); e por fim accusaram-no de ter dissecado um homem vivo, tendo sido perseguido pela Inquisição, de que o seu regio cliente, Philippe II, o livrou, condemnando-o a fazer uma peregrinação á Terra Santa, durante a qual elle morreu. Aristarco foi assassinado por ultrajar os deuses emittindo a ideia de que a terra girava em torno do sol. Ticho-Brahé e Copernico foram ameaçados de sérios perigos, por attingirem com os seus estudos astronomicos as velhas e infundadas theorias biblicas.

Fig. 7 — Pau aguçado, que um doente do Hospital do Conde Ferreira confeccionou para assassinar o dr. Magalhães Lemos

Como estes, muitos outros casos mostram quanto é hostil frequentemente aos genios o meio em que vivem. E etiqueta-os Lombroso com um delirio persecutorio!

Para a diagnose de factos psychopathicos nos homens de genio ha a levar em linha de conta a sua época, a sua raça e o ambiente social em que viveram. Vêr por exemplo mythomanos nos genios da edade media que se entregaram a praticas mysticas banaes, seria classificar de mythomaniaca toda a humanidade dessa época, de superstição e devoção generalisadas. Chamar, como Lombroso o faz, epileptico e louco moral a Pedro o Grande por decepar cabeças com a sua espada nos mais insignificantes assomos de colera, é collocar sob a etiqueta da epilepsia e da loucura moral toda a raça tartara e especialmente os tartaros desse tempo, cuja selvageria Pedro o Grande herdara, segundo o historiador Müller, do ramo materno, como do lado paterno, slavo, aryano puro, herdara as altas qualidades que lhe facilitaram a realisação da grande obra da fundação da Russia.

O que constitue um dos mais valiosos argumentos contra a theoria que identifica o genio e a loucura é a separação nitida que perante factos biographicos é possivel fazer, entre as manifestações de superioridade intellectual e as de psychose ou nevrose nos homens de genio. Lombroso confessava já, elle proprio: «Todas as analogias que se descobrem entre o genio e a loucura não demons-

tram na verdade que estes dois factos se possam confundir» [1]. Ora é facil verificar nos genios-alienados como, nos seus instantes de alienação manifesta, a superioridade intellectual se apaga sensivelmente, para regressar com os periodos de remissão.

Augusto Comte não produziu nada de geito emquanto esteve internado no manicomio por motivo da sua doença mental. As remissões permittiam-lhe ao contrario exercer com todo o seu vigor as suas admiraveis faculdades de espirito.

Compare-se a desastrosa palinodia final de Rousseau, *Rousseau juge de Jean Jacques,* com as *Confessions* e com algumas paginas da *Nouvelle Héloïse,* e obter-se-ha a prova flagrante de que a loucura em Rousseau, depois duma lucta demorada com o seu genio, acabou por triumphar de todo.

Tasso acabou de escrever aos 31 annos a sua *Jerusalem libertada.* Enlouqueceu pouco tempo depois: nunca escreveu mais nada em termos!

Schumann só fez as suas composições nos periodos de remissão da sua psychopathia.

Modernamente Nietzsche, o grande genio philosophico, deu ainda uma demonstração deste nosso parecer com a sua doença. A sua genialidade affirmou-se até certa altura da sua existencia. Um dia enlouquece. Deixa de escrever e de fallar. Fica, como

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 100.

diz o seu biographo Henri Lichtenberger, indifferente á gloria que só então cerca a sua obra admiravel e sorri apenas á irmã carinhosa que o rodeia de cuidados e copia tristemente os seus antigos escriptos para os enviar aos editores. Em summa, transforma-se numa verdadeira creança e morre sem regressar ao seu genio primitivo.

Esta separação e até antagonismo, do genio e da loucura, evidenciam-se em muitos outros casos analogos, que seria ocioso referir.

Supponhamos embora que Lombroso provou a existencia frequente em homens de genio de taras psychicas dignas de nota. Significa isso que o genio é um symptoma de psychose ou de nevrose, isto é, que a loucura e o genio se identificam na sua base, na sua essencia? De fórma alguma.

Ha muitos nevropathas com a nevropathia de Napoleão, mas entre elles ha um só Napoleão. Ha muitos doentes com o delirio persecutorio de Rousseau, mas entre elles ha um só genio como Rousseau. Ha muitos loucos com a loucura de Tasso, mas só este de tantos foi capaz de escrever um poema como a *Jerusalem libertada*.

Diz Max Nordau, com muito acerto: «Admitto que o proprio genio autentico está exposto frequentemente a perturbações cerebraes. Mas isso não prova de qualquer fórma que o genio é *à priori* uma psychose... Sabemos que muitos athletas soffrem e morrem de hypertrophia e de degenerescencia gordurosa do coração; é a doença profissional dos

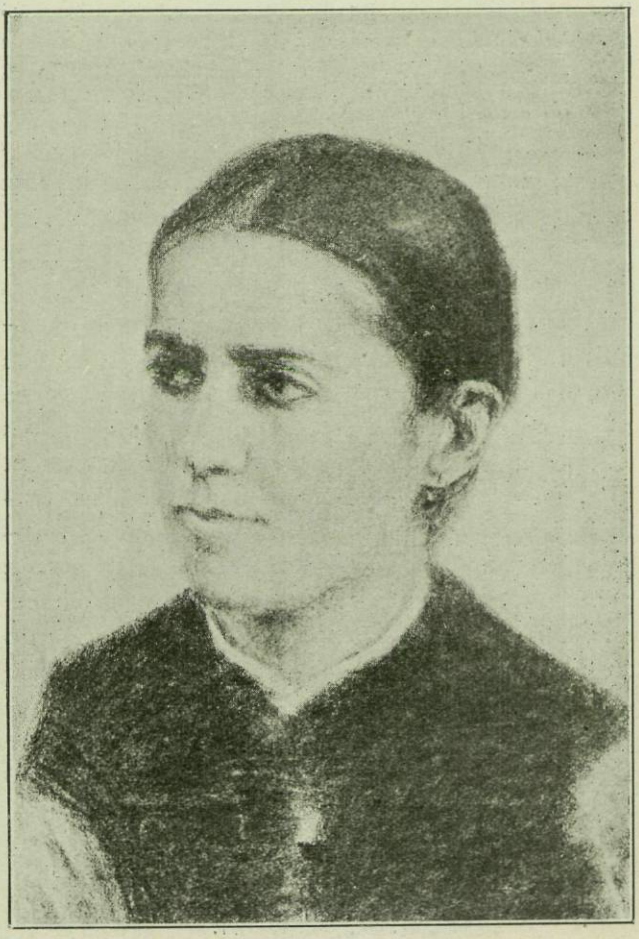

Fig. 8 — Cabeça de mulher. Desenho a *crayon* dum doente do Hospital de Rilhafolles (demencia paralytica)

campeões do *sport* e dos gymnasiarcas. Entretanto, não se ririam todos na minha cara, se eu dissesse: *O athletismo é uma cardiopathia?* Ora, esta phrase tem exactamente o mesmo valor que o famoso axioma: *O genio é uma nevrose*» [1].

Póde, pois, acceitar-se que o genio seja um symptoma, uma consequencia, uma manifestação dum estado psychopathico? Evidentemente que não [2].

Restaria, porém, explicar ainda a coincidencia de genio com signaes de psychopathia. É o que o proprio Nordau faz nestes termos: «O genio é evolutivo. É a primeira apparição, num individuo, de funcções novas, e sem duvida tambem de tecidos novos ou modificados do cerebro, destinados talvez a tornarem-se depois typicos para a especie inteira. Ora, onde existe um exemplo duma neoplasia pathologica que seja evolutiva? Admitto que o proprio genio autentico seja frequentemente exposto a perturbações cerebraes... Isso prova unicamente que uma neoformação evolutiva, uma differenciação superior, que se apresenta pela primeira vez como acquisição individual, é mais delicada e menos resistente do que um orgão rude e solidamente construido, consolidado pela hereditariedade e por uma longa selecção» [3].

[1] Max Nordau, liv. cit., pag. 90 e 91.
[2] Grasset, liv. cit., pag. 187.
[3] Max Nordau, liv. cit., pag. 90 e 91.

Já antes Rèveillé-Parise mostrára na sua *Physiologie et hygiène des hommes livrés aux travaux de l'esprit,* datada de 1856, que a nevrose no homem de genio é mais uma consequencia do seu trabalho excepcional do que uma origem do seu genio. Grasset, a proposito, escreve: «E de facto o *surmenage* intellectual, a vida *à outrance,* o desejo de conhecerem por elles mesmos todas as sensações... gastam certamente o systema nervoso dos superiores e podem, em muitos casos, auxiliar poderosamente o desenvolvimento da nevrose» [1]. Wechniakoff, Tardieu, Arvède Barine e Sainte Beuve confirmam este criterio, evidenciando o enorme dispendio de actividades que o genio effectua.

Não julgamos, é claro, esta explicação provada, mas ella tem forte verosimilhança e é um filão a explorar pelos investigadores. O que de maneira nenhuma se póde acceitar é a pretendida demonstração dessa inconsistente theoria que filia o genio num estado psychopathico e que o considera um symptoma ou manifestação de doença psychica ou nervosa.

Quando, num capitulo especial, percorrermos os manicomios, procurando, como Lombroso, manifestações de genialidade nos doentes alli internados, resaltará niüido e flagrante o erro que se praticou pretendendo-se descobrir no genio dependencias

[1] Grasset, liv. cit., pag. 87.

etiologicas de nevroses e doenças mentaes. Será mais um golpe na obra de Lombroso.

*

Em parte da sua obra estuda Lombroso o que chama a etiologia do genio e pretende encontrar ainda nella algumas analogias com a etiologia da alienação mental.

Nota-se tambem nas paginas do livro do psychiatra italiano consagradas a tal assumpto, a mesma insufficiencia documental que se observa nas restantes.

Assim, elle começa por analysar a influencia dos phenomenos meteoricos sobre as obras dos homens de genio e contenta-se, por exemplo, em demonstrar a acção dos ventos e da pressão atmospherica sobre elles com citações de insignificantes notas auto-biographicas de *cinco* homens de genio. Para se ajuizar do valor dessas notas, transcrevamos algumas ao acaso:

«Montaigne escreveu: — Se a saude me acompanha, bem como a claridade dum bello dia, tereis em mim uma santa creatura. — Diderot dizia: — Parece-me que o meu espirito enlouquece com os grandes ventos. — Giordani previa as trovoadas dois dias antes».

Não ha ninguem que não diga o mesmo que Montaigne. Saude e dias bonitos enchem de delicia todas as almas. Crêmos ainda que ninguem se sente

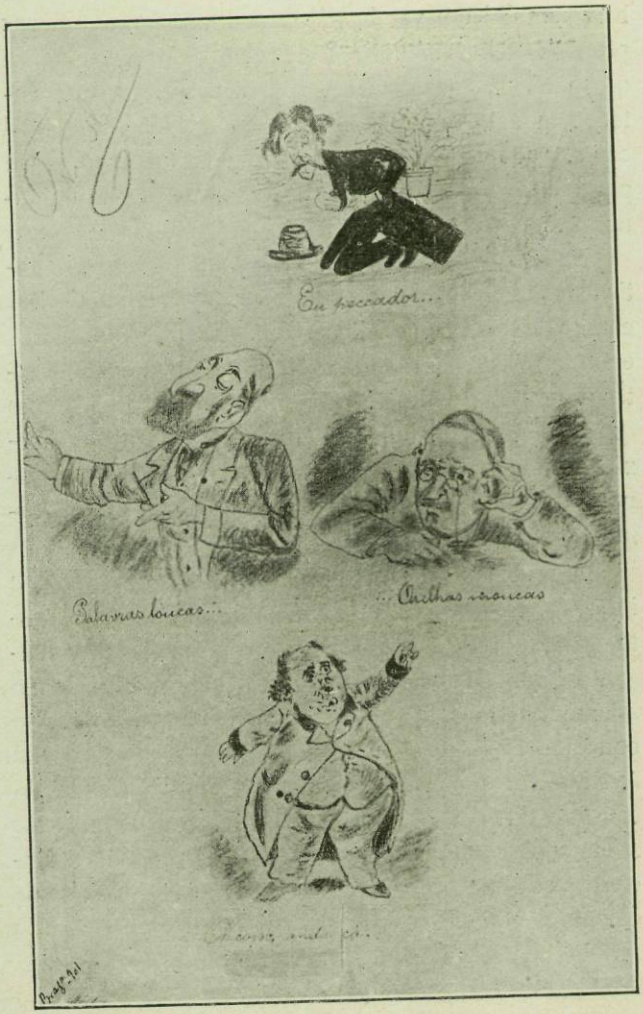

Fig. 9 — Caricaturas por um doente do Hospital de Rilhafolles (loucura moral)

bem quando um vendaval o açouta, e ha innumeras pessoas sem vislumbres de genio, mas sadias, a quem as cargas electricas da atmosphera, que antecedem as trovoadas, suggerem um profundo mal estar. Diderot e Giordani não constituem sob esse ponto de vista excepções morbidas dentro da humanidade.

Nas restantes provas accumuladas, nota-se identica insufficiencia de numero e de qualidade. No estudo da hereditariedade nos homens de genio, encontram-se os resultados mais francamente contradictorios e é de pasmar a leveza de animo com que se inclue um capitulo tão recheado de incertezas e de contrastes embaraçosos na série de argumentos com que se pretende demonstrar *scientificamente* uma these.

O proprio Lombroso tem num momento dado a intuição da fallibilidade estupenda da sua argumentação e escreve a meio do longo trecho que consagra á influencia do calor sobre o genio: «Eu penso aqui em todas as objecções que poderão erguer-se contra taes conclusões: *a pobreza dos dados,* a sua *incerteza,* a temeridade de fazer entrar no circulo estreito das estatisticas e de unir numa mesma somma os sublimes phenomenos da creação intellectual, que pareceriam os menos susceptiveis de calculo e de comparação» [1]. Adeante confessa ainda

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 162.

a proposito desse mesmo trecho: «Poder-se-ha portanto vêr n'elle, senão uma prova irrecusavel, pelo menos um estimulo para uma nova série de fecundas investigações psychometeoricas. Além disso, as creações geniaes não poderiam nunca ser em quantidade bastante para formarem grandes columnas numericas» [1].

Num outro ponto, porém, considera Lombroso a acção thermometrica sobre o genio como «mais clara e evidente» do que as outras acções meteoricas [2]. Quando no capitulo referente á acção do calor a «evidencia» das provas é da qualidade que o seu proprio autor reconhece, o que fará portanto nas que respeitam ás restantes acções meteorologicas!?

Reparemos ainda num facto interessante. Em alguns capitulos do seu estudo sobre a etiologia do genio, Lombroso em vez de fazer incidir as suas investigações sobre genios autenticos, organisa estatisticas em que interveem pintores, mestres de musica, etc., sem distincção de merecimentos. Em Italia ha 1:210 musicos, ou sejam 40,7 por um milhão de habitantes, diz elle. Que relação tem uma tal percentagem de musicos com a de genios musicaes? Não a diz Lombroso. De resto, a genialidade estende-se a multiplas manifestações da actividade

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 163.
[2] Idem, pag. 147.

psychica, não é privativa da musica ou da pintura. Caberia a Lombroso, pretendendo encontrar significado para o seu ponto de vista em percentagens de tal ordem, organisar estatisticas de mais profissões, o que exigiria o subsidio valioso dos compactos volumes dos censos demographicos. Mas acaso se póde avaliar do numero de genios dum paiz pelo numero dos seus musicos, dos seus pintores, etc? Estas ultimas cifras podem ser elevadissimas, sem que as creações geniaes abundem.

Notemos, porém, ainda que o estudo da etiologia do genio realisado por Lombroso é em alguns pontos mais um estudo da etiologia das actividades psychicas em geral do que apenas das manifestações geniaes. No capitulo que se refere á influencia orographica sobre os genios, melhor se póde dizer que se estuda a influencia dos relevos de terreno sobre a vivacidade intellectual, a orientação e o temperamento de todos os homens. Chegam a discernir-se alli os departamentos de França segundo as suas altitudes médias e as opiniões politicas dominantes dos respectivos corpos eleitoraes, como se a genialidade não recrutasse os seus preferidos em campos politicos os mais diversos e antagonicos, desde o mais reaccionario ao mais radical sem parcialidade manifesta por quaesquer desses campos, a não ser talvez pelos que representam os extremos de opinião, porcerto os mais proprios da tendencia do genio a remodelar completamente o estado social seu contemporaneo.

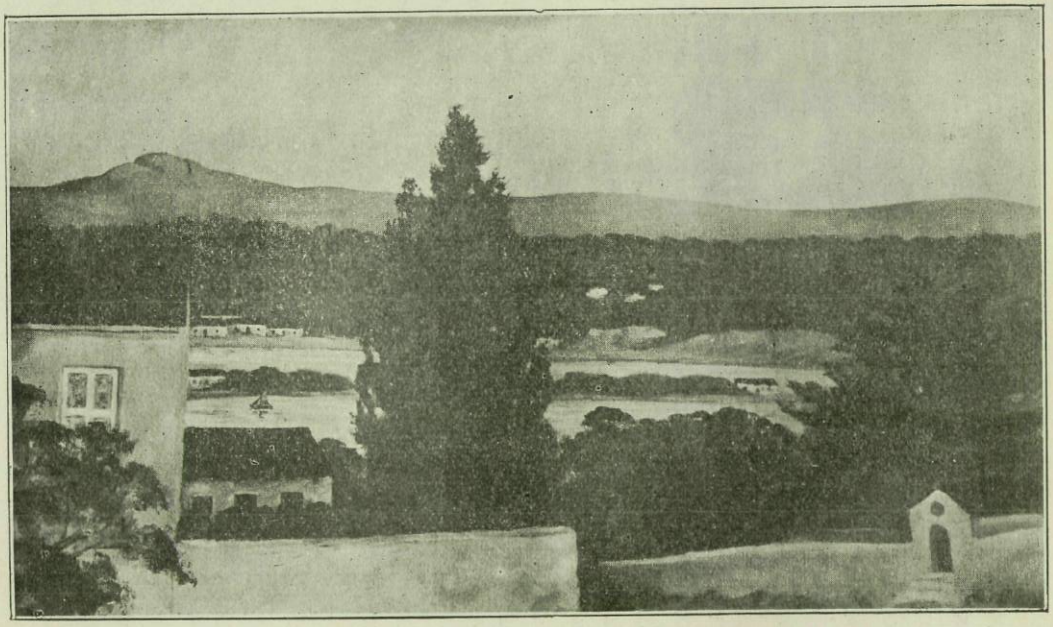

Fig. 10 — Paysagem — pastel dum doente do Hospital de Rilhafolles (loucura moral com debilidade mental)

A certa altura da parte da obra em discussão, Lombroso confessa: «Por mais fundamentadas que pareçam estas leis, (as que se referem á etiologia do genio), é necessario acolher as suas conclusões com uma certa reserva porque existe uma série de factores quasi inapreciaveis que interceptam e confundem todas estas influencias, sem exceptuar mesmo as orographicas» [1].

Isto é a mais categorica prova que poderiamos dar de que todo o edificio da etiologia do genio construido por Lombroso é impreciso e fluctuante. Nessa etiologia abundam, segundo diz o proprio autor, factores tão *inapreciaveis* e são tão *confusas* as influencias apontadas, que bem necessario se torna acolher o estudo em questão com uma *reserva*, que na sciencia se applica ás hypotheses não demonstradas.

Lombroso não conseguiu ainda nesse ponto fundamentar a sua these com a solidez exigida. Elle mesmo o confessa. Registemos a confissão.

*

Conclue o feliz autor do *Uomo delinquente* o seu infeliz estudo sobre o genio com uma synthese dos dados esparsos pelo seu livro, com a qual procura tornar flagrante a verdade da sua theoria de que o genio é uma psychose degenerativa epileptoide.

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 234.

A critica desses dados que a largos traços ensaiámos, é bastante, crêmos nós, para evidenciar o nimio fundamento dessa theoria, mas lancemos ainda um rapido golpe de vista sobre aquellas paginas em que se accumulam materiaes dispersos com os quaes se pretende construir um edificio.

Agglomeram-se num primeiro capitulo os caracteres dos homens de genio que foram ao mesmo tempo alienados, como falta de caracter, megalomania, precocidade, alcoolismo, vagabundagem, instabilidade, originalidade, duvidas, exaggero do eu, allusões á loucura nas suas obras, acções e pensamentos absurdos, etc.

Já analysámos o valor de alguns destes caracteres e mostrámos varios erros de facto que na sua distribuição pelos genios alienados Lombroso praticou. Tira grande parte da sua valia a esta synthese para a demonstração da psychose genial o contraste que provámos existir entre as manifestações de genio e as de loucura nos homens de genio que a alienação mental não poupou. Na sua dissertação inaugural, apoiado em factos, escreve o sr. Julio Dantas o seguinte: «A eclosão de uma vesania num homem de talento dá immediatamente uma baixa consideravel no valor esthetico das suas producções ulteriores» [1]. Esta affirmativa é exacta. Ha, portanto, uma visivel differenciação entre o ge-

[1] Julio Dantas — *Poetas e pintores em Rilhafolles*, pag. 8.

nio e a loucura. A sua coexistencia num individuo, num dado momento, é difficil de encontrar: ou o genio domina a loucura e sobresahe elle apenas, ou aquella domina o genio e se apresenta exclusivamente. São rarissimos os casos em que o genio tem um apparente caracter morbido, como nos artistas decadentes, mas as suas obras apresentam então nitida a marca de doença e ainda assim mesmo a genialidade apparece só no brilho, na systematisação, na originalidade, no encanto da creação feita, e a doença surge numa ou em muitas taras que imprimem á creação o seu feitio morbido. O genio é o constructor hygido, logico, coherente, original, da creação, a doença uma collaboradora apenas. Um psychopatha banal póde ter as allucinações de Pöe, mas é preciso que lhe sobrevenha o genio para descrever essas allucinações com o brilho com que Pöe o fez. Ha muitos dipsomanos como Paul Verlaine; mas falta-lhes o genio de Paul Verlaine para se pôr ao serviço dessa dipsomania.

Isto explica-se talvez. O genio consiste num melhor funccionamento de dadas zonas do cortex. Evidentemente a integridade de funcção só existe com a integridade do orgão. O genio corresponde, pois, a uma ou mais zonas corticaes sãs. Supponhamos que se dá uma alteração pathologica qualquer no systema nervoso. Se ella attingir as zonas em que o genio se localisa, se constituir uma nevropathia *d'emblée,* o genio será abafado por ella, porque as perturbações funccionaes se darão tambem na parte

Fig. 11 — Retrato do fallecido rei D. Carlos. Pastel e moldura dum doente do Hospital de Rilhafolles (loucura moral com debilidade mental)

do cortex em que elle reside. É o que se passou com Comte, Rousseau, Nietzsche e outros genios citados. Se, porém, essas zonas ficarem illesas, o genio conservar-se-ha são, funccionando independente da doença ou quando muito pondo-se, dentro da sua hygidez propria, revelada no senso critico, na logica e no brilho das suas creações, ao serviço de representações morbidas que as zonas lesadas lhe possam enviar. Este é o caso dos decadentes.

Uma nevropathia peripherica poderá, sem duvida, não influir na genialidade: uma nevrite optica, por exemplo. Uma lesão dos lóbulos posteriores do cerebro poderá causar crivelmente apenas uma alteração da affectividade ou de caracter, sem modificar as funcções de percepção e de raciocinio. A loucura moral poderia assim existir num homem de genio, como num genio de juizo, sem alterar a hygidez dos raciocinios geniaes.

Noutros casos, porém, as actividades da zona doente baterão á porta da zona genial, requerendo que funccione ao seu serviço. Uma doença da sensibilidade póde por exemplo enviar imagens deturpadas a um systema associativo são, a um systema associativo genial. Este construirá sobre a morbida base um edificio aliás admiravel. Uma analogia existe aqui com certos delirios systematisados. Mas o delirio systematisado dum alienado vulgar é bem diverso no brilho e no valor da sua textura, da creação feita por um genio sobre uma representa-

ção falsa. A analogia póde existir na seriação geral dos phenomenos, mas não existe na sua intensidade e complexidade. E se fossemos a fazer alarde de analogias desse theor, breve veriamos analogias enormes entre o alienado e o homem normal.

Longe nos levaria esta divagação, em que arriscamos uma explicação, sem pretenciosismo, apenas com probabilidade, da hygidez do genio em homens de genio doentes. Regressemos, porém, ao ponto de partida e notemos ainda que Lombroso não conseguiu, como evidenciámos já, provar pela coexistencia num mesmo individuo de genio e psychonevroses, a sua theoria da psychose genial. Mostrámos já que o genio não póde de maneira alguma considerar-se um symptoma, uma consequencia, uma manifestação dum estado psychopathico [1], antes possivelmente auxilia com frequencia a installação de psychopathias nos homens que possuem um tão precioso dom.

O segundo capitulo da parte da obra de Lombroso em que se synthetisam os elementos dispersos no resto do livro, reune os caracteres discutiveis dos genios não alienados e procura mostrar a sua identidade com os dos genios alienados. Todas as insufficiencias e erros de documentação e de interpretação, que notámos nas outras partes da obra,

[1] Vêr pag. 103 deste livro.

se agglomeram na meia duzia de paginas que constituem esse capitulo, com a aggravante derivada ainda de exaggeros sobre os exaggeros anteriores, de generalisações excessivas sobre as anteriores generalisações, de transformação em affirmativas terminantes do que antes não passava duma supposição ou duma suspeita. O *diz-se* assume alli um aspecto de certeza, as mais insignificantes caracteristicas dalguns homens de genio são etiquetadas sem preambulos com os nomes das mais graves enfermidades nervosas e mentaes, e o que se attribue a algumas duzias de genios surge audaciosamente generalisado a todos os homens de genio! Viu-se algumas paginas atraz que o proprio Lombroso confessou a inconsistencia do seu estudo da etiologia do genio. Pois no capitulo em questão apresenta como de todo concludente e categorico esse estudo!

É o cumulo do arrojo, a negação mais completa do rigor scientifico!

Não seria necessario a Lombroso accrescentar mais para nos dar ideia da solidez da sua argumentação. Mas quiz elle esmiuçar ainda a noção da psychose degenerativa genial que apresentara, e collocou-lhe um rotulo nosographico: incluiu-a na familia das epilepsias, alargada com o conceito moderno da epilepsia. A cupula do edificio da sua doutrina appareceu assim construida com os defeitos architectonicos do resto, aggravados ainda pelos resultantes da maior delicadeza e detalhe da ques-

tão comparativamente á primeiro tratada — já tão vaga e complexa apezar do seu caracter generico — da natureza degenerativa e psychopathica do genio.

Na pretendida etiologia do genio e nos suppostos symptomas de uma psychose genial quizeram a analyse superficial e a inventiva fertil de Lombroso encontrar analogias e identificações flagrantes com a etiologia e os symptomas da epilepsia. A existencia de meia duzia de homens superiores com phenomenos convulsivos mais ou menos provados arreigou no espirito daquelle psychiatra a noção, tão levianamente adquirida, da natureza epileptoide do genio.

Tem tanto de engenhosa como de phantasista a theoria. O argumento nascido da analogia das causas do genio com as da epilepsia exigia para ter algum valor, a revisão confirmativa de todo esse vasto capitulo da etiologia do genio, tão pouco estavel e tão pouco probante. Ainda assim mesmo crêmos bem que as noções etiologicas colhidas tanto permittiriam assemelhar o genio á epilepsia como a outras nevroses e psychopathias. A apparição do genio depois de traumatismos craneanos em dois ou tres homens celebres, demonstra tanto a semelhança do genio com a epilepsia como com a neurasthenia, por exemplo, cumprindo entretanto dizer que com essa apparição póde não ter o trauma a menor relação causal e tratar-se meramente duma coincidencia fortuita.

Os suppostos caracteres degenerativos do genio teem tambem tanto de analogos com os da epilepsia, como com os de outros estados nevropathicos. A loucura moral, as allucinações, a precocidade venerea e intellectual, o somnambulismo, os impulsos suicidas, a intermittencia, as analgesias e amnesias, a religiosidade, a vagabundagem, a dupla personalidade, os phenomenos da inspiração creadora, são sobretudo os symptomas do genio em que Lombroso encontra paridades enormes com a symptomatologia da nevrose epileptica. Mas é o cumulo, isto de pretender que esses sejam os symptomas do genio! Encontrados alguns delles em *pouquissimos* homens superiores, estendeu-se essa symptomatologia a *todos!*

Assiste-se, em summa, a este espectaculo unico na sciencia: os genios mais affectivos, os grandes homens de mais integro caracter passam por loucos moraes; as allucinações, encontradas apenas em pouco mais duma duzia de genios, apparecem como facto commum nos 1:100 homens superiores que figuram no indice de Lombroso; a precocidade genial surge como um symptoma estabelecido a despeito de se citarem como estygmatisados tambem bastantes genios tardios; o somnambulismo, os impulsos suicidas, a dupla personalidade e outros factos que existiram — se em certos casos existiram — num numero insignificantissimo de individualidades superiores são dados como banaes no genio; as distracções, cujo valor pathognomonico se evidenciou já

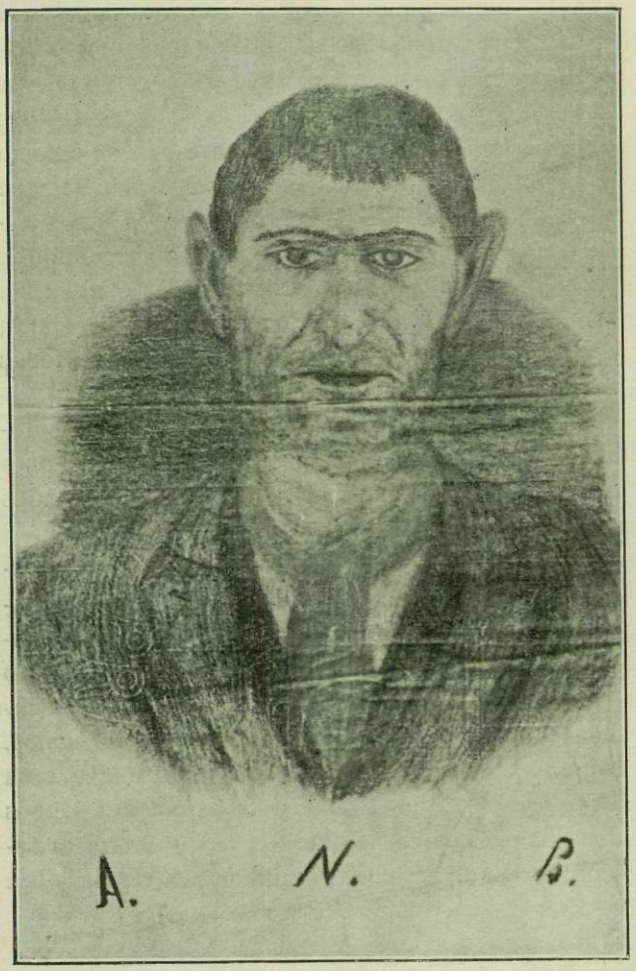

Fig. 12—Retrato dum criminoso. Desenho colorido dum doente do Hospital de Rilhafolles

e que se deram em poucos genios como usam dar-se em creaturas vulgares, são etiquetados com o lettreiro tremendo de amnesias e ausencias epilepticas; o amor de independencia e de viagens dalguns genios é intitulado vagabundagem e este symptoma é generalisado levianamente, esquecendo-se que houve innumeros genios que viajaram pouco e alguns mesmo nada, como Kant, que nunca sahiu de Koenigsberg; e emfim a religiosidade, que existe, mais ou menos latente, no fundo de todas as almas, apparece como uma caracteristica morbida de todos os genios, até dos atheus.

Fizemos já atraz um commentario dos symptomas e taras, agora reunidos em complexo feixe para demonstração da epilepsia genial. Não desceremos portanto a uma contestação de detalhes.

É na creação genial que Lombroso vê o equivalente da crise epileptica typica. A inspiração, a instantaneidade, as ausencias, as analgesias, o exgottamento final, nas creações do genio, apparecem ao olhar parcial daquelle alienista como cheios de analogias com os phenomenos do accesso epileptico. Esquece Lombroso que essa «inspiração» e essa instantaneidade não são constatadas em muitissimos casos, simplesmente porque não teem o caracter typico que elle lhes deu. O methodo e a regularidade de trabalho em muitos genios são factos sabidos e as suas creações brotam sem esses accessos subitos que a crendice antiga chamou inspiração, e sem essas ausencias, analgesias, intermittencias e esta-

dos somnambulicos que Lombroso se deu ao prazer de devanear no homem de genio. O exgottamento apontado ainda, seria apenas a fadiga dum trabalho intellectual intenso. É isso o que se dá com o homem mais vulgar deste mundo que se consagra por momentos á elaboração dum raciocinio complexo. Com o arrojado methodo de Lombroso, esse trabalho intellectual no homem vulgar poderia definir-se tambem de natureza epileptoide. A concentração de ideias, a suspensão de associações ideativas divergentes e extranhas, todo esse estado psychico que antecede um raciocinio, seria uma aura psychica, segundo o criterio lombrosiano. A fixação da attenção no raciocinio, distrahindo o autor deste mais ou menos do que se passa em redor delle, teria todo o aspecto duma ausencia epileptica. E, na mesma ordem de ideias, não faltariam amnesias, intermittencias e até o exgottamento final, como synonymo da fadiga.

Procurando a torto e a travez signaes pathologicos, os mais tenues, fazendo citações de factos rigorosamente exactos em pequenino numero, utilisando estatisticas sem valor positivo, formulando diagnosticos que necessitam duma revisão séria, realisando generalisações abusivas, praticando erros numerosos e dando interpretações phantasistas,— emfim, com toda a falta de rigor scientifico que presidiu á elaboração da sua obra sobre o genio, Lombroso teria conseguido facilmente etiquetar com a mesma chancella nosographica não sómente os ge-

nios, mas toda a humanidade sã. Appareceria assim a especie humana inteira no dominio da pathologia e á beira da alienação mental [1].

[1] Lombroso conclue a sua obra pretendendo explicar a sua psychose genial por uma lei do equilibrio organico que encontraria na esterilidade dos genios (!) a compensação da sua hyperactividade intellectual. Esboça uma demonstração do caracter atavistico do genio, confundindo regressão com degenerescencia. Ha nisso tudo apenas phantasia. Etienne Rabaud se encarregou de o provar, no seu livro, já citado. Dispensamo-nos por isso de tratar o assumpto.

VI

Genio e talento nos alienados — Uma demonstração da psychopathia genial; o genio nos loucos; provas suspeitas; outras provas ridiculas; ausencia de genio nas obras litterarias e artisticas dos alienados; logica sem inventiva, originalidade sem logica; queda das faculdades psychicas com a alienação mental; caracteres principaes das obras dos alienados; excursão nos manicomios portuguêses; colheita de documentos em Rilhafolles e no Conde Ferreira; um agradecimento. — A vida num manicomio; tranquillidade e inercia. — Cartas de alienados. — Autobiographias. — Poetas. — Projectos e invenções. — Palavras e escriptas especiaes; symbolos; humorismo; oratoria; musica. — Pintores, desenhistas, caricaturistas e esculptores. — Influencia da fórma da alienação nas tendencias artisticas dos loucos; frequencia relativa das varias psychopathias entre os loucos artistas; a inferioridade das producções dos alienados. — Os mattoides; segundo o proprio Lombroso, são a negação do genio; egocentricos, perseguidos, genios *ratés*, desiquilibrados, debeis mentaes, vaidosos, etc.; conclusões.

A doutrina que, fundada numa supposta existencia de analogias profundas, mesmo duma identidade estreita, entre o genio e a loucura, considera o genio uma manifestação, uma consequencia ou um symptoma dum estado psychopathico, não acha apoio bastante, como vimos, no simples estudo clinico dos homens de genio. Podia ser porém, que, percorrendo os manicomios, se encontrassem em alguns alienados como um symptoma mais ou menos frequente da sua alienação, rasgos de superiori-

dade de espirito, e isso seria uma contra-prova demonstrativa da these em questão.

Disso se lembrou Lombroso e consagrou parte do seu estudo á citação de exemplos de loucos, com genio litterario, poetico, humoristico, etc., não hesitando em affirmar a extrema *frequencia* dessas manifestações de genialidade dentro dos muros dos hospitaes de doidos.

Não foi aquelle psychiatra neste trecho da sua obra mais feliz do que nos restantes.

As provas com que pretendeu fundamentar a sua asserção correspondem, umas a factos de duvidosa realidade, outras a obras de alienados, em que póde haver quando muito alguma coisa de interessante, mas em que não surge o mais tenue vislumbre de genio.

Póde ligar-se inteiro credito a esses casos de camponezes ignorantes fazerem versos latinos sob a influencia da loucura e fallarem de repente linguas que nunca aprenderam? [1] Não haverá nestes e outros mais anedocta e lenda do que verdade scientifica? É de crêr que sim.

Em algumas provas apontadas, ha mesmo uma inanidade quasi ridicula. Veja-se por exemplo esta que se baseia no facto de uma senhora, que fazia versos no asylo de alienados, passar com a cura a ser uma dona de casa, pacifica e prosaica [2]. Não é

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 242.
[2] Idem, mesma pagina.

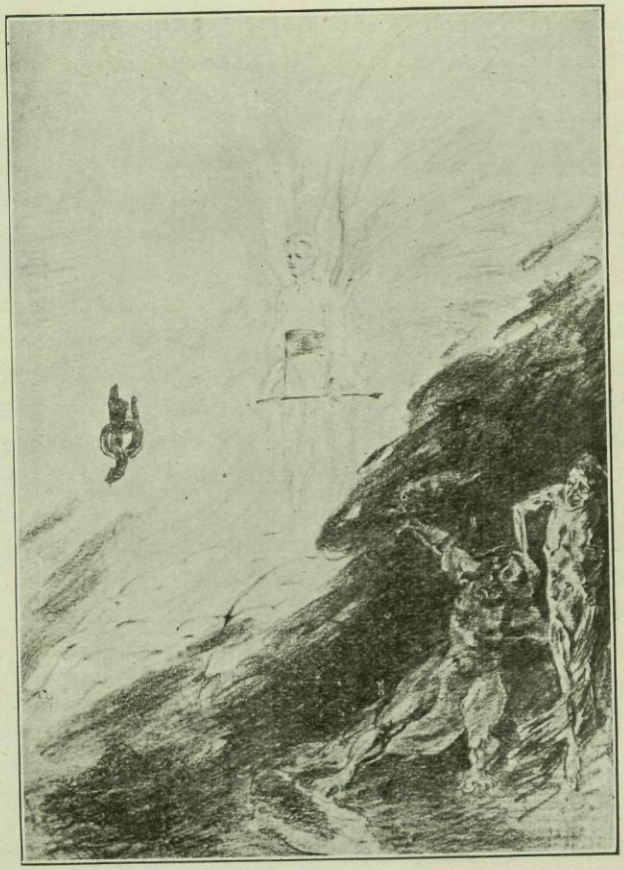

Fig. 13 — Desenho colorido com a legenda: «Surgindo sobre o Cerebro
o Censo vence com a sua presença as trevas da loucura,
que a bestialidade moral mantem». Dum doente de Rilhafolles (loucura moral)

essa anormal tendencia versejadora frequentissima na alienação, e revela por acaso genio? Não será antes uma manifestação de desvairamento, uma demonstração da perda do senso critico tão antagonica da verdadeira genialidade? De resto, não nos diz Lombroso se esses versos tinham alguma coisa de notavel ou eram, como nos inclinamos a crêr, duma banalidade completa ou de uma grotesca mediocridade.

Nas citações de factos precisos, que adeante faz o mesmo autor, chama-se a attenção para alguns escriptos vulgares de manicomio, para alguns desenhos, para algumas phrases humoristicas, mas em nada disso encontramos, francamente, manifestações de genio. Tão longe de tal anda mesmo a grande maioria desses alienados referidos, a ajuizar pelas suas obras e palavras!

Para se avaliar das melhores destas provas, leia-se esta carta duma mulher, affectada dum delirio melancolico, a seu marido:

Porquoi le maître de l'univers ne m'a-t-il pas ouvert mon tombeau dans ma brillante jeunesse? Porquoi, en même temps, ne m'a-t-il pas eloignée de toi, puisque tu ne m'aimais pas et que je fais ton malheur?

Pourquois suis-je devenue mère? Pour être malheureuse, plus que malheureuse, abandonner mes enfants qui me sont si chers... Pourquoi me haïs-tu? Quand je serais les pieds dans l'huile bouillante, je dirais encore: Je t'aime!...

Porquoi ne m'as-tu pas laissé mourir? Tu serais heureux, et moi, mes maux seraient finis... Mes chers enfants, avec leurs jeux, viendrais s'asseoir sur ma tombe. Je serais encore

près d'eux; je les entendrais encore, dans le sombre tombeau, dire: Voilà notre mère!... [1].

Lombroso commenta: «Se esta mulher se tivesse inspirado na leitura de Chateaubriand, não se teria podido exprimir com mais poesia e imaginação». Pois nós diremos, como Etienne Rabaud: É precisa uma dóse inacreditavel de benevolencia para se conceder genio, mesmo talento, a producções dessas!

Alguns trabalhos citados são verdadeiramente grotescos. Leia-se esta carta escripta por um alienado de Sainte-Anne á virgem Maria:

Sainte-Anne, le 26 février 1880

Madame,

Veuillez agréer l'hommage
De ce modeste sonnet
Et le tenir comme un gage
De mon sincère respect.

SONNET

Souvenez-vous, reine des dieux,
Vierge des vierges, notre mère,
Que vous êtes em cette terre
L'ange gardien mysterieux [2].

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 244.
[2] Lombroso, liv. cit., pag. 260.

Quem encontra uma manifestação de genio numa poesia desta ordem, como classificará as obras de Dante e de Camões?

São deste valor e egualmente demonstrativas as mais provas que Lombroso accumula em defeza do seu parecer. O genio não apparece alli. Onde ha logica, a invenção é pobre e tudo se resume em declamações banaes, rithmicas, repetidas, monotonas, em que as palavras abundam mais do que as ideias. Onde a originalidade surge — e é pela originalidade que Lombroso vê um intimo parentesco entre o genio e a loucura — a logica faz falta. É typico esse caso, que aquelle mesmo psychiatra cita, dum poeta notavel que, enlouquecendo, passou a fazer versos muito harmoniosos mas illogicos, e uma tragedia com 60 personagens, em que Archimedes e Garibaldi se misturam com Victor Manoel, Carlos Felix, Eva, David e Saul, e em que se encontram mesmo personagens invisiveis, estrellas, cometas, que declamam tambem [1]. Encontram-se nos manicomios muitos casos desses.

Notemos, porém, ainda mais uma vez que ha uma queda sensivel das faculdades psychicas do individuo que enlouquece. Citariamos trechos em que o proprio Lombroso o reconhece. Um grande talento, que cahe na alienação mental, perde muito do seu brilho intellectual ou artistico [2]. Ha casos

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 254.

[2] Julio Dantas, *Poetas e pintores em Rilhafolles*, pag. 8.

em que esta regra abre excepção: os paralyticos geraes por exemplo, nos prodromos da sua doença, podem tornar-se mais brilhantes dentro das suas faculdades anteriormente reveladas. O dr. Parchappe diz o mesmo de outras doenças mentaes no seu periodo agudo; mas reconhece, como Julio Dantas, que isso é sol de pouca dura.

Duma maneira geral, porém, a cerebropathia, surgindo, abafa os talentos anteriores. O proprio Lombroso refere casos que demonstram concludentemente esta affirmativa. Já indicámos varios, e ainda ha pouco um mencionado por aquelle autor. Mas poderiamos extrahir mais da obra de Lombroso. Musicos illustres perderam completamente a sua habilidade e o seu genio artistico com a loucura. Alguns, por exemplo, substituiam as execuções originaes por motivos rithmicos que monotonamente repetiam sem cessar [1].

Encontra ainda Lombroso na arte dos alienados uma originalidade bizarra e extravagante, um symbolismo excessivo, uma minuciosidade exaggerada, signaes de atavismo, obscenidades, inutilidade, uniformidade, trabalhos absurdos [2]. Confessemos que isto approxima pouco os genios legitimos e puros da arte, dos alienados artistas, mas aquelle psychiatra, cego pelos seus intentos, convenceu-se de que

[1] Lombroso, liv. cit., pag. 340.
[2] Lombroso, liv. cit., pag. 316 e seguintes.

encontrára ali um traço de união do genio com a loucura. Como estava longe disso!

Não quizemos dar por resolvida esta questão do genio na alienação mental sem que pondo em actividade a nossa modesta iniciativa pessoal, percorressemos os manicomios do nosso paiz em busca de documentos que pudessem confirmar ou inutilisar o parecer exposto. Não fomos infelizes na nossa excursão, mas, ao conclui-la, forçados nos vêmos a manter a opinião, que a leitura das citações feitas por Lombroso nos suggerira, de não serem tão frequentes, como esse psychiatra affirmava, as manifestações, nos alienados, duma psychicidade superior á que antes possuiam, quando sãos.

No hospital de Rilhafolles, de Lisboa, e no do Conde de Ferreira, do Porto, pudémos colher interessantes documentos, de todos os quaes não faremos menção, porque esta longe nos levaria. Irão, porém, os que mais nos feriram a attenção. Não é o Porto um centro de vida intellectual e artistica tão intensa como Lisboa, e dahi, a despeito da boa vontade dos illustres psychiatras, snrs. prof. Julio de Mattos e prof. Magalhães Lemos, — que com penhorante delicadeza puzeram á nossa disposição, no hospital que dirigem, os necessarios elementos para este estudo, — não nos ter este hospital fornecido um tão grande numero desses elementos, como o que em Rilhafolles obtivemos com o concurso valiosissimo do seu obsequioso e distincto director, o sr. dr. Caetano Beirão, a quem, como áquelles dois notaveis

professores, prestamos, por tal, um publico testemunho de reconhecimento.

Procuremos condensar no menor espaço possivel os referidos documentos e as considerações que elles nos suggerem.

*

A vida num manicomio é, contra o que muitos julgam, duma relativa tranquillidade. Nem de outra maneira se aconselharia em therapeutica psychiatrica a reclusão dos alienados alli, que seria inutil se o socego necessario aos doentes de espirito fôsse lá dentro substituido por uma agitação permanente.

É certo, porém, que essa tranquillidade se estende mesmo a actividades que toda a gente sadia desenvolve, como sejam as dos trabalhos usuaes. As mulheres raro se entregam a um labor que se assemelhe ao labor domestico banal para o seu sexo. Os homens com pouca frequencia se entreteem sequer em trabalhos das profissões, que em saude exerciam. Comprehende-se o facto, não só pela desordem psychica em que os alienados na sua maioria se encontram, impossibilitados porisso dum esforço util, mas tambem pela inadaptação do local ao exercicio dessas profissões e ainda pela indicação therapeutica de repouso que se impõe nos seus casos.

Nessas condições, limitado parece dever ser o numero de producções de toda a ordem que num manicomio podem resultar da actividade dos respe-

ctivos internados. E assim acontece realmente, segundo o que pudémos verificar nas nossas visitas a Rilhafolles e ao hospital do Conde de Ferreira.

Os illustres directores destes manicomios teem, por exemplo, em tanta conta, talvez pela sua pouca frequencia, os trabalhos dos seus doentes, que os collecionam num archivo ou museu, onde se veem até os mais insignificantes lavores de algumas senhoras e as menos valiosas producções profissionaes.

Debalde procurariamos — é esse ponto de vista que nos interessa agora — nessas obras o menor signal duma psychicidade superior á normal, embora Lombroso se tenha comprazido em encontrar genio na alienação. Pelo contrario. Raras vezes essas producções revelam nos seus autores talentos eguaes, ao menos, aos seus anteriores talentos.

Noutras manifestações mais elevadas de actividade psychica se devem ir procurar talvez esses traços de genialidade. Para as obras de arte e litterarias dos alienados dirige Lombroso especialmente as suas attenções, com a convicção de que nellas encontra notaveis semelhanças com as de homens de genio. Ahi mesmo, como já dissémos, o parecer do psychiatra italiano é infundado, e nada nos é mais facil do que provar com factos e documentos colhidos nos nossos manicomios que ha uma distancia enorme, insuperavel, mesmo uma verdadeira disparidade entre os trabalhos artisticos, litterarios e — vá lá! — scientificos de alienados e os de homens de genio ou simples talento.

Fig. 14 — Desenho colorido dum doente de Rilhafolles (loucura moral)

*

Nos archivos dos manicomios visitados e nas mãos de alguns dos seus clinicos existem numerosissimas cartas de alienados.

Umas dirigem-se aos medicos, chamando a attenção para um detalhe da vida ou da doença do autor, formulando uma queixa ou mais frequentemente pedindo alta sob o pretexto de cura radical ou injusta reclusão. Muitas dessas cartas são entregues aos clinicos durante a visita, porque os doentes se convencem de que só por esse meio se conseguirão fazer ouvir.

Outras cartas são para outros alienados, para o fiscal do hospital, para o pessoal de enfermagem e sobretudo para amigos e pessoas de familia.

Reflecte-se nellas, com maior ou menor exactidão, o estado mental do doente, e raras sahem duma mediocridade lamentavel na textura e na argumentação.

Entre as cartas mais interessantes ha as dirigidas aos reis, ministros, presidentes da Republica, diplomatas, altos personagens, pedindo geralmente a sua intervenção para ser concedida a liberdade aos seus signatarios. Em algumas dellas, reclama-se o auxilio de potencias extrangeiras, pede-se indignadamente justiça, reclama-se com os mais phantasticos motivos a conclusão do sequestro dos seus autores no manicomio.

Apparecem rascunhos de recados e telegrammas de alguns alienados a amigos, pedindo-lhes para virem busca-los ao hospital. Ha-os inverosimeis, illogicos, incriveis. Um padre que esteve internado no Conde de Ferreira com uma paralysia geral, fartou-se de rabiscar cartões de visita dando ordens para o virem tirar daquelle manicomio e para lhe trazerem a *esposa*. Esta sua pretendida esposa era a ama, que elle, na excitação da sua cerebropathia, arvorara em consorte, visto que — dizia o mesmo doente — com a Republica acabara o celibato ecclesiastico!

A reproducção de algumas das cartas mais correctas na factura e interessantes pelo contheudo póde fundamentar o nosso parecer sobre a supposta genialidade dos alienados.

Segue uma dum filho a sua mãe. É dum doente que esteve em Rilhafolles. Como signal da psychopathia, ella tem no alto um complicado emblema desenhado á penna, com um pretendido coração atravessado por um instrumento perfurante em que o mau desenhista talvez visse um punhal. O coração, pyriforme, é cercado pelo distico: **Meu Coração.** O texto de parte da carta é o seguinte:

Minha querida mamã. — Muito lhe agradeço os cuidados que tem tido commigo e da mesma forma estimo que esteja de perfeita saude. A minha é boa, somente estou com uma pequena ferida no tornozelo que já a trazia do governo civil.

A que tinha no joelho já está completamente boa. De doen-

ças no interior já não tenho o menor vestigio assim como das vias urinarias.

Esteja portanto descançada relativamente á minha saude. Todos me têm tratado muito bem desde o doido ou doida mais insubordinados, mesmo enfermeiras, até ao snr. Beirão, que como a mamã deve saber é o director de Rilhafolles. Tenho a mencionar em particular o snr. Moreira (chefe se não me engano da minha enfermaria) que tem sido muito attencioso para commigo e todos os enfermeiros, criados, empregados e mesmo todos os alienados da minha enfermaria.

Toda a recompensa que esteja ao seu alcance revertida sobre os supracitados ainda é pouco devido ao trabalho que commigo têem tido.

Peço-lhe a fineza de agradecer já que mais não seja, a todos os funccionarios do governo civil (especialmente ao chefe snr. Gomes d'Amorim). Recommendar-me a toda a nossa familia, amigos, estudantes e a quem por mim perguntar.

Agora o que lhe vou pedir talvez o pessoal de Rilhafolles e o snr. Director não queiram que a mamã o cumpra e talvez chamar-me-hão doido.

Isso para mim pouco importa; pois o que lhe vou relatar e muitas mais coisas que ficam no meu pensamento e no tinteiro, são a causa de eu aqui estar.

Peço mande publicar no jornal do snr. Machado dos Santos «O Intransigente» o seguinte:

— Que agradeço a todos os ministros do ex-governo provisorio da nossa grandiosa Republica Portugueza o interesse que por mim tomaram e que muito estimo as melhoras do illustre estadista Affonso Costa.

Agora particularmente lhe peço o favor de informar os mesmos ministros que os livrei d'um attentado contra as suas preciosas vidas e bem assim de se commetterem bastantes crimes que os criminosos estrangeiros pretendiam levar a effeito e que tenho em meu poder a chave de muitos crimes principalmente *roubos* praticados tanto aqui na capital como em varias terras do nosso paiz.

Os autores são de quadrilhas estrangeiras principalmente *hespanholas*.

Diga-lhes lhe peço que dispenso agradecimentos, visto cumprir só o meu *dever*.

Faça-me tambem o favor de publicar no *Diario de Noticias* que tenho coisas importantes a communicar aos grandes *funccionarios da* **Egreja Catholica.** Mesmo da cama lhe escrevo e como careço de descanço para bem da minha saude, desculpe o eu não ser mais extenso.

Não necessita de commentario esta producção epistolar. É dum typo banal nos manicomios.

Est'outra carta é dum louco moral, sobre quem pesa a accusação dum crime repugnante, e que se encontra ainda em Rilhafolles. É endereçada ao director daquelle hospital:

Rilhafolles, 10 d'abril — 911.

Ex.mo Sr. — Faz hoje tres mezes que dei entrada n'esta casa. No meio do meu infortunio, tem-me servido de lenitivo a bondade e delicadeza do ex.mo enfermeiro sr. Costa, ajudante e empregados d'esta enfermaria 8.ª, pois, direi, são de excepcional educação e extrema delicadeza, vivendo n'uma repartição, onde existem pessoas que não são capazes de avaliar o bem que lhes fazem — e coitados dignos de melhor sorte attento o trabalho e privações porque passam. Tenho sempre vivido animado com a cega confiança que deposito na pessoa de v. ex.ª pois de natural coração bondoso, sei que faz e fará Justiça a quem é desgraçado ou infeliz da sorte. Não quero eu agora, ex.mo sr. director, lembrar a v. ex.ª que a perola mais brilhante e mais preciosa que se pode engastar no diadema que cinge a Fronte

da auctoridade é a compaixão e a justiça para com seus subordinados.

Confiado pois, na bondade de v. ex.ª, hoje venho humildemente supplicar-lhe a minha liberdade pois julgo não ser necessario por mais tempo a minha estada n'este Hospital. Julgo-me com força e saude e preciso de hir acabar de dar uma satisfação á sociedade, protestando bem alto a minha innocencia e d'esta forma tornar-me um cidadão, senão util, tambem não inutil ao convivio dos que me são caros.

Deseja a saude de v. ex.ª aquelle que espera agradecer-lhe a breve e anciada liberdade que porá termo ao meu infortunio.

Saude e Fraternidade.

É escripta com logica, mas não tem o menor vislumbre de genialidade.

Uma outra carta é dirigida *A Sua Magestade D. Carlos, Rei de Portugal,* com a nota *Ao maior cuidado de todas as auctoridades religiosas do Reino.* É um pedido de liberdade e uma queixa contra pretendidos inimigos:

Hospital de Rilhafolles em Lisboa 12 de Agosto de 1903. —A Sua Magestade D. Carlos, Rei de Portugal.

Senhor.—Em 17 de Abril escrevi muito afflicto uma carta para Vossa Magestade em que expunha a extraordinaria situação de ver-me preso neste Hospital por ser crente, victima de conflictos aqui, preparados por suggestões dos medicos que assumiram assim toda a responsabilidade. Ha quatro annos e quatro mezes e vinte e cinco dias tenho soffrido o regimen horrivel de ouvir de pessoas conscientes por meio de suggestões aos loucos, toda a casta de heresias, maus tratos e insultos.

Tornando-se impossivel viver em Portugal a soffrer uma tal perseguição religiosa desejo sahir do Reino, o que ainda mais impõe acabar este martyrio. Ouso pois recorrer de novo á Auctoridade de Vossa Magestade.

De Vossa Magestade com a maior Veneração — Servidor muito Amigo e muito Obrigado.

Não tem esta carta nada de notavel, como muitas outras analogas.

Lemos com interesse varias dum paranoico religioso que se encontra internado no manicomio do Conde de Ferreira, e que algumas vezes ouvimos declamar com verbosidade e apparente nexo sobre themas interessantes. Não se aproveitam, porém, duas ideias em milhões de palavras quer nos seus discursos, quer nas suas cartas.

Este doente intitula-se a si mesmo *Pierre Paul (Marcondes) — Moîne, Apôtre et Missionaire.* Falla correntemente o francês, tem uma certa cultura geral e viajou muito, tendo sido prezo algumas vezes, em Paris e outras capitaes, por fazer os seus discursos mysticos dos bancos das praças, suppondo-o a policia um perigoso anarchista.

Para se ajuizar da valia das suas cartas, transcrevemos ao acaso parte duma que elle dirige ao *Illustre cidadão Marechal Hermes da Fonseca, M. D. Presidente eleito da Republica dos Estados-Unidos do Brazil, para o quatrienio 1910-1914,* por occasião da sua estada em Lisboa a bordo do couraçado «S. Paulo»:

O despertar do gigante adormecido — num somno de muitos seculos... (Tiradentes, José Bonifacio, Silva Jardim, Floriano Peixoto, Hermes da Fonseca).

Speech-saudação ao illustre cidadão Marechal Hermes da Fonseca na sua passagem em Lisboa a bordo do couraçado «S. Paulo» para ir assumir a presidencia da Republica no quatriennio 1910-1914.

Integrando e consubstanciando em si todas as mais lídimas aspirações seculares de todos os legitimos patriotas brazileiros desde Tiradentes — Floriano, o *marechal de ferro*, a synthese de todos os ideaes brazileiros do seculo findo, provou á evidencia *que o Brazil é dos brazileiros e que quem manda dentro do Brazil é simplesmente o brazileiro.*

Este facto naturalissimo, que noutro qualquer paiz passaria completamente despercebido, em terras de Santa Cruz repercutiu com echo estrondoso, porque as diversas colonias estrangeiras, principalmente a portugueza, julgavam até ahi que o paiz era um feudo que lhes estava hypothecado e do qual haveriam de dispôr a seu alvédrio, explorando-o em proveito proprio: e repito naturalissimo, porque toda a gente sabe que quem manda dentro da Inglaterra são os inglezes; no Japão, os japonezes; na Allemanha, os allemães; na America do Norte, os americanos do norte; na França, os francezes; no Chile, os chilenos; na Argentina, os argentinos; etc.; etc.; etc.; sómente os estrangeiros residentes em cabralinas plagas entendiam que o Brazil havia forçosamente de constituir uma excepção á regra geral.

Foi isto, tão sómente isto e nada mais, que o immortal brazileiro tentou e conseguiu provar — que o Brazil não era nenhuma excepção á regra geral de cada nação se governar por si mesma a dentro das suas fronteiras; e realisou o seu intento com tal arte, dum modo tão solemne e tão efficaz, por uma fórma tão peremptoria e decisiva, que triste sorte poderia esperar qualquer estrangeiro residindo permanente ou adventicia-

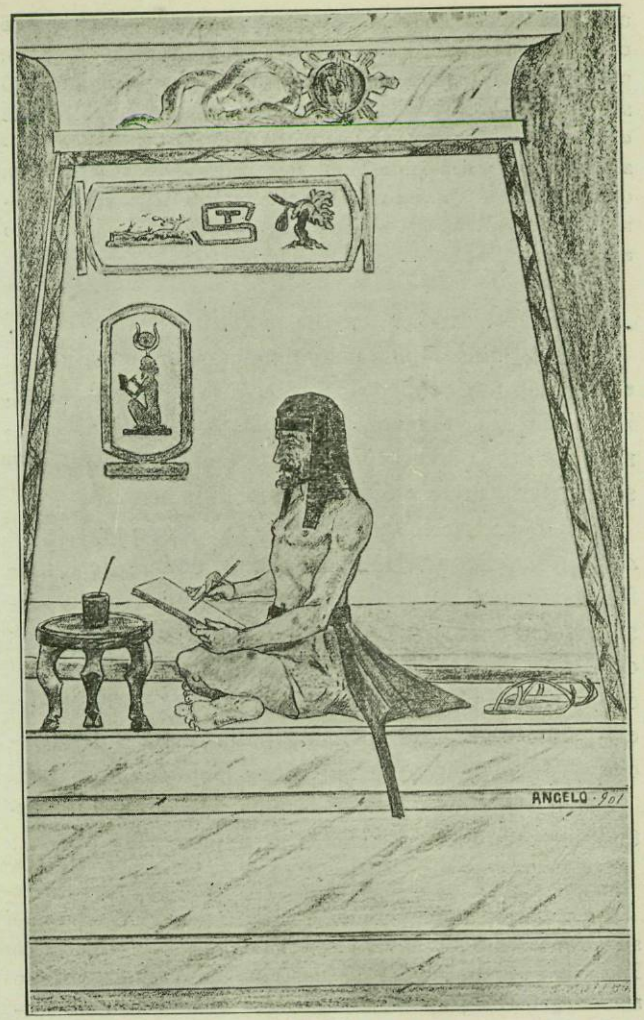

Fig. 15 — Desenho colorido dum doente de Rilhafolles (loucura moral)

mente no territorio nacional que pensasse sequer em duvidar do exito da sua epica façanha de civismo e amor-patrio. Ruas, praças, estatuas, couraçados, até cidades se levantam já com o seu nome, que ficará para sempre gravado em caracteres de oiro no cantinho mais querido do coração de todo o bom brazileiro; porque, depois de Tiradentes, não houve patriota algum que melhor prescrutasse os arcanos mysteriosos da alma nacional e com mais pericia soubesse auscultar o anceio, o magico anceio das gerações...

. . . . . .

E são mais 7 paginas compactas, em letra miuda e amaneirada, com considerações de egual theor. Pois este caso é talvez de todos os actuaes do manicomio do Conde de Ferreira o que melhor poderia servir para auxilio do criterio de Lombroso!

Se não fosse longa, inseririamos ainda uma carta *confidencial* ao dr. Bombarda dum doente de Rilhafolles, na qual se evidencia um nitido delirio de perseguições. Nella se accusam alguns companheiros do autor, de imaginarios *complots* contra elle e até de não lavarem a cara e as mãos. Não ha alli um erro de syntaxe ou de ortographia, mas o desconchavo é flagrante. Ha mil casos identicos.

Não ha menos desconchavo nesta carta dum antigo internado de Rilhafolles ao ministro da guerra:

*Ex.*mo *sr. ministro da guerra.* — D'entre outros factos os mais significativos que a meu ver respeitam a assumptos militares do Paiz e de seu tradicional alliado, consigno abaixo, se bem o mais vagamente possivel, uma serie de acontecimentos espirituaes e visuaes, commigo succedidos, a saber:

1.º — Em 12 de novembro de 1905, fui em espirito além da vida, vi e acceitei em pensamento — de Sua Magestade o fallecido Rei Eduardo VII — o fogo de guerra de suas esquadras, isto, ante a perspectiva de um indiciado desastre para a nação inglesa;

2.º — Em 3 de desembro de 1909, fui pelo ar atmospherico tocado do chamado dedo de Deus, fluido da Morte que me attingiu os dedos maximo e indicador da mão direita e o pensamento pela vida, etc.

3.º — Em a noite de 4 para 5 de desembro de 1909, aniquilei as correntes espiritas que a meu ver indiciavam terremoto e incendio de Lisboa, e guerra sobre o Paiz, etc.; isto, até que exanime ao meu espirito em luz alva e acima da razão humana brilhou — a estatua de Sagres —.

A esta quasi que ia chegando, a escuro porém, a figura de Ferrer, o que me pareceu de golpe cabalistico, gritando-me: «Salva-me esta Hespanha».

Tinha attingido os fundamentos da dynastia de Aviz, sobrepujando especialmente o sibilar de um triste voto... da lucta peninsular de 1383. Mau grado meu, pela segunda vez em espirito álem da vida, a ideia e os indicios de um crescente oriental, subsistiam.

O regicidio, a questão Ferrer, e o mais que triste de votadas loucuras... tudo concorrêra para que já só entre a loucura, bem tristemente, a solução pudesse ser encontrada.

4.º — Em 7 de desembro de 1909, eis-me em Rilhafoles e após a descida pela 3ª vez a morte, sob um infrene vosear... (em o pavilhão de pensionistas de 3ª classe) foi mysteriosamente accendida uma coroa de Portugal. Esta, em espirito, a que de Alcacer-Kibir não voltou, nem materialmente fora rehabilitada. Viu-a todo o pavilhão e d'ella fallaram em tom admirativo varios doentes e entre estes um magistrado hespanhol, etc.

Abstenho-me aqui d'indicar testemunhas.

Sob essa coroa — atraves das civilisações grego-egypcia — e das varias «cabalas» com que me estavam fustigando o cerebro, em pensamento: das Piramides ás Columnas de Hercu-

les, d'estas aos mares da Asia, sob o alto pensamento de D. João 2º, e a fogo: sob a divisa do escudo e ordem equestre da Grão Bretanha,—o fogo de guerra das esquadras d'este Paiz—á minha vista e vóz—susteve o grande portico de Homero, que se desmoronava, e triumphou por sobre os mares da Asia—em 6 golpes—.

. . . . . .

E são mais 5 ou 6 paginas na mesma... desordem de ideias.

Duma redacção relativamente correcta e dum vivo pretencciosismo litterario, são as cartas dum doente de Rilhafolles, de que transcrevemos em seguida alguns trechos. A primeira dellas diz:

Ah, que terrores! que terrores eu sinto a escrever esta carta! Que negridão, que treva! Sósinho, oh sósinho num quarto fechado! Vozes, vozes que julgo de pessoas conhecidas, e comtudo não tenho a certeza? Tristesa, uma tristesa cerrada, cerrada e desesperadora. Vejo-te agora? Vejo-te eu? Vejo-te.

Lembro-me. Oh lembro-me. Lembro-me de ti. Estou triste. Lembro-me de ti. Vejo-te. Sinto-te. És tu! És tu. És tu, baixinho e de fronte luminosa. És tu. És, és, tu, Joaquim! Que importa o teu nome? O teu nome que importa? Oh, estou aqui, e estou porventura só. Quatro paredes. Sol claro. Tristesa em mim. Tristeza, oh muita tristeza. Fechado. Isolado. Sem luz clara do futuro. Sem consciencia clara de mim. Olhos arrasados de lagrimas choradas ha pouco. Cabeça cheia de idéas que querem sair para fóra, oh que enchem, enchem o craneo. Sem noticias dos meus. Supondo-os cheios de amargura por me verem assim. E lembrando-me de ti? Oh coragem ainda assim extraordinaria! Lembro-me de ti. E será esta carta recebida por ti? E será util para ti e para mim esta carta?

Vim para aqui; aqui estou desde janeiro. Aqui me tem de-

corrido a vida entre tristezas pungentes, e duvidas, ah duvidas que me levam annos de vida de sobre o coração. Oh o coração como eu o sinto hoje! Como eu o tenho fatigado, e roido oh roido de afflições! Ah minha joia! E ainda outra tristeza minha é não te vêr. Outra tristesa é ir-se desvanecendo do meu coração a tua imagem, a tua imagem tão bella! oh tão bella! oh tão formosa, amado meu! A tua imagem, e os teus labios que me beijaram oh quando eu me lembro como os teus labios me beijavam de boa vontade! Tu davas-me beijos com prazer, não é assim, meu idolatrado, meu unico, minha perda e minha felicidade! Não é assim, amor, amor, amor do meu coração, terror do meu coração, agonia do meu coração, angustia, odio, ciume, desejo, horror, pavor e felicidade! do meu coração! Ah adoro-te! Ah vou esquecendo os traços do teu rostinho, meu filho querido, meu filho, meu filho, ah meu filho! E comtudo cada vez mais te adoro, cada vez sinto mais deleitoso prazer no teu retrato quasi apagado! Anjo meu cruel! Anjo meu cruel! A minha vida aqui!

. . . . . .

E vi-te nessa hora, e vi-te nesse momento, e pude, pude, oh tremenda coragem, desviar de ti os olhos, e pensar noutra coisa, quando eu todo estava em ti, quando eu todo era vontade de ti, e desejo de te possuir para sempre! Trazia-te, e tinha medo de te trazer! Tinha medo, oh tinha medo! O que eu andei a tecer por tua causa! O que eu andei a tecer! É hoje que eu vejo isso! Oh mas não tenho por ti o mais pequeno resentimento! Não tenho, não! Eu victima extraordinario d'uma paixão nunca sentida por outro, ou pelo menos nunca revelada; uma d'essas paixões que passam desconhecidas se noutros existem, e que por uma triste fatalidade foi conhecida de toda a gente, de toda, de toda a gente! Como foi isso? Sim fui imprudente! Ah fui imprudente! Oh cerrei, fechei tantas portas da minha vida! Agora quando olho para tráz, tanta tristesa e tamanha noite! E não obstante, nessa noite eu vejo a tua Luz! Vejo a tua figura! Vejo a tua Vida ao lado da minha durante tanto tempo! Durante tanto tempo! Aqui estou só. Aqui estou lugu-

bremente pensativo! De vez em quando vem uma rajada de amarguras e penso então em ti. Vim, vim para aqui, e aqui me encontrei. E depois foram cousas extraordinarias. Oh meu coração! dize a este meu adorado, se tu assistias tu proprio a todas as atrocidades que então passaram! Dize-lhe se era eu que mandei commetter os parricidios, os morticinios, as scenas de sangue que então passaram diante do meu espirito! Dize-lhe se este aborrecimento que eu agora tenho não é um d'estes aborrecimentos funestos que devastam em nós o gosto, mas ah não a vontade de viver! Oh porque a vontade de viver nos que conhecem o que é a vida, nos que a conhecem bem, nos que a conhecem a valer, e nos que como eu teem a memoria de noites passadas comtigo, sinistras! mas deleitosas, e a esperança de outras noites mais alegres! nesses a vida está presa, presa, oh indissoluvelmente presa ao nosso coração! E serás tu ainda, não! serás tu agora meu amigo! Saberes tu o que estes tres longos e torturados mêses foram para mim, ah! será alguma cousa para que tu convertas olhos amoraveis para mim, e afastando ainda os teus cabellos louros da tua testa branca, deixes cahir sobre ella um raio de luz que se reflecte divinamente da tua testa para os meus olhos embevecidos! Porque é isso que mais me lembra em ti. E a tua boca era preciosa! E tu beijavas-me com beijos que me quasi torturavam de prazer! E as tuas faces eram brancas e macias; e eu beijava-te com beijos em que punha toda a fogosa sensualidade da minha vida! Ah como eu gosei comtigo! Porque foste cruel para comigo quando eu tanto te adorava! Lembrava-me sempre quando tu estavas comigo, de uma palavra que eu tinha lido num livro — aquelle livro que tu desdenhavas! — Entre pessoas que se amam, ha uma que beija, ha outra que é beijada! — E eu vi que só duas ou tres vezes tu espontaneamente me beijaste. Ah foste cruel! Ah fizeste-me mal, muito mal! Fizeste-me um mal que nunca mais se remediará! Fizeste-me um mal que me tirou annos e annos de vida! Foste cruel! E porque o foste? Porque eu muito te amava! Porque eu te punha acima de tudo! Porque tudo eu esquecia por ti! Tudo, oh tudo, tudo! Tudo esqueci por tua causa. E pus-te

acima de mim, tão acima como um deus, e beijava-te os pés, oh beijava-te os pés, como se beijam os de uma santa! E tu falavas, falavas, falavas, porque tu sabes conversar com graça, anjo, e eu enlevado ouvia, ouvia, e amava-te...

Na segunda carta, endereçada a *Maria,* lê-se:

Maria! Como eu me sinto triste e infeliz! Como eu me lembro com saudade, oh com que saudade angustiada, das tuas lagrimas naquelle dia em que eu ahi fui! Ah porque não aproveitei eu esse coração de ouro, essa tua voz amiga! Oh porque não ajuntei eu a minha vida á tua! Tu amavas-me, e eu tambem te amei. Ah eu amava-te, quando nos iamos humildemente sentar na geral do Coliseu! Ah porque não percebi eu que tu devias ser o meu amparo, quando subindo de braço dado comtigo a Rua do..., eu sentia as pernas vacillarem-me, e tu é que me seguravas. Oh Maria! Como as eu agora vejo, as tuas lagrimas! Oh as lagrimas não enganam! Oh meu coração, oh meu anjo! Oh meu possivel amparo nesta hora da vida! Lagrimas, lagrimas! Lagrimas tuas, que ainda vejo no teu rostinho, oh doce amiga minha! Oh lagrimas em que eu vejo a familia, meu pai, minha mãi, a Mariasinha, as minhas amadas de Lisboa, e a minha possivel felicidade comtigo! Oh lagrimas que fazem affluir as minhas aos olhos, e reconhecer nesta hora que eras tu a minha noiva a minha dilecta, a que me traçaria o caminho da vida! Amor! amor! amor! ah como seria puro, puro, puro como o fogo o beijo, o beijo que eu agora te daria, oh Maria Thereza, oh meu anjo! Oh adorada, adorada, oh filha da minha alma, oh esperança, oh esperança! Oh vida oh vida! Olha para mim, anjo! Olha para mim! Ah se a vida já não é possivel? E porquê? Porquê? Poderás tu ser a minha guia! Eu peço agora o auxilio da tua mão! Eu vejo em volta de mim desamparar-me o alguma coisa a que eu confiei a minha vida! Eu vejo, oh Maria, que em volta de mim ha desillusões e espantos! Será illusão minha! Oh coração, coração! Oh Maria, Maria! Oh Maria!

São laudas de papel de declamações desta natureza. O autor destas cartas, filho de paes incognitos, exposto da Misericordia de Lisboa e maritimo, entrou em Rilhafolles em 10 de janeiro de 1891 com uma demencia paralytica, segundo o diagnostico de occasião, morrendo em 12 do mês seguinte com uma diarrhea que sobreveiu ao seu estado cachetico. Tinha 36 annos. O seu estado, pelo que se vê, ainda lhe permittiu os devaneios citados.

Os exemplos que acabamos de referir são typicos. Onde ha originalidade e invenção, falta o nexo; onde, como no ultimo caso, ha apparencia de logica ideativa e systematisação litteraria, ha monotonia, imitação, repetições enfadonhas.

Onde apparece afinal o genio?

*

Alguns alienados entreteem-se na confecção de autobiographias. Uns teem nisso o intento de pôr ao alcance de quem superintende no hospital, dados para ajuizar da sua pretendida hygidez mental e da supposta injustiça do seu forçado isolamento. Outros redigem essas narrativas com maiores ou menores pretenções a fazerem litteratura e romantisarem a sua existencia.

É interessante, apezar da sua vacuidade, a

Fig. 16 — Desenho colorido dum doente de Rilhafolles (epilepsia)

longa exposição dum doente de Rilhafolles ao director daquelle manicomio, sobre a sua hereditariedade. Eis um trecho dessa explanação, que revelando alguma cultura, é no entanto mais cheia de palavras do que de ideias:

Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Dr. Miguel Bombarda. — Os brilhantissimos escriptos de v. ex.a, inseridos em differentes revistas scientificas, assim como as primorosas obras de Lombroso, o eminente criminalogista que encheu de luz a sciencia universal, forçam-me a mais uma vez importunar o scintillante espirito de v. ex.a, para lhe fallar com sinceridade acerca do meu nascimento, pois que encontro não só nos sabios escriptos de v. ex.a como nos do seu illustre collega, elementos bastantes para me convencer que o passado dos paes influe dum modo extraordinario no destino dos filhos, motivo porque me apresso a fornecer a v. ex.a alguns dados biographicos do passado de meus extremosissimos progenitores, para que v. ex.a possa fazer a apreciação final da minha questão debaixo do ponto de vista moral e hereditario.

Minha querida mãe, senhora dos mais sublimes dotes de coração e da melhor constituição physica, passou toda a sua vida, cheia de carinho, dispensando sempre o maximo amor á familia e á humanidade, nunca soffrendo de doenças que lhe tivessem perturbado o uso da razão.

Meu affectuoso pae, homem de construcção herculea, com o espirito radiante de luz e extraordinario vigor, soube sempre conquistar um brilhante lugar na sociedade, tanto no alto commercio, como na finança e politica local; nas luctas politicas teve sempre a apoiar os seus ideaes o notavel parlamentar, de saudosa memoria, sr. conde do Casal Ribeiro (José Maria do Casal Ribeiro) assim como muitos outros vultos de igual envergadura moral e intellectual, dos quaes sempre foi devotado amigo.

E conclue adeante com esta tirada apparentemente erudita, mas nem porisso genial:

N'estas condições não me julgo perdido; tenho o futuro por mim, e para animar a esperança de melhores e mais venturosos dias, preenchidos com um ideal de modelar regeneração, basta-me a opinião de Charles P. Bourget, o eminente psychologo, legitima gloria da França e brilhantissimo autor de monumentaes obras de altissimo valor, parte das quaes foram devotadamente consagradas ao estudo da vida bohemia e dos criminosos por amor, podendo citar a v. ex.ª entre muitas outras obras de tão glorioso escriptor, as seguintes: «A vida inquieta», «Crimes de amor», «Physiologia do amor moderno» e «Idylios tragicos». E a conclusão do sabio mestre é que os bohemios e os criminosos de amor, no tempo proprio, virão a ser os homens do futuro, terminando a existencia com uma vida toda cheia de paz e infinita bondade. Para reforçar a minha ardente vontade de seguir uma vida honesta e a opinião do illustre escriptor de que venho fallando, tenho a registrar que, encontrando em v. ex.ª um generoso coração e um enorme talento, não duvido por isso de que v. ex.ª me ha-de dispensar a sua valiosissima protecção para que os meus desejos sejam cumpridos no mais curto periodo de tempo.

Este mesmo doente redigiu uma outra descripção da sua vida e dos seus crimes, no mesmo tom mixto de erudito e de insensato. Os erros de orthographia abundam, bem como trechos deste theor:

Não me lastimo pelo facto dum bandido com o nome de ... *(segue o nome dum conhecido advogado)* ter trocado a toga altiva de advogado pela libré humilde de perfeito lacaio;

. . . . . .

os verdadeiros motivos que deram causa ao meu processo; cujo acontecimento na phrase elegantissima de Camillo Castello Branco, estaria dando exuberante margem para a confecção dum novo romance com o titulo *Amôr de perdição*. . . . .

. . . . . .

Temos, ainda um tanto interessantes, os escriptos dum antigo doente de Rilhafolles, escripturario de fazenda, que alli entrou com o diagnostico de lypemania, aos 18 annos de edade, em 10 de agosto de 1890, sahindo a 22 do mês seguinte, melhorado, voltando novamente em 1895, e diagnosticando então nelle o dr. Bombarda uma loucura moral.

Este é autor de poesias, charadas e varias narrações de detalhes da sua vida. Em tudo ha grandes demonstrações de inferioridade mental.

Esta dedicatoria dum dos seus trabalhos ao dr. Bombarda é sufficientemente demonstrativa dos seus talentos:

Senhor Doutor Miguel Bombarda, dignissimo medico e director do Hospital de Rilhafolles. — Desculpae-me minhas lettras; não sou francez mas portuguez semelhante a um cego por não ser instruido, ou sem instrucção.

O cego não vê os objectos que o rodeiam ou envolvem; nada distingue. Poder-se-ha comparar ao ignorante; para elle um livro é qual thesouro encerrado; por isso ignora o que aos instruidos causa admiração.

Bem (?) não ter instrucção. Entre V. Ex.ª e minha pessoa, isto é entre nós, separa-nos grande differença; vós sois um distincto medico e eu a meu pezar sou um louco e ladrão — chez les cou-

pables — entre os criminosos. Eu viverei na ignorancia et deshonra — deshonra e vós vivereis no amor social, honnête et instructive — honesta e instructiva.

Vosso creado muito humilde.

Transcrevamos mais o primeiro capitulo de uma sua autobiographia, dedicado a seus paes:

Capitulo I — A meus paes. — Que ardente lagrima humedece o livro das minhas lembranças! Que saudade tão profunda se extingue no templo da minha innocencia!

Que dôr tão dilacerante esmaga a minha vida entre quatro negras paredes dum *Hospital de Loucos!*

Que dolorosos e tristes pensamentos enebriam o meu coração dos prazeres da minha liberdade, quando no throno de honesta profissão arvorava triumphante a bandeira da honra!

Hoje accordei entre a vaidadé dos prazeres mundanos, enclausurado n'um pequeno quarto, encostado a uma meza, assentado n'uma cadeira de braços, escrevendo nas trevas d'ignorancia as palavras proferidas pela voz do meu coração, que julgava ser a penna embellecida (?) na tinta, o echo da minha saudade; a minha mão tremula escrevia.

Effectivamente o som que a caneta faz sobresahir do tinteiro, poderei bem considera-lo, como o echo da lembrança saudosa dos meus pensamentos exarados n'esta minha composição.

Bem infeliz, no Hospital de Rilhafolles, sem amor nem affeição, contemplo a natureza, ouvindo a voz da consciencia dizer-me: Que fizeste, desgraçado? — Um crime.

Para que o praticaste envergonhando deshonestamente os teus paes?

— Por uma mulher perdi minha honra e meu juizo. Não foi a perversidade, que armou o meu braço para o commetter, meus sentimentos eram d'um honrado cidadão, mas sim o fanatismo do amor consagrado a essa mulher, que vaidosamente, sem re-

morsos nem caridade, me precipitou no abysmo da deshonra, condemnando-me á escravidão da loucura.

O dia 14 de Fevereiro de 1895, chuvoso, cujas gôttas da chuva vem batidas pelo vento, entrando por entre o gradeamento de uma janella de perto, banham o meu rosto: creio sejam as lagrimas da minha innocencia, sobre a deshonra, que hoje macula a minha vida, devida ao primeiro crime que commetti.

Meus Paes! Qual a expressão mais suave e agradavel, que, os labios da humanidade possam pronunciar?

Qual o amor, a affeição, o carinho, o conselho, a protecção e o agasalho mais verdadeiros, puros, innocentes, desinteressados e sagrados, que se encontram em nossos pais?

Quereis saber a opinião d'um louco, a moral dos seus sentimentos e a lucidez dos seus pensamentos ao dizer esta phrase —Meus Paes— e a descripção do assumpto? Eu vos contento.

. . . . . .

O que é a mãe?

É um anjo enviado do céu á terra para amparo d'um outro anjo.

O que é um pae?

É um livro de conselhos uteis, honestos e sagrados, que todo o filho deverá respeitar, não olvidando.

Este doente tem ainda umas duas ou três phrases, quasi sem nexo, que intitula ostentosamente «Reflexões dum Louco sobre a degeneração humana».

As suas charadas são numerosas, mas duma textura vulgar. Tem a mania das definições e dos tratados didacticos.

Sonho — escreve — é uma ideia concebida durante o somno.

E adeante:

Somno é o adormecimento do corpo e da ideia.
Vida é a reacção do sangue, a actividade do organismo. Morte — congelação do sangue e paralysação do organismo. Existencia o espaço entre a vida e a morte...

O pittoresco de algumas destas definições não lhes dá, porém, fóros de notaveis.

Este mesmo doente começa um estudo de geologia (?) nestes termos:

A existencia do homem é um mysterio insondavel. O autor da natureza é elle e tem por companheira a mulher. Tem direito e acção sobre todos os outros entes da natureza. Abraçamos como nossos primeiros paes Adão e Eva. Nós somos selvagens sem possuirmos a instrucção e moralidade, sem finalmente sermos educados na associativa civilisação. O homem e a mulher são maus por instincto e mui principalmente o homem e muito mais não sendo moralisados.

Geologia, como sabemos, é o estudo da sciencia humana, isto é, dos animaes racionaes, a quem a Natureza, deu a falla e a comprehensão das faculdades mentaes, direito sobre todos os animaes, acção para exercer a actividade do organismo sobre todos os elementos de que se compõe a superficie do globo — O mundo.

Como se vê, não teem grande valor didactico estes tratados...

*

Os poetas abundam nos manicomios.

O mesmo doente a que acabamos de referir-nos teve velleidades poeticas. Mas as suas poesias não passam desta em merecimentos:

Ao ex.mo snr. dr. Miguel Augusto Bombarda, dig.mo director do Hospital de Rilhafolles. (Acrostico).

Boas festas, anno de ventura e amor,
O louco, vos deseja do coração.
Meus dias passo no leito da cruel dôr,
Bem longe de prazer e de distracção.
A minha alma enebria-se d'ardente amor,
Revendo-se no espelho da sua bondade;
Dê-me alta d'Hospital, senhor Director,
Alegre viverei na honra e liberdade.

Um dos melhores poetas que se tem evidenciado em Rilhafolles, é um louco alcoolico, que em 10 de novembro de 1910 entrou pela 13ª vez naquelle hospital, tendo sahido em 30 de abril de 1911 em remissão. Nesta sua ultima estada no manicomio os principaes symptomas apresentados eram: insomnia, agitação, ideias delirantes, aggressivas e destruidoras, allucinações visuaes, tremor das mãos e dos labios. No seu passado morbido tem excessos alcoolicos, uma meningite aos 16 annos (?), muitos ataques com agitação furiosa, propensões maleficas

e acções deshonestas. O isolamento no hospital beneficia-o sempre consideravelmente, mas uma

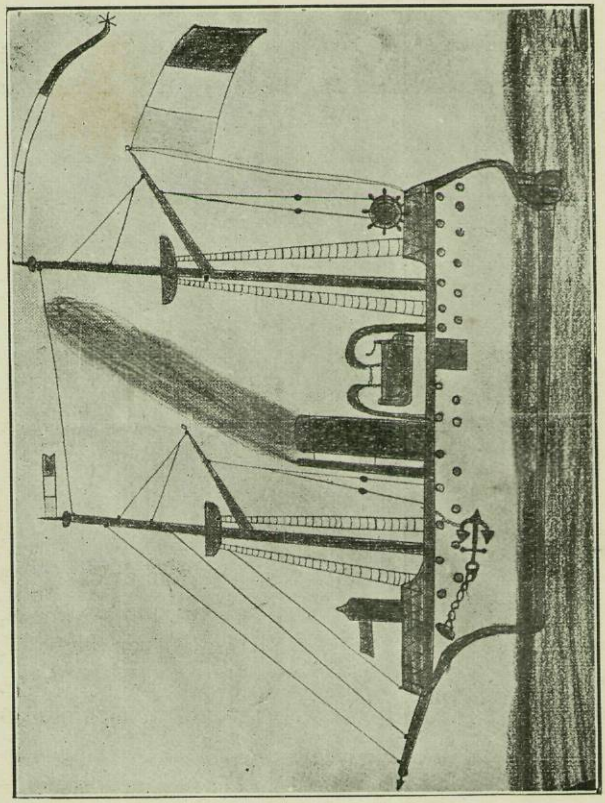

Fig. 17 — Desenho colorido dum doente de Rilhafolles (loucura alcoolica)

vez em liberdade, entrega-se ás suas libações e a esturdias, que de novo o trazem ao fim de algum tempo ao manicomio.

É deste doente a seguinte poesia offerecida ao dr. Miguel Bombarda num cartão, com um desenho de outro doente, representando um urso:

Dedicado ao eminente doutor o ex.mo snr. Miguel Augusto Bombarda.

MOTE

Bombarda, vou-lhe pedir
Um favor enorme, immenso;
Tem que fartar-se de rir
Das coisas que só eu penso!...

'Stando á porta o carnaval
Nada tendo p'ra reinar
Vou vocencia seringar
—*O que é muito natural*—
Não encontra bôlha egual
No presente e no porvir!...
Só ao deixar de existir
Minh'areia terá fim!...
Mi deixe fazer chinfrim,
Bombarda, vou-lhe pedir.

Quer-me amisade provar?
Demonstrar-me sympathia?
Deixe-me troçar um dia
Com o que eu imaginar:
Mande-me um fato emprestar
Inteiriço e rôxo lenço.

Assim eu, com proprio senso,
D'urso farei o papel...
Fico devendo, Miguel,
Um favor enorme, immenso!...

De casa vem a caraça
Mesmo bella p'ra o effeito...
— Caso eu não 'steja no leito
Vae-lhe achar pilhas de graça.
P'ra que mais parodia faça
(Se o meu doutor consentir)
Tambem posso mandar vir
A sopeira espevitada;
E com esta fantochada
Tem que fartar-se de rir.

É mister que o aspirante
Assista ao divertimento,
Montando bello jumento.
Torna a festa hilariante.
E com seu porte pujante,
N'um discurso pouco extenso
Dirá que todos convenço,
Seja qual o typo fôr...
Que até pasma o meu doutor,
Das cousas que só eu penso!...

E digo, mui francamente,
Que famoso carnaval!...
Que bel dulce far niente
Eu goso n'este hospital.

Domingo magro.

É das melhores poesias que encontrámos, mas debalde nella procurariamos traços de genialidade ou mesmo dum talento poetico superior.

Pertence ao mesmo autor esta outra poesia, tambem escripta num carnaval:

Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor Doutor Miguel Augusto Bombarda — 16-2-907.

Isto vae sendo demais!
Já 'stou quasi como o Leite,
Portanto Doutor, acceite
Como desforço os meus ais.

Passei cá dois carnavaes,
Sem pôr em mim um enfeite,
Mas nem por sonhos suspeite,
Que chóro loucuras taes!

Permitta-me pois Vócencia,
Que eu hoje lhe falle tésto,
Sobre a minha penitencia:

Tenho sido bem modesto,
Um escravo d'obediencia,
Mas não posso mais — protésto! —

Rilhafolles.

É dum outro doente de Rilhafolles esta pittoresca e... desmedida trova:

ALICE

Alice! Estrella d'alva scintillante!
Teu corpo gentil é como o diamante,
Parece que n'elle brilham estrellas de mil côres!
Teu andar gracil e donairoso
Parece o pisar gentil do pica-flôr,
O scintilar das estrellas no ether vaporoso!
És andaluza no cabello, arabe na côr!
Tua bocca cheia de promessas de mil beijos!
E o saltitar da arvéloa não é mais formoso!
Alice! Querida Alice! Dona do meu coração!
Sê minha, um só momento, e te juro,
Que farás de mim um ente apaixonado e puro!
O brilho do teu olhar tem o poder dominante
Do clarão de Marte faiscante!
Prouvera a Deus, Alice, que fôras minha um só momento!
E tu verias, minha flôr, quanto o amôr,
É capaz de reacender chamas extinctas ha muitos annos!
Eu quizera, meu amôr, ter trinta annos;
E eu te provaria com ardôr;
De quanto é capaz um coração amante!
Sê minha! Sê minha um só instante;
E tu verás, Alice, de quanto é capaz
O teu virginal pudor, o teu faiscante olhar!
Ai! Alice! Acordaste em mim o leão seductor!
Se tu souberas de quanto é capaz um homem
Desvairado pela paixão, tu correrias a meus braços,
E cheia de perfumes suavissimos, tu, Alice,
Dar-me-hias mil beijos com ardor!

. . . . . .

A par desses poetas mais ou menos felizes encontramos versejadores como este que encheu um caderno enorme com *versos* assim:

VERSOS AO ACAZO

O Sól tambem é Cazádo
E tambem tem mulhér.
É Cazádo com as nuvens
Quando Deus quér.

O Sól não é vadio
Nem é mandrião.
Vai-se á noite
E volta de manhão.

Agora querem vender as Colonias.
Moçambique é para os inglêzes.
Macau é dos Chinezes; e Timor do Holandezes.
Angola querem os Allemães,
E a Guiné é para os Francêzes.

Alérta!... Nóbres portuguêzes?...
Não deixem vender o nosso torrão.
Lá por ser longe o Ultramár,
Depois temos a bancarrôta em toda a nação.

O *Livro de Versos* que contem estes dislates é completado com uma divertida autobiographia do doente, submettida ao titulo «Biographia dum pa-

triota», e com um *estudo sobre o movimento hospitalar de Rilhafolles,* em que, como no mais, nada se encontra de geito.

Este fecundo escriptor entrou a 21 de novembro de 1902 em Rilhafolles para observação medico-legal. Pesava sobre elle uma accusação de homicidio frustrado. A sua vida anterior era um pouco doida. No hospital, manifestou a principio grande loquacidade e delirios, fazendo provocações e praticando aggressões. Mais tarde, ficou mais tranquillo e lucido. Possuia habitos alcoolicos antigos e apresentava tremor de mãos. Foi diagnosticado o seu caso de «loucura alcoolica».

Este doente é autor dum volumoso *Caderno de Navegação de Navios,* constando de muitos desenhos coloridos de navios, da qualidade do que damos á estampa na fig. 17. Não ha alli perspectiva, nem a menor comprehensão das côres. Estas são bizarras, phantasticas. Esses desenhos teem todo o aspecto de obras infantis.

Um hespanhol portador dum delirio de perseguições tambem deixou em Rilhafolles cadernos de poesias da sua lavra, na lingua materna. São todas do theor da seguinte, escolhida ao acaso entre as mais:

Hel Robo la traicion
y la falcedad economica
esto presenciando ohuropa (?)
la moderna inquisicion

publica falcificacion
henel pueblo Lucitano
la Luz del maómetano
la Luz de la Religion
hun avito sin cordon
tengo delante mi vista
yva siquiendo la pista
dell'quiel frasle motilon
con su halforja y su bordon
teneo presente esta pistola.....
¿ que me responde la fisica?
que no sabe trabajar
y que no puede salbar
a pueblo de turbaciones
hel Diablo en los rincones
y no lobe Portugal?!?!?!
hum doutor mui hespecial
o dos ó tres o trescientos
saben muybien este cuento
que Agustiño esta a cantar!.....

Uma doente do Hospital do Conde de Ferreira, com uma paranoia persecutoria, escreveu innumeros cadernos de poesias, em que se encontram algumas de relativa valia, embora mesmo assim se não possam dizer admiraveis. São poesias na sua maior parte religiosas. Esta doente era monja e tem um delirio mystico interessante. Hoje, aproveitando como pretexto a sua surdez real, recusa-se a conversas com extranhos, suspeitando nelles adversarios das suas crenças. É velha, estando já ha muitos annos no hospital.

Não aproveitamos as suas poesias porque duvi-

damos muito da sua originalidade. Essa senhora é uma graphomana curiosa. Ainda hoje reclama constantemente papel e tinta. Copiou livros inteiros do P.e Manoel Bernardes, Visconde de S. Boaventura, e muitos escriptores religiosos illustres. Chegou mesmo, na ancia de escrever, a copiar um almanach inteiro de Lisboa, com o calendario, as tabellas das praias-mar e baixas-mar, as tabellas dos toques de incendio, etc. Ora as poesias que não veem assignadas e que por isso são apresentadas como originaes, não o serão tanto como aquellas com que veem entremeadas e que são subscriptas por nomes mais ou menos conhecidos?

Estamos, no emtanto, convictos da originalidade de alguns trechos de prosa desta senhora. Mas são banaes conselhos aos mortaes, inspirados numa estreita devoção e num receio supersticioso do peccado. Não teem nada de notaveis, o que não impediu entretanto que ella pensasse em publica-los, chegando a sollicitar em vão do sr. conde de Samodães um prefacio para a sua obra.

*

Não abordariamos o capitulo da oratoria, se não houvessemos encontrado no archivo de Rilhafolles um discurso dum alienado ao dr. Bombarda, por occasião do seu regresso de França em 1898. Esse discurso é duma provada insensatez e mal se lhe encontra ordem nos seus raciocinios.

Oradores, pareceria have-los nos manicomios. O brazileiro, paranoico religioso, do Conde de Ferreira, a que já nos referimos, falla com muita verbosidade. E o mesmo se dá em alguns casos de mania aguda e nos primeiros periodos da paralysia geral. Mas que vacuidade de sentido, que miseria de conceito! Succede, mesmo nos delirios systematisados, perder-se constantemente o fio do raciocinio.

O paranoico de que fallamos, declamou um dia na nossa presença: «É preciso modernisar a religião! A futura religião sahirá do laboratorio!» Esperavamos uma tirada haeckeliana em seguida. Nada d'isso. Aquella affirmativa, indicando apparentemente uma brilhante sequencia de ideias, pulverisou-se logo em palavras sem nexo

Uma hysterica, com uma educação aristocratica e uma delicadeza encantadora, dizia um dia ao dr. Julio de Mattos na nossa presença: «Padrinho (é assim que ella chama ao illustre alienista), pensar custa tanto! Pensar faz soffrer tanto!» Esta phrase que Shakespeare poria na bocca d'Hamlet dava-nos esperança de ouvir grandes coisas áquella senhora. Mas qual!? Nada mais disse além de banalidades apenas apreciaveis pela sua delicadeza e fina correcção.

Os maniacos, os paralyticos geraes, etc., fallam muito, mas nada se aproveita do que dizem. Um — que ouvi no curso de psychiatria do dr. Julio de Mattos — defendia as vantagens alimentares da palha para a especie humana; outro em Rilhafolles, garan-

tia ao sr. dr. Archer da Silva, apezar de nos vêr pela primeira vez, que eramos... primo co-irmão, daquelle distincto clinico e, julgando-se D. Sebastião, descrevia enthusiasmado a maneira como se salvara na batalha de Alcacer. São de todos os dias estes casos nos maniconios. Pódem assemelhar-se os genios da oratoria a estes verbosos insensatos?

*

Os delirios dos infelizes loucos suggerem-lhes a transmissão ao papel das mais estupendas divagações. Encontrámos em Rilhafolles e no Conde de Ferreira os mais extravagantes projectos de lei, as mais divertidas invenções. O padre, paralytico geral, que esteve no Conde de Ferreira, e a quem já nos referimos, *reformou* a guarda fiscal, a guarda republicana, a policia, etc. com duas pennadas, e assegurou a paz universal, dividindo o mundo em três partes, cujo dominio caberia respectivamente aos reis de Hespanha e de Inglaterra, e a elle, doente, e mandando erguer no Porto um monumento *que se visse de toda a terra!* Era a virgem Maria, dizia elle, que lhe dictara tão extranhos projectos.

Um alienado de Rilhafolles redigiu um Codigo Penal, em que se leem disposições desta ordem:

> Cada qual é julgado na sua altura porque o que vae matar e roubar de senso pensado tem um crime. Póde julgar-se á pena de morte para os mais tomarem exemplo.

Nas invenções e descobertas *scientificas*, a mesma falha de senso.

Um doente de Rilhafolles, portador de uma paranoia erotica, endereçou cartas á ex-Rainha D. Amelia, ao Duque de Orleans, etc. communicando ter descoberto os principios da direcção dos balões, segundo os principios da navegação maritima. A exposição que faz é verdadeiramente ridicula.

Outro doente, um perseguido, escreveu um livro de receitas culinarias e de explicações de assumptos agricolas: é uma serie de regras insensatas, ridiculas ou banaes. Veja-se esta receita culinaria:

Gallinha. Póde coser-se com arroz, com os temperos competentes, e depois desfiar-se e fazer-se-lhe o mesmo que á carne de vacca, fazendo assim um bom arroz e um bom guisado ao mesmo tempo.

*

Encontrou Lombroso nos manicomios mais ou menos genuinas manifestações de humorismo. Confessamos que, segundo a nossa observação, a graça que alguns alienados teem, se origina apenas na insensatez ou irrealidade pittoresca dos seus ditos ou escriptos. Fez-nos rir vivamente a leitura das annotações dum louco de Rilhafolles ao texto dum discurso do dr. Bombarda sobre *A Biologia na Vida Social*. Essas annotações, que pretendem demonstrar a inexactidão e a incoherencia do artigo, suggerem

ao louco commentador a seguinte phrase realmente divertida: «A minha melhor defeza é este discurso do Doutor Bombarda!»

Encontrei tambem signaes cabalisticos, symbolos esquisitos e palavras especiaes em trabalhos de alienados. Transcrevo algumas linhas dum inexplicavel escripto dum doente de Rilhafolles:

Em retremerencia ao reino velpudiar que consigna nas marés reinauta (Amostardam) em deselpesia de dezobriga e corregelinaria a todos castelares que de primo tivessem em circuladôr.

Retirada de tulellas por marquiação sygnistal do padestre e subestalia ao mediametro regi em elequencia por primar em envangelista mãe de podêr angelico que no cabido de esplelmiação guilastica a esphermia a terra firme em pericão.

Mas onde ha aqui parecenças com o genio?

O louco é geralmente um debil mental. Não me esquece aquelle perseguido que andou immenso tempo a aguçar um pausito, radiante com a ideia de que mataria o dr. Magalhães Lemos com essa ridicula arma (fig. 7). A epilepsia em cuja familia Lombroso inclue o genio, é mesmo caracterisada symptomaticamente por um enfraquecimento mental.

*

Lombroso deu ainda grande importancia aos jornaes de alienados. Encontrámos um em Rilhafolles, de que só vimos o primeiro numero. Intitula-

va-se *Echos de Rilhafolles,* e tinha por collaboradores um louco moral, um demente paralytico, e um paranoico com delirio de perseguições. As caricaturas desse jornal são lamentaveis, os artigos duma provada insensatez ou plagiados. Leem-se alli anecdotas já conhecidas, epigrammas vulgares, infantilidades futeis e risiveis. No alto, ao lado desta nota *"É o jornal de maior circulação em todo o mundo — Tiragem 1 exemplar"*, em que ha pretensões a humorismo, vê-se esta prevenção infantil: *"A lettra não póde ser melhor porque o cartão é ordinario"*.

A Inglaterra apanhou naquella folha uma formidavel sóva, a proposito da guerra com os *boers*. Os redactores do pittoresco jornal chamam a estes «os nossos amigos *boers*».

*

Vimos como o alienado-poeta é inferior no geral nas suas producções. Podemos dizer o mesmo dos outros alienados-artistas.

No Hospital do Conde de Ferreira, recolhemos uma desastrada e incomprehensivel composição musical (fig. 1) e alguns desenhos á penna (figs. 2, 3 e 4) dum doente, portador dum delirio erotico. Estes ultimos são duma infantilidade completa. Tambem alli encontrámos um grosseiro medalhão em barro (fig. 5), pretendendo debalde representar o dr. Julio de Mattos. Um talher, enfiado numa argola, (fig. 6) — tudo modelado em madeira por um doente

daquelle mesmo hospital, — é uma obra original, mas sem valia nem elegancia.

Em Rilhafolles, encontrámos melhores manifestações de arte, mas ainda assim, no geral, inferiores ás de um talento mediano.

As mais valiosas são dum doente, que falleceu em 23 de janeiro de 1905 com uma demencia paralytica. Era, antes de entrar em Rilhafolles, um pintor de merecimento. Alli fez algumas coisas de certo valor, nos momentos de maior lucidez, como o retrato da fig. 8; mas a par dessas, em que aliás se não mostra genialidade, ha algumas desastrosas, como seja um desenho existente no album do manicomio, em que se representa o medico passando revista, acompanhado pelo pessoal de enfermagem, aos doentes em fila. São figuras grotescas, mal desenhadas, as que esse pintor alli traçou.

Um caricaturista, com alguma habilidade, é um louco moral que entrou, uma segunda vez, a requisição da policia, no hospital em 7 de junho de 1901 e sahiu dalli no mesmo estado a 16 de maio do anno seguinte. O relatorio policial dava-o com os seguintes symptomas: Delirio de perseguição, insomnia, recusa de alimentos, agitação furiosa, propensões maleficas e acções deshonestas. No periodo de admissão, apresentava grande loquacidade, extranhos soliloquios, esboços persecutorios. As suas caricaturas (fig. 9), se não revelam uma inepcia completa para o genero, não são entretanto notaveis.

Mais notaveis são as pinturas dum outro louco moral que entrou em Rilhafolles a 6 de agosto de 1903 para exame medico-legal.

A sua observação hospitalar foi condensada no seguinte:

Tranquillo, apparentemente feliz embora esteja recluso ha nove mezes, tem-se entretido em coisas pretendidamente artisticas, pinturas, desenhos e modelagem em madeira. É um facto que tem certa habilidade manual a ponto de na terra ser reconhecido pelo homem de sete officios (retratos, taboletas, relojoeiro e versos) mas nada disso tem valor. Por outro lado apparente lucidez, mas por um exame mais profundo denota-se ausencia de criterio; falta constantemente á verdade para se defender dos crimes;faz-se homem de bem e lamenta a falta de intelligencia nas pessoas que quer convencer. Inventou uma historia de hespanhoes e francêses para se livrar da policia que o ralava; não ha duvida que soffre de imbecilidade moral aliada a uma fraqueza intellectual. A falta de criterio é completa e comprovada:

1.º—Pelos actos criminaes e pelas moedas grosseiramente feitas (era accusado do crime de fabrico de moeda falsa);

2.º—Pelas historias phantasticas;

3.º—Pela crença de que os outros podem ser enganados em presença das flagrantes contradicções e das provas do crime;

4.º—Pela pretendida honestidade;

5.º — Pela attitude alegre e feliz;

6.º — É perfeitamente uma creança que se castiga e que logo em seguida tira proveito do castigo;

7.º — Estigmas: labio lepurino.

Este doente pintou um grande quadro (fig. 10) que não sendo muito primoroso e admiravel, revela entretanto uma certa habilidade, e fez um grande pastel, com o retrato do fallecido D. Carlos, que tem algum merecimento (fig. 11). A moldura, em madeira, é tambem sua.

Não é desprovido tambem de merecimento o retrato dum typico degenerado (fig. 12), que não tem a designação do autor e figura no album de Rilhafolles.

Um curioso alienado-artista é tambem um louco moral, desenhador particular, solteiro, natural do Porto, que entrou em Rilhafolles para exame medico legal em dezembro de 1901, com 29 annos de edade, tendo já estado no Conde de Ferreira, onde deixou producções suas.

O pae foi alienado, embora digam ter feito poesias de valor. A mãe era intelligente e illustrada, e tinha mais 5 annos do que o pae. Desse casamento nasceram nove filhos: 1 e 2, gemeos mortos; 3, o doente; 4, morto aos 21 annos com um ataque de figado no Brazil; 5 a 8, dois rapazes e duas raparigas que morreram de meningite, ainda novos; 9, rapariga que vive com a mãe. O avô paterno matou a mulher de quem tivera o pae do doente. Este teve bexigas e sarampo e tem passado uma vida acci-

dentada. Foi militar e esteve, como tal, em Africa, tendo uma carreira indisciplinada e semeada de incidentes. Escreveu uma autobiographia pretenciosa e mal feita.

Possue um temperamento nervoso e é magro. Apresenta os seguintes caracteres physicos: craneo muito alto, depressão na glabella, convexidade frontal muito pronunciada acima; orelhas grandes, malformadas, de lobulo muito curto e ponta adherente; cavidade buccal muito espaçosa; dentes cariados, alguns mal implantados; face muito longa; grande altura (1m,70); corpo e membros *elancés;* dedos muito longos, encurvados; queixo recuado; indice cephalico 78, 4 (14, 2 / 18, 1); campo visual normal (por 60-85 nos diversos raios) [1].

Teve allucinações auditivas. Diz ter começado aos 14 annos a soffrer duma *enterite.* É desde novo — affirma — um *neurasthenico.* Accusa constipação e diarrhea alternadas, irritabilidade, insomnias, desgostos, preoccupações, sonhos — antigamente phantasticos, agora banaes, burguezes, segundo a sua expressão. Affirma que o seu mal é sobretudo uma intoxicação pelo excesso de tabaco.

É um homem regularmente intelligente, mas tem a preoccupação de usar só palavras bem soantes. Berra á janella de noite. Quer constantemente

[1] Este ponto da observação é dos peritos medico-legaes.

sahir a passeio. Fóge de fallar no lado moral, mas ahi reside o seu mal primario. Foi internado por proferir obscenidades em voz alta num theatro.

Na observação hospitalar figuram a respeito deste doente, ainda os seguintes symptomas: soliloquios, coleras, provaveis ideias de perseguição, talentos e falhas notaveis, habitos alcoolicos, fundo de desequilibrio.

Perguntámos-lhe pelos seus trabalhos de arte. Disse não ter agora nada que se veja, culpando do facto com pretenciosismo a falta de atelier, dum ambiente proprio. Estudou na Escola de Bellas Artes algum tempo, ao que nos affirmou.

Vimos alguns dos seus trabalhos artisticos no album do hospital. Reproduzimos em gravura algumas pinturas (figs. 13, 14 e 15). A primeira é dum symbolismo pretencioso e infeliz, apesar da factura não ser de todo desastrada. A segunda é a melhor. A ultima apresenta um aspecto egypcio, extranho, e, sem ser de boa factura, revela um nitido anachronismo, já notado por Julio Dantas nas obras artisticas d'alienados.

Em todas estas pinturas ha sobretudo, entre os defeitos já referidos, uma noção falsissima da côr. Que bizarros coloridos alli apparecem!

Este doente é autor duma *tragedia da humanidade,* intitulada «Cahim», que é tão pedante como inferior. A descripção dos scenarios é duma minucia pomposa, que toca por vezes as raias da inverosimilhança. Os personagens gesticulam mais

do que fallam e tudo se resume na agonia do protogonista:

CAHIM — Aqui!?!... *(Ergue o olhar á lua e brada)* — Pae! — *(com os dois braços abertos em cruz, e cahe de bocca no solo).* — Mãe! *(Os dois homens correm a Cahim sobresaltados).*

E a neta, Trilla, corre para o cadaver:

— Avô!... Avô!...

É precisa uma grande somma de benevolencia para tomar a serio esta... *tragedia da humanidade!*

Não esqueçamos nesta serie de referencias, um epileptico, professor primario, já fallecido, que deixou em Rilhafolles, innumeros documentos da sua insanidade mental. Era um graphomano. Como muitos outros alienados, tinha a mania de colorir as cartas mais banaes com côres bizarras e enfeita-las com desenhos cabalisticos sem o menor valor. A fig. 16 mostra uma das suas producções artisticas. É dum anachronismo desconchavado. Este doente tinha a mania de elaborar compendios e editar livros. Fartou-se de escrever contas-correntes da sua pretendida livraria. Não se aproveita um só dos seus muitos trabalhos.

Teriamos mais producções de arte a citar mas são de uma inferioridade mais do que flagrante. Em Rilhafolles existe, por exemplo, ainda um idiota microcephalo que se não cansa de fazer desenhos colo-

ridos e tem um extraordinario orgulho pelo que faz. Tambem no album figuram trabalhos dum outro epileptico, que são duma infantilidade innegavel, trabalhos dum perseguido, dum antigo artista maniaco, dum paranoico com delirio de grandezas, etc. Mas são todos muito inferiores.

*

De toda a longa explanação que fizemos se conclue nitidamente que a mentalidade dos alienados não attinge os limites da genialidade e mesmo do autentico talento.

Nas minhas observações notei que predominavam entre os alienados com tendencias artisticas os pintores, seguindo-se-lhes os poetas. Os casos em que encontrei notaveis tendencias d'arte foram, classificados segundo as respectivas formas de alienação: loucura moral, 3 casos; loucura alcoolica, 2; demencia, 2; paranoia persecutoria, 2; epilepsia, 2; megalomania, 1; idiotia, 1. Total 13.

É pouco para tirar conclusões sobre a influencia da forma da alienação na intensidade maior ou menor das tendencias artisticas.

O que pudémos verificar é que os alienados autores de mais apreciaveis trabalhos d'arte eram já artistas, e alguns de valor, antes da sua doença.

Como Lombroso, pudemos tambem constatar que a forma da alienação influe na natureza dos themas escolhidos para objectos dos trabalhos d'arte. Um

megalomano em Rilhafolles desenhava sempre grandes personagens A perseguida do Conde de Ferreira, de que fallámos, tem, por causa do seu delirio mystico, uma predilecção exclusiva pelos assumptos devotos. E o mesmo nos outros casos.

A verdade, porém, é que o genio e o genuino talento não florescem dentro dos manicomios, como Lombroso pretendia. O symbolismo excessivo, o anachronismo (ás vezes, nitida infantilidade), a minucia, o absurdo, a monotonia, a originalidade, a imitação, são, com muitos outros, caracteres contradictorios que se notam, mais ou menos constantes, nas producções de alienados. Mas isso approxima-os do genio ou do talento? Basta o disparate para inutilisar a originalidade, a monotonia e a imitação para evitarem que a logica possa definir a genialidade nos loucos. Raro as obras destes podem sequer ser tomadas a serio, — escreveu Etienne Rabaud com razão.

*

Restar-nos-hia para concluir a nossa analyse da obra de Lombroso, mostrar a inutilidade, como argumento, do seu estudo sobre os mattoides. Pareceu-nos vêr no Veiga, personagem do *Serão Inquieto,* de Antonio Patricio, um semi-louco com rasgos de talento. Patricio fazia-o autor de declamações dum pantheismo tão eloquente, que suppuzémos existir alli um curioso objecto de estudo,

digno de avultar na galeria dos mattoides de Lombroso. Esse homem não tem porém o espirito superior, embora desequilibrado, que a descripção hyperbolica do illustre litterato fazia suppôr.

Mas esses mattoides de fórma alguma servem para justificar a theoria lombrosiana. O mesmo Lombroso escreve que elles «são a negação do genio» [1]. O caracter mais geral dos seus projectos — diz o mesmo psychiatra — é a tolice [2]. Isto não nos parece que os colloque a par do genio.

Queremos acreditar que alguns sejam uns genios *falhados* [3]. Mas que significa isso, senão que a natureza fez uma obra imperfeita nesses casos? Na grande maioria, porém, são uns perseguidos egocentricos, uns desequilibrados, debeis e vaidosos, uns pretenciosos sem ideias, como diz ainda Rabaud, uns insensatos que inventam o motu-continuo e as *doenças ellipticas*.

[1] Lombroso — Liv. cit. pag. 363.
[2] Idem — pag. 379.
[3] Etienne Rabaud — Liv. cit. pg. 54.

Conclusão

Julgamos, ao concluirmos este nosso estudo, ter provado como são mal fundamentadas as doutrinas que estabelecem a morbidez do genio e do talento, e despretenciosamente arriscámos a opinião de que este e aquelle são manifestações dum aperfeiçoamento hygido, não dum regresso atavico, duma degenerescencia, ou duma psychonevrose nitida.

Não damos peremptoriamente por assente e resolvida a these da hygidez dos homens superiores. Exigir-se-hia para isso o conhecimento pleno dos phenomenos mais detalhados da psychicidade do genio ou do talento, ou seja o conhecimento do mecanismo intimo das manifestações psychicas, no grau da sua maior complexidade, e da base somatica dessas manifestações. As hypotheses e as theorias abundam neste ponto. Mas a sciencia ainda se não pode julgar na posse do conhecimento exigido, embora modernamente numerosas investigações se tenham dirigido nesse sentido, algumas com um exito parcial como as de Flechsig, por exemplo.

Mas o que fica assente, em nosso parecer, é a insufficiencia dos argumentos com que se pretendeu provar a natureza psychopathica de todas as actividades superiores dos espiritos privilegiados. O genio e o talento, segundo o que no actual estadio da evolução scientifica é licito acreditar, não estão ainda, sem possivel contestação, no dominio exclusivo da pathologia.

Proposições

Anatomia descriptiva — O conhecimento desta materia, sem se completar com o da anatomia topographica, é inutil para o medico.

Physiologia — Num mesmo individuo, não ha independencia de funcções como não ha independencia d'orgãos.

Materia medica — A cryogenina é o melhor antithermico chimico.

Pathologia geral — As theorias de Metchnikoff e de Ehrlich sobre o mecanismo das phlogoses e da immunidade completam-se, não se oppõem.

Pathologia externa — O methodo de compressão de Bier deve ser excluido da pratica therapeutica.

Pathologia interna — A velha noção clinica das monomanias e dos delirios parciaes não deve ser de todo bannida na nosographia psychiatrica.

Hygiene — A regulamentação sanitaria da prostituição não produz o imaginado beneficio social.

Operações — O cirurgião nunca se deve esquecer, antes duma operação, de examinar o estado mental do doente.

Anatomia topographica — O conhecimento desta materia não póde alcançar-se sem o da anatomia descriptiva.

Partos — Ás lições do melhor tratado sobre indicações de cirurgia obstetrica são preferiveis a pratica e a intelligencia do parteiro.

Medicina legal — A archaica noção de responsabilidade deve ser substituida em criminalogia pelo criterio mais scientifico da temibilidade.

Anatomia pathologica — Os tumores epitheliaes de cellulas pavimentosas no estomago são sempre secundarios.

Histologia e physiologia geral — Os trabalhos de Flechsig permittem dar uma explicação scientifica da psycho-physiologia do genio e do talento.

Visto.
A. Brandão
Presidente.

Póde imprimir-se.
A. Brandão
Director interino da Faculdade.